

@Verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela KPMG

twitter.com/verdademz

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 13 de Setembro de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 253 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas



@OficialWizzy: #News: OJM deve assegurar a vitória da Frelimo nas eleições: Apesar da campanha eleitoral ainda... <http://t.co/w39IPtgaF7> via @verdademz

@AIMero05: CNDH em 1 ano de existência atendeu 36 casos de violação dos Direitos Humanos, maior parte cometidos pela polícia. @DemocraciaMZ

@VirgilioDengua: @Verdademz Memórias de 11 de Setembro <http://t.co/65OX9au9yC>

@OficialWizzy: #News: OJM deve assegurar a vitória da Frelimo nas eleições: Apesar da campanha eleitoral ainda... <http://t.co/w39IPtgaF7> via @verdademz

@unclesam126: @DemocraciaMZ Opa, toda hora a irmos contra os grandes projectos não dá!!! É o desenvolvimento que chegou, não temos medo das mudanças.

@chuabo1961: @verdademz Deveria haver uma consequencias aos proficionais de deste posto de saúde, para ser um sinal para todo Moçambique.

@VirgilioDengua: @Verdademz Memórias de 11 de Setembro <http://t.co/65OX9au9yC> via @VirgilioDengua

@i_collinson: E já está decidido? "@DemocraciaMZ: A #Renamo vai recorrer à violência para inviabilizar as eleições #autarquicas2013 #Moçambique

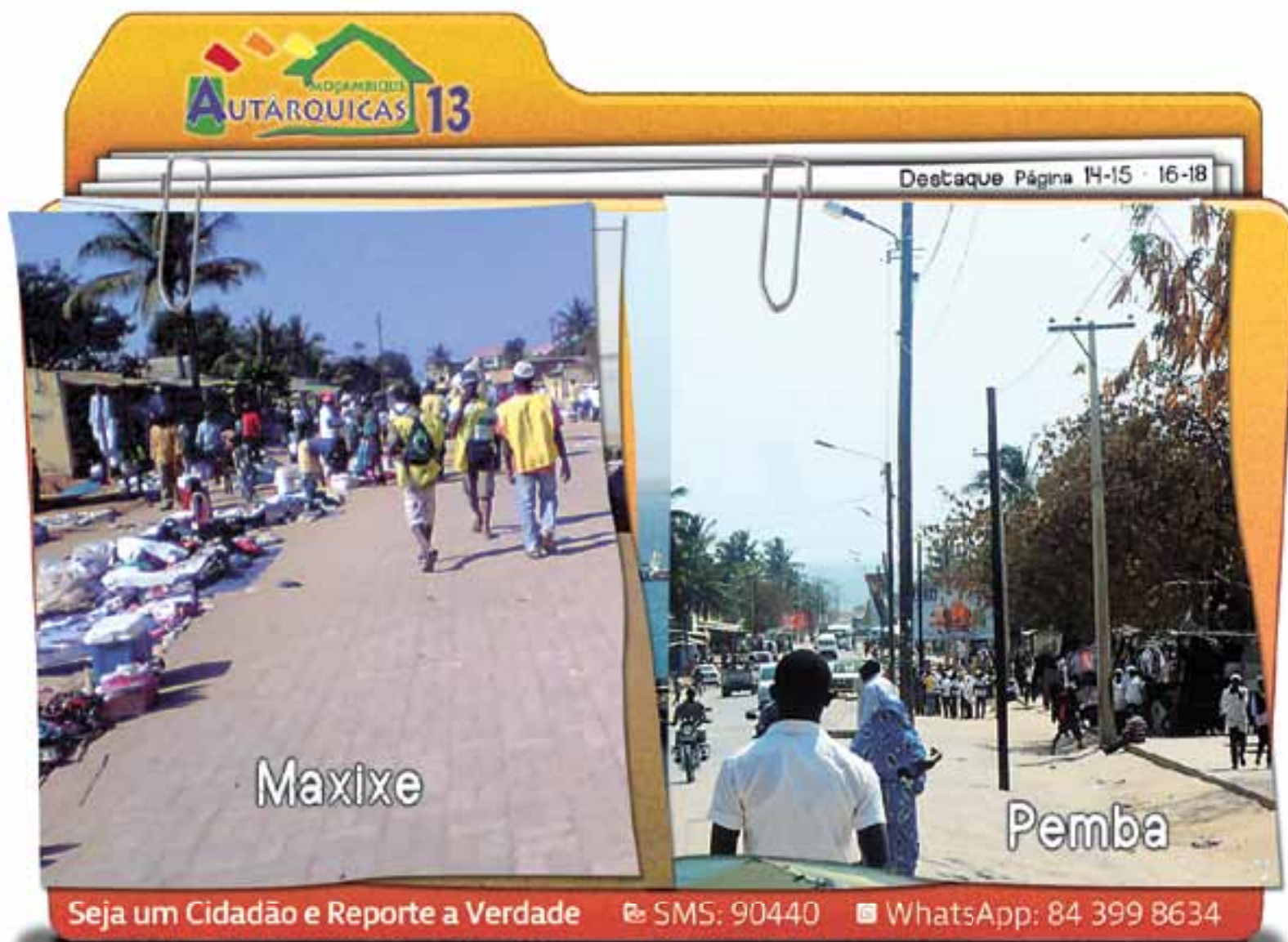
@gundana320: @verdademz Se estudantes universitário em Inhambane não sabem o significado do 7 de Setembro, não imagino o pequeno Joazinho da rua 6.

@unclesam126: @DemocraciaMZ Opa, toda hora a irmos contra os grandes projectos não dá!!! É o desenvolvimento que chegou, não temos medo das mudanças.

@TheRealWizzy: Mas que vergonha. "@verdademz: Helena Taipo recusa contratação de estrangeiros para a Escola Infantil em #Maputo <http://t.co/Q34eAgUX0h>

@OficialWizzy: #News: OJM deve assegurar a vitória da Frelimo nas eleições: Apesar da campanha eleitoral ainda... <http://t.co/w39IPtgaF7> via @verdademz

Caro leitores,
a operadora de telefonia móvel Vodacom, em Moçambique, cessou o serviço que permitia aos seus clientes acederem a rede micro blogging twitter através de mensagens de texto SMS o que está a impedir, há algumas semanas, os nossos leitores de receberem informação actualizada do jornal @Verdade nos seus telemóveis por SMS.



Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07

Novo ano escolar começa em Fevereiro

Sociedade PÁGINA 04

Moçambicanos entre os melhores velejeiros africanos

Desporto PÁGINA 22

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

“ O que mais preocupa não é o grito dos violentos,
nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética.
O que mais preocupa é o silêncio dos bons. ”

— Martin Luther King



O Jornal mais lido em Moçambique.

Editorial

averdademz@gmail.com

Os pregadores da auto-estima

Não há nada mais obscuro do que ter o destino de uma nação confiado a um grupo de pessoas vaidosas que, por alguma carga de água, se considera “dono do país”. Não existe algo mais repugnante e, ao mesmo tempo, revoltante do que um Governo que sistematicamente demonstra desprezo absoluto por alguns direitos fundamentais da população moçambicana.

Hoje parece que ninguém tem dúvidas de que o único sentido de economia que os “donos do país” conhecem é o de esbanjamento dos bens públicos. E, de forma inescrupulosa, pregam a doutrina de auto-estima, à semelhança dos fervorosos pregadores neopentecostais que “vendem” esperança ao já sofrido povo moçambicano. Na verdade, os empreendedores evangélicos, que brotam a cada esquina do país qual cogumelos depois da chuva, têm alguma réstia de sentimento, porque, em troca de díizimos e ofertas alçadas, prometem curas milagrosas e prosperidade. Porém, não é o caso dos pregadores da auto-estima. Estes são asquerosos, insensíveis e, em lume brando, prosseguem, indiferentes ao eleitor, ao povo e à opinião pública.

Alérgicos a qualquer tipo de crítica e com os sentidos embotados por causa da sua vaidadezinha política e pessoal, pregam a auto-estima nos comícios e nos massificados almoços regados com vinho e uísque pagos com suor, lágrimas e sangue do povo que se auto-flagela na expectativa de milagres e de um suposto futuro melhor, enquanto o país continua a andar aos papéis e à volta do próprio umbigo.

Os pregadores de auto-estima não são capazes de sair dos seus covis para ver a pobreza que anda paredes meias com a opulência na qual estão mergulhados. E, como se não bastasse, não têm a humildade suficiente para admitir que são a causa da desgrenhada miséria que asfixia milhões de moçambicanos. Diga-se, de passagem, que só saem dos seus covis para emitir esgares através dos meios de comunicação social à sua disposição e pregando, aos quatro ventos, a auto-estima para adormecer/anestesiarem a população. Só saem do covil para mostrar o sorriso de contentamento pela descoberta de mais recursos naturais no país.

É fácil falar de auto-estima quando se vê o país do alto, a bordo de uma aeronave. É simples falar de auto-estima quando se vive num palácio a respirar conforto. É fácil falar de auto-estima quando não se vive em condições de extrema pobreza e no meio do esgoto. É mais simples quando se tem o que comer ao mata-bicho, almoço e jantar. É mais simples ainda quando se pode escolher entre um bife à portuguesa e camarão tigre grelhado. É fácil falar de auto-estima quando não se é forçado apinhar-se – qual gado – numa carrinha de caixa aberta para chegar ao local de trabalho. É fácil quando não se tem um parente a definir no chão do corredor de uma unidade sanitária, aguardando cuidados médicos. É, em suma, muito fácil falar de auto-estima quando se tem participações em tudo o que é empreendimento no país.



Boqueirão da Verdade

“Aquilo que o Governo pretende é que haja, realmente, esse encontro com a minha pessoa e o senhor Dhlakama. Temos dito isso há muito tempo, muitas vezes e quero acreditar que também acreditam que, sempre que posso, me encontro com ele. Aliás, já fiz isso. Já dei esse gesto no passa-do. Também expliquei, numa outra ocasião, que o meu encontro com o senhor Afonso Dhlakama não podia alimentar expectativas que não sejam totalmente satisfeitas. Porque isso ia dar um sinal muito forte, não pelo encontro, mas porque, depois de nos encontramos num dia, no outro, as pessoas voltam a frustrações. Mas devem dar esperança dos problemas que vão ser resolvidos. E qual é a esperança. É que, depois do encontro, as pessoas se sintam mais livres, as pessoas possam falar à vontade como têm falado até agora e sem receios de serem ameaçadas ou intimidadas”, **PR Armando Guebuza**

“Para não dizer que eu é que estou a negar, garanti (aos membros do Observatório Eleitoral) que estou disposto a ir a Maputo”, **Afonso Dhlakama**

“Na verdade o Governo escreveu ao Gabinete da Presidência da Renamo, invocando motivos de carga de agenda, para dizer que não estava disponível na segunda-feira para esta ronda. Das informações que temos, consta-nos que realmente se trata de questões de agenda e nada tem a ver com o romper do diálogo como se pensa”, **Augusto Mateus, chefe do gabinete do presidente da Renamo**

“No encontro que o presidente da Renamo manteve com os membros do Observatório Eleitoral em Santundjira, apenas ele disse que só estava disposto a regressar a Maputo, se as questões político-estratégicas que lhe levaram a sair de Maputo a Nampula e de lá a Santundjira, bem como as cinco questões colocadas pela Renamo em cima da mesa do diálogo, sobretudo o Pacote Eleitoral, fossem ultrapassadas. No entanto, não evocou razões da sua segurança. Aliás, é aqui (em Maputo) onde está localizada a sede do partido. A sua estadia em Santundjira é uma questão de estratégia política e de reivindicar as preocupações do partido e não tem nada a ver com a segurança”, **Idem**

“Dizem que a origem da burguesia nacional é a capoeira. O candidato a pato só tem que se desdobrar e habilitar-se a comer milho, de ‘batuque e maçaroca’ ao alto, de braço direito levantado ao alto até deixar ver a sovaqueira barbeada e suja. E quando estiver devidamente domestificado que lhe dispensam a capoeira e lhe vão mostrando a machamba de milho que é o país. Sim, disse-o bem: este país é uma machamba de milho”, **Adelino Timóteo**

“Compatriotas, ‘prevenir é melhor do que remediar’. Ninguém se esqueça de que o pronunciamento habitual nas esquadras da PRM é que ‘não temos efectivo’. Mas quando é para cumprir uma directiva do partido no poder surgem efectivos mesmo que alguém tenha de interromper férias ou folgas. (...) Não se pode permitir

que a PRM tome partido e que actue em obediência a comandos partidários”, **Noé Nhantumbo**

“Os ‘arruaceiros’ ou ‘brigadas de choque’ sob controlo de partidos, como as que actuaram contra jornalistas da STV na Beira, recolhendo factos de manipulação do processo de candidaturas nas mesas de voto eleitoral, devem ser desmascaradas e neutralizadas, pois constituem instrumentos de terrorismo político inaceitáveis numa democracia digna desse nome. Não se pode permitir que Gaza e Manica continuem as capitais da intolerância política em Moçambique. Todo o silêncio dos dirigentes de partidos cujos militantes e simpatizantes actuem com violência é cumplicidade activa”, **Idem**

“Não há campo favorável para a participação nas eleições. A composição da Comissão Nacional de Eleições não está completa. Apelamos ao Conselho Constitucional para que declare nulas as deliberações tomadas por indivíduos que actualmente se fazem passar por membros da CNE”, **Caetano Fabile, presidente do Partido de Liberdade de Moçambique**

“Estas práticas hediondas são materializadas pela Polícia da República de Moçambique (PRM), com a colaboração directa dos Secretários dos Bairros e Policiamento Comunitário, que vão de casa em casa dos desmobilizados da RENAMO, e os rapta para serem torturados até à morte”, **Fernando Mazanga**

“O carvão mineral ocupou a cabeça dos membros do partido no poder. O Governo recusa alterar a Lei Eleitoral para acomodar a paridade na Comissão Nacional de Eleições, porque tem medo de sofrer uma derrota re tumbante”, **Noé Marimbique**

“Nós não estamos em condições de pegar no dinheiro e guardar num banco. Temos uma insuficiência em infra-estruturas, temos um tecido social bastante fragilizado. Portanto, temos um conjunto de aspectos que precisamos de endireitar”, **Custódio Nguetana, porta-voz do Ministério dos Recursos Minerais**

“Esse comportamento de fazer queixinhas sem provar mostra que a Renamo não gostava do seu General e muito menos desses outros dezasseis membros que alegam correr risco de vida. Se houvesse alguma preocupação de verdade procuraria provas antes de acusar e entregaria o caso à justiça. Essa forma de fazer política soa a tática de guerra”, **Juma Aiuba**

“Esperava, para além da apreciação desses pedidos, que o nosso órgão de administração da justiça constitucional dissesse algo sobre a impossibilidade constitucional de os juizes exercerem outras funções que não sejam as de judicatura e docência. O Conselho Constitucional decidiu, mas não apreciou nenhuma destas questões porque questões prévias – ilegitimidade dos requerentes e intempestividade do pedido – impediram o conhecimento do fundo da causa. Problema resolvido? Claro que não”, **Tomás Timbana**

OBITUÁRIO:

Ronald Coase
1910 – 2013
102 anos



O economista Ronald Coase, distinguido com o prémio Nobel da Economia em 1991, morreu nesta terça-feira em Chicago, nos Estados Unidos, aos 102 anos, anunciou a Universidade de Chicago, onde era docente.

Economista norte-americano, de origem britânica, nasceu a 29 de Dezembro de 1910, no Middlesex, e licenciou-se em 1932, na London School of Economics, onde também se doutorou em 1951. Partiu depois para os Estados Unidos da América onde leccionou nas Universidades de Buffalo, Virginia e Chicago. Foi simultaneamente editor do Journal of Law and Economic. Ronald Coase desenvolveu trabalhos sobre a natureza das empresas.

Criou uma teoria geral da estrutura das instituições, mostrando o importante papel dos custos de transacção na definição das empresas. Por outro lado, analisa a “economia da propriedade” e a “economia do direito”, questionando-se sobre o efeito económico da propriedade na sociedade.

De entre as suas obras destacam-se: British Broadcasting – A study in Monopoly, The Firm, the Market and the Law, e Essays on Economics and Economists. A Ronald Coase foi atribuído o Prémio Nobel da Economia, em 1991, pela descoberta e definição rigorosa da clarificação do significado dos custos de transacção e direitos de propriedade para a estrutura institucional e funcionamento da economia.

Numa carreira de sessenta anos, ele escreveu apenas cerca de doze artigos importantes. Ele usava pouquíssima – quando usasse – matemática nos seus trabalhos, tratando com desdém o que ele chamava de “economia de quadro-negro”. Ainda assim, teve um profundo impacto na economia, produzido quase que exclusivamente por dois dos seus artigos, um dos quais foi publicado quando ele tinha vinte e sete anos de idade. O outro foi publicado vinte e três anos mais tarde.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



Novo director da EDM em Nacala-Porto

O novo director da Electricidade de Moçambique (EDM) em Nacala-Porto merece uma coroa de rei dos Xiconhocas por tamanha Xiconhoquice que protagonizou assim que assumiu as pastas. Naquela cidade portuária, dois postos de venda de energia eléctrica para os usuários do sistema de Credelec e o serviço de piquete funcionavam 24 horas por dia. Porém, não é que este Xiconhoca até à medula entendeu que deveria funcionar apenas um posto de venda até às 22 horas e o piquete até às 23 horas, prejudicando os munícipes? Sabe-se lá porquê!

Francisco Mabjaia

O presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB), Francisco Mabjaia, é daqueles Xiconhocas a quem não cabe nenhum adjetivo. É um exemplo acabado do fracasso em pessoa. Desde que assumiu a liderança da FMB, a modalidade caminha a passos largos para o abismo. Mas a sua veia de Xiconhoca veio ao de cima no "Afrobasket" de Abidjan, no Costa de Marfim, onde a selecção masculina ficou na ingloria 11ª posição. Ao invés de dar apoio aos atletas, o dirigente baldou-se. Xiconhoca!

Hospital Rural de Monapo

O nível de insensibilidade que reina nas unidades sanitárias espalhadas pelo país é preocupante. Porém, a situação que se registou na vila de Monapo é bastante revoltante. É, na realidade, o reflexo da decadência da moral na nossa sociedade. Uma parturiente que em vida respondia pelo nome de Flora Felizardo morreu no Hospital Rural de Monapo, devido à negligência da equipa que estava de serviço. Ou seja, os profissionais de saúde abandonaram a vítima à sua própria sorte alegando o fim-de-semana. Bando de Xiconhocas!

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

DUAT para Anardarko e Eni em Palma

O Governo moçambicano, que devia dar o exemplo, decidiu passar por cima da lei para acomodar os interesses de duas empresas associadas, nomeadamente Anadarko Moçambique e Eni East Africa S.p.A. O Governo cedeu o direito de ocupação de terras àquelas multinacionais para a construção de uma fábrica de gás natural liquefeito, no distrito de Palma, concretamente na aldeia de Quitupo, na província de Cabo Delgado. Há indícios muito fortes de irregularidades graves na maneira como foi atribuída a licença de uso de terra às duas empresas. O mais ridículo é que há uma grande preocupação por parte do Governo de evitar que essas irregularidades sejam tornadas públicas.

Fala-se de reassentamento da população, mas o processo que está a ser propalado pelo Executivo e pelos investidores naquela parcela do país só pode acontecer quando a licença ambiental tiver sido concluída. E o Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental (MICOA) confirma que ainda não existe nenhuma decisão de reassentamento e nem se sabe se o projecto vai ou não avançar porque não há licença ambiental, embora o Governo esteja a preterir esse princípio para favorecer, às pressas, os

interesses dos investidores. É o cúmulo!

Compra de barcos

Por alguma razão – que até hoje desconhecemos – o nosso país encomendou a construção de 30 barcos, avaliados em 200 milhões de euros, às Construções Mecânicas da Normandia (CMN), em Cherbourg (noroeste de França). Não se justifica que um país onde dezenas de pessoas morrem de fome todos os dias se dê ao luxo de esbanjar avultadas somas em dinheiro em barcos para fins obscuros. Os moçambicanos tiveram conhecimento do assunto através do empresário libanês Iskandar Safa, proprietário dos estaleiros navais, que anunciou o facto na última segunda-feira.

A encomenda prevê a construção de 24 traineiras, três barcos-patrolha de 32 metros e outros três de 42 metros. O mais impressionante é que não houve nenhum concurso público, ou seja, o processo de compra não obedeceu a nenhum dos princípios básicos de transparência na gestão de bens públicos. Na verdade, num país onde a promiscuidade é o pão de cada dia não devíamos ficar espantados com situações desse género, não é?

Jovens que inviabilizaram o torneio do candidato do MDM

Um grupo de jovens, supostamente do partido Frelimo, inviabilizou a realização do torneio de futebol Silvério Ronguane no bairro Bunhica na Machava, na cidade da Matola. Ronguane é candidato do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) a presidente daquele município, e não se sabe o que terá motivado aqueles jovens a protagonizarem essa atitude vil. Não serão os efeitos colaterais dos famigerados 3-100? Rogamos para que estejamos equivocados.

A realização do torneio havia sido preparada há um mês como forma de massificar o desporto nesta zona. Mas aquele grupo de jovens entendeu que ninguém precisa de praticar desporto naquela bairro e decidiu pôr em marcha a Xiconhoquice por que ainda se rege. Não há dúvidas de que esses acéfalos terão agido movidos pela sua cegueira partidária. Trata-se, na verdade, de intolerância política, de uma atitude indigna e de corar de vergonha toda a juventude moçambicana. Numa sociedade democrática como a nossa é obrigação de cada cidadão respeitar os direitos do outro.

Ministério da Educação introduz novo calendário escolar

A partir de 2014, as aulas vão iniciar na primeira semana de Fevereiro e a abertura solene do ano lectivo terá lugar a 31 de Janeiro, segundo o Diploma Ministerial número 119/2013 de 12 de Agosto, aprovado pelo Ministério da Educação (MINED). Em parte, a medida visa fazer com que os professores tenham mais tempo para gozar férias, uma vez que, neste momento, não descansam o suficiente devido a vários processos impostos pelo currículo em vigor nas escolas públicas moçambicanas. Todavia, os docentes dizem que continuarão sem tempo para o efeito.

Texto: Redacção

Na verdade, antes de se alterar o calendário escolar para Janeiro os estabelecimentos de ensino iniciavam o ano lectivo na primeira semana de Fevereiro. No ensino primário, de 01 de Outubro a 31 de Dezembro deste ano vão decorrer as matriculas da 1ª classe e as da 6ª classe terão lugar de 16 de Dezembro de 2013 a 10 de Janeiro de 2014, devendo os pedagogos apresentar-se nos seus postos de trabalho a 27 de Janeiro próximo.

Assim, quer no ensino primário, quer no secundário, o primeiro trimestre escolar decorrerá de 04 de Fevereiro a 02 de Maio, o segundo trimestre entre 12 de Maio e 08 de Agosto e o último entre 25 de Agosto a 14 de Novembro, nas classes sem exame. O encerramento do ano lectivo só terá lugar a 27 de Dezembro.

Refira-se que durante o período em que os instruendos estarão a observar uma interrupção lectiva os professores continuarão em actividade, pois ocupar-se-ão de registos de notas nas cadernetas e cadastros dos alunos, análise do aproveitamento pedagógico, dentre outras acções curriculares.

Por via disso, alguns docentes contactados pelo @Verdade reconheceram que terão mais tempo para descansar, excepto os que forem a fazer parte da correcção dos exames, na medida em que vão continuar sem espaço para um repouso satisfatório. Refira-se que entre 28 de Dezembro a 26 de Janeiro sempre há trabalho nas escolas, para além de que coincide com a quadra festiva.

Novo Calendário Escolar

Ensino Primário - Total: 38 Semanas

Períodos	Data	Actividades
Preparatório	1 de Outubro a 31 de Dezembro de 2013	Matriculas da 1.ª Classe
	16 de Dezembro de 2013 a 10 de Janeiro de 2014	Matriculas da 6.ª Classe
	Até 27 de Janeiro	Apresentação dos professores Apresentação dos alunos para actividades de formação cívica
1.º Trimestre (13 semanas)	31 de Janeiro	Abertura solene do ano lectivo
	4 de Fevereiro a 2 de Maio	Aulas
	5 a 9 de Maio	Interrupção lectiva Registo de notas nas cadernetas e cadastro dos alunos Seminários de capacitação pedagógica Análise do aproveitamento pedagógico
2.º Trimestre (13 semanas)	12 de Maio a 8 de Agosto	Aulas
	11 a 22 de Agosto	Interrupção lectiva Registo de notas nas cadernetas e cadastro dos alunos Seminários de capacitação pedagógica Análise do aproveitamento pedagógico
3.º Trimestre (12 semanas)	25 de Agosto a 14 de Novembro	Aulas
	1 a 12 de Setembro	Inscrição dos candidatos externos aos exames finais
	17 a 28 de Novembro	Cálculo das médias e registo de notas nas cadernetas e cadastro dos alunos Preparação dos alunos para os exames finais
	Até 8 de Dezembro	Formação de turmas dos alunos internos e elaboração de horários
	1 a 5 de Dezembro	Exames da 1.ª época - 5.ª e 7.ª classe
	Até 12 de Dezembro	Publicação dos resultados - 5.ª e 7.ª classe 1.ª época
	15 a 17 de Dezembro	Exames da 2.ª época - 5.ª e 7.ª classe
	Até 26 de Dezembro	Publicação dos resultados - 5.ª e 7.ª classe 2.ª época
	27 de Dezembro	Encerramento solene do ano lectivo
	Até 10 de Janeiro de 2015	Análise do aproveitamento pedagógico anual
	Férias dos professores: 28 de Dezembro a 26 de Janeiro de 2015	As direcções das escolas planificam as férias dos professores nos termos da lei

Ensino Técnico Profissional - Ensino Médio - Total: 33 Semanas

Períodos	Data	Actividades
1.º Semestre (16 Semanas)	7 a 20 de Janeiro	Realização e correcção de exames de admissão
	20 a 30 de Janeiro	Matriculas (novos ingressos)
	23 de Janeiro	Apresentação dos professores
	10 de Fevereiro	Apresentação dos alunos para as actividades de formação cívica
	10 a 20 de Fevereiro	Actividade extra - curricular
1.º Semestre (16 Semanas)	31 de Janeiro	Abertura solene de ano lectivo
	16 de Fevereiro a 14 de Junho	Aulas (1.º ano)
	14 a 18 de Abril	1.º Corte avaliativo de aproveitamento
	16 de Junho a 20 de Junho	2.º Corte avaliativo de aproveitamento
	16 a 20 de Junho	Conselho de notas
	23 a 27 de Junho	Exames da 1.ª época
	30 de Junho a 4 de Julho	Correcção e publicação dos exames 1.ª época
	7 a 11 de Julho	Exames da 2.ª época
	Até 16 de Julho	Correcção e publicação dos exames 2.ª época
	14 de Julho a 7 de Novembro	Aulas
1.º Semestre (17 Semanas)	9 a 13 de Setembro	3.º Corte avaliativo de aproveitamento
	15 de Setembro a 7 de Novembro	Aulas
	10 de 14 de Novembro	Conselho de notas e preparação dos exames
	17 a 21 de Novembro	Realização dos exames da 1.ª época
	24 de Novembro a 6 de Dezembro	Correcção dos exames e publicação dos resultados
	1 a 12 de Dezembro	Inscrição dos candidatos aos exames de admissão
	8 a 12 de Dezembro	Realização dos exames da 2.ª época
	15 a 20 de Dezembro	Correcção dos exames e publicação dos resultados
	27 de Dezembro	Encerramento solene do ano lectivo
	Férias dos professores: 28/12/2014 a 26/01/2013	As direcções das escola planificam as férias dos professores nos termos da lei

Ensino Secundário - Total: 38 Semanas

Períodos	Data	Actividades
Preparatório	16 de Dezembro de 2013 a 10 de Janeiro de 2014	Matriculas (novos ingressos)
	Até 27 de Janeiro	Apresentação dos professores Apresentação dos alunos para actividades de formação cívica
	31 de Janeiro	Abertura solene do ano lectivo
1.º Trimestre (13 semanas)	4 de Fevereiro a 2 de Maio	Aulas
	5 a 9 de Maio	Interrupção lectiva
	5 a 7 de Maio	Conselho de avaliação
	5 a 16 de Maio	Inscrição dos candidatos externos aos exames extraordinários
	Até 9 de Maio	Publicação dos resultados Seminários de capacitação pedagógica Análise do aproveitamento pedagógico
2.º Trimestre (13 semanas)	12 de Maio a 8 de Agosto	Aulas
	11 a 22 de Agosto	Interrupção lectiva
	11 a 13 de Agosto	Conselho de avaliação
	Até 15 de Agosto	Publicação dos resultados
	11 a 15 de Agosto	Exames extraordinários Seminários de capacitação pedagógica Análise do aproveitamento pedagógico
3.º Trimestre (12 semanas)	25 de Agosto a 14 de Novembro	Aulas
	1 a 12 de Setembro	Inscrição dos candidatos externos aos exames finais
	17 a 19 de Novembro	Conselho de avaliação das 10.ª e 12.ª classes
	Até 21 de Novembro	Publicação dos resultados das 10.ª e 12.ª classes
	19 a 21 de Novembro	Conselho de avaliação das 8.ª, 9.ª e 11.ª classes
	Até 1 de Dezembro	Publicação dos resultados das 8.ª, 9.ª e 11.ª classes
	Até 8 de Dezembro	Formação de turmas dos alunos internos e horários
	24 a 28 de Novembro	Exames da 1.ª época - 10.ª e 12.ª classes
	Ate 5 de Dezembro	Publicação dos resultados - 10.ª e 12.ª classes 1.ª época
	10 a 16 de Dezembro	Exames da 2.ª época - 10.ª e 12.ª classes
	Até 26 de Dezembro	Publicação dos resultados - 10.ª e 12.ª classes - 2.ª época
	27 de Dezembro	Encerramento solene do ano lectivo
	Até 10 de Janeiro de 2015	Análise do aproveitamento pedagógico anual
	Férias dos professores: 28 de Dezembro a 26 de Janeiro	As direcções das escolas planificam as férias dos professores nos termos da lei

Ensino Técnico Profissional - Ensino Básico - Total: 32 Semanas

Períodos	Data	Actividades
1.º Semestre (18 Semanas)	2 a 18 de Janeiro	Matriculas (novos ingressos)
	13 de Janeiro	Apresentação dos professores
	16 de Janeiro	Apresentação dos alunos para as actividades de formação cívica
1.º Semestre (18 Semanas)	1.º Período 9 Semanas	16 a 23 de Janeiro 31 de Janeiro 4 de Fevereiro a 28 de Março 31 de Março a 4 de Abril 1.º Corte avaliativo de aproveitamento (sem aulas)
	2.º Período 9 Semanas	16 a 20 de Junho 23 a 26 de Junho 30 de Junho a 4 de Julho Até 8 de Julho Correcção e publicação dos exames da 2.ª época
		14 de Julho a 29 de Agosto 1 a 5 de Setembro 3.º Corte avaliativo de aproveitamento (sem aulas)
		8 de Setembro a 24 de Outubro 27 a 31 de Outubro 3 a 7 de Novembro 10 a 21 de Novembro Correcção e publicação dos resultados dos exames
	3.º Período 7 Semanas	24 a 28 de Novembro Até 12 de Dezembro 27 de Dezembro Férias dos Professores: 28/12/2014 a 26/01/2015 Realização dos exames da 2.ª época Correcção e publicação dos resultados dos exames Encerramento solene do ano lectivo escolar As direcções das escolas planificam as férias dos professores nos termos da lei

maior constrangimento indicado pela nossa entrevistada tem a ver com as deslocações dos docentes que trabalham nas zonas rurais e deveras distante das suas áreas de origem, pois nem tempo para o descanso têm. Delfim Mário, de 26 anos de idade, professor da Escola Secundaria de Napipine, considerou também que com o novo calendário os professores poderão gozar férias, porém, o problema é a correcção de exames e a respectiva divulgação de resultados que consome os dias que seriam para descanso.

Para Samuel Albino, professor e coordenador da Zona de Influência Pedagógica número 27 de Muicuna/Cuamba, a alteração do calendário escolar tem a vantagem de proporcionar muitos dias de repouso, mas os docentes que forem escalados para lidar com os exames, sobretudo de 2ª época, ainda se vão queixar.

Reintrodução do pré-escolar

Ainda em 2014, o MINED retoma o ensino pré-escolar nas escolas públicas como forma de melhorar a qualidade do ensino no país, amplamente contestada desde que, em 2004, o Governo implementou o sistema de “passagens semi-automáticas” no ensino primário do 1º e 2º graus. Várias correntes têm defendido que a maioria dos alunos das classes iniciais chega ao final do sétimo ano de escolaridade sem saber ler nem escrever.

Relativamente ao pré-escolar, este vai arrancar, a título experimental, em pelo menos sete dos 128 dos distritos, e será paulatinamente alargado a todo o país.

A referida classe já vigorou no ensino público moçambicano depois da independência, em 1975, tendo sido interrompida devido ao colapso económico que flagelou o país em consequência da guerra civil que terminou em 1992.

Inspecção encerra Shoprite por venda de produtos fora do prazo e reincidência

A Shoprite, um grupo comercial sul-africano renitente na venda de produtos fora do prazo, foi coagido a encerrar, na terça e quarta-feira (10 e 11 de Setembro em curso), as suas lojas nas cidades de Maputo e da Matola e no distrito de Boane, por venda de produtos alimentares fora do prazo, confecção dos mesmos e tentativa de viciação das datas limite para a sua comercialização. Entretanto, os proprietários do estabelecimento não observaram a medida, pois a loja da cidade de Maputo continuou aberta.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze



Para além da aplicação de multas cujos valores não foram revelados, o encerramento daqueles estabelecimentos comerciais, de acordo com a Inspecção Nacional das Actividades Económicas (INAE), tinha em vista a retirada de todos os produtos fora do prazo das suas prateleiras e armazéns.

José Rodolfo, inspector-geral da INAE, um organismo do Ministério da Indústria e Comércio, lembrou que “esta não é a primeira vez que os supermercados visados são encontrados a vender produtos impróprios para o consumo humano”.

“Por isso, desta vez, quisemos ir para além das multas. Nalgumas das lojas, para além de se ter constatado que efectivamente existem produtos impróprios para consumo, também foram detectados sinais de tentativas de viciação dos prazos de validade. Tentaram justificar-se, mas não foram convincentes, o que nos leva a acreditar que há viciação”, disse José Rodolfo numa conferência de imprensa na capital do país.

Recorde-se que a INAE detectou recentemente 26 variedades de produtos fora do prazo de validade e diversos alimentos comercializados e expostos para consumo humano com rótulo impróprio. A detecção dos produtos deveu-se a denúncias anónimas e da Imprensa. As queixas indicavam, precisamente, que se estava a confeccionar refeições com produtos expirados nos supermercados da Praça de Touros, Super Marés, da Matola e de Boane.

Nessa ocasião, uma brigada visitou os lugares mencionados e verificou que, realmente, as prateleiras, os armazéns e as câmaras frigoríficas estavam abarrotadas desses produtos.

No outro desenvolvimento, José Rodolfo disse, também, a jornalistas, que é lamentável o facto de um grupo com a dimensão do Shoprite – o pioneiro a colocar-se no mercado moçambicano – estar a comercializar produtos fora do prazo; por isso, apelou para que a Shoprite respeite as normas a comercialização de produtos, tais como a arrumação, pesos exactos e uma boa qualidade para o consumo humano.

Outras infracções

As irregularidades daqueles supermercados extravasam a venda de produtos fora do prazo – um acto de coloca a saúde pública em xeque –, uma vez que há igualmente relatos de injustiças laborais.

Para além de vários episódios que aconteceram em diferentes lojas das cidades de Maputo e da Matola, recentemente, na cidade de Nampula, a Shoprite foi sancionada por obrigar os seus trabalhadores a laborar em pleno feriado municipal, assinalado numa quinta-feira, 22 de Agosto passado, apesar de que o Governo, através do Ministério do Trabalho, havia decretado tolerância de ponto, por ocasião dos 57 anos da urbe.

A Shoprite já estava antecipadamente advertida pela Direcção Provincial do Trabalho para não obrigar os seus trabalhadores a apresentarem-se nos seus locais de trabalho no dia feriado sob alegação de que o grupo respeitava somente os feriados nacionais e não locais. Por conseguinte, sem clemência, a Inspecção do Trabalho encerrou as portas da loja de Nampula como forma de salvaguardar os direitos dos 58 trabalhadores que estavam sujeitos a laborar naquele feriado.

Refira-se que devido à inflexibilidade dos gerentes do estabelecimento a Polícia da República de Moçambique interveio no sentido de coagi-los a respeitar o plasmado na lei. Recorde-se de que o exercício de qualquer actividade laboral aos fins-de-semana e feriados carece do consentimento

entre os trabalhadores e o patronato. Entretanto, deve-se remunerar como horas extraordinárias as tarefas executadas nesse dia.

Enquanto isso, os empregados queixam-se de cortes nos seus vencimentos, trabalho fora do horário previsto na lei, baixos salários, dentre outras anomalias.

Publicidade

ESTA PRETA É A MELHOR DE ÁFRICA

A Laurentina Preta é uma cerveja com história e carácter, única em Moçambique, que se distingue pelo seu sabor intenso, textura cremosa e aroma envolvente, atributos muito apreciados que advêm da sua composição. A Laurentina Preta é feita a partir de quatro tipos de malte, entre eles o malte de Munique e o malte de caramelo, complementados pelo uso de açúcar refinado de cana e extractos de óleo de lúpulo.

Reconhecida internacionalmente devido à sua qualidade ímpar, a Laurentina Preta foi recentemente premiada nos African Beer Awards como a melhor cerveja preta de África e distinguida com 2 estrelas de ouro no International Taste & Quality Institute (ITQI), prémios que se juntam à medalha de ouro do Monde Selection de 2008.

É caso para dizer, esta Preta é mesmo boa!

PRÉMIO DE QUALIDADE PARA A MELHOR CERVEJA PRETA DE ÁFRICA 2013

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Reparcelamentos arbitrários de talhões alheios geram conflitos no Chiango

Os nativos do bairro de Chiango, no Distrito Municipal KaMavota, e outros cidadãos que possuem extensos talhões naquela parcela da cidade de Maputo, são vítimas de apreensão dos seus materiais de construção pelos agentes da Polícia Municipal. Estes têm estado a impedir os donos dos terrenos em causa de construir muros para coibir o acesso às suas propriedades pelos técnicos da edilidade, que sem nenhuma consulta prévia decidiram fazer reparcimentos para acomodar novas pessoas.

Texto: Redacção • Foto: Cedidas pelas vítimas

Neste momento vive-se um ambiente de cortar à faca devido ao desespero porque alguns indivíduos, para além de terem perdido materiais de construção, viram as suas terras serem reduzidas a pedaços.

Sem antes conversar com os visados, o município – numa situação de denuncia um pontapeio das normas, invadiu “territórios” alheios e fez demarcações para reassentar gente proveniente de diferentes bairros atravessados pela Estrada Circular de Maputo.

Enquanto isso, outro argumento avançado pela edilidade é o de que está em curso um plano de reordenamento daquele ponto. Contudo, acontece que, até este momento, no terreno não há nada feito que demonstre que se está a desenvolver algum trabalho nesse sentido. À semelhança do que acontece noutros casos de reassentamento, apesar de ser uma zona desprovida de vários serviços básicos, Chiango está a receber novos moradores sem antes terem sido criadas condições básicas para a sobrevivência humana, tais como infra-estruturas sociais.

O @Verdade esteve há dias no terreno e constatou que há gente reassentada em consequência da chuva que desalojou centenas de famílias no princípio deste ano – e que está a viver, diga-se, num estado de miséria total, pois nem sombra para se abrigar do calor intenso possui.

O que se pode ver em Chiango, também, é uma invasão e colocação de novos marcos em talhões alheios com o propósito de serem atribuídos a novos ocupantes. Conforme ilustram as fotografias que acompanham este texto, aqueles que ousam impedir essa acção encabeçada pela Direcção de Construção e Urbanização correm o risco de perder carrinhas de mão, pás, andaimes e outros materiais de construção. Há relatos de pessoas que perderam inclusive areia e pedra adquiridas para as obras. Certos pedreiros foram presos, levados de Chiango e abandonados em locais distantes sem quaisquer meios para retornarem aos lugares de partida.

A respeito disso, a directora do Centro Terra Viva (CTV), Alda Salomão, disse-nos que derrubar muros e apreender materiais de construção como se as pessoas tivessem cometido algum crime ou avisadas para se retirarem da zona e teimado em permanecer revela as dificuldades que o município tem em lidar com esse tipo de problemas.



Segundo a entrevistada, o que está acontecer no bairro de Chiango é exactamente a mesma coisa que ocorre um pouco por todo o país. Ela pergunta que procedimentos é que são seguidos pelas várias instituições do Estado, sejam elas autárquicas, provinciais, distritais, dentre outras, na atribuição e protecção dos direitos de ocupação e uso da terra pelos cidadãos.

Em Chiango, onde predominam talhões de grande dimensão e um grosso número de habitantes com hectares adquiridos há mais de trinta anos, não há necessariamente recusa em ceder os espaços para o Conselho Municipal da Cidade de Maputo levar avante o seu trabalho, mas sim, receio de os talhões parcelados serem ocupados por gente que não tem nada a ver com os reassentamentos. Isso deve-se, fundamentalmente, ao facto de, ao invés de apenas parcelar, a edilidade devia explicar com clareza o que pretende fazer na zona. É comum ver viaturas da Polícia Camarária a vigiarem o local que trabalhar...

Na área em alusão, acontece ainda que nenhum cidadão está a ser ressarcido pelo facto de o seu terreno, preservado ao longo do tempo com tanto sacrifício, estar a ser retalhado para acomodar novas pessoas, para além de que a edilidade alega que os ocupantes não têm o título do Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT).

Apesar de reconhecerem que não têm o DUAT, os habitantes de Chiango consideram que isso não é motivo para a edilidade invadir espaços alheios e fazer parcelamentos sem antes dialogar com os proprietários, principalmente porque há expedientes remetidos ao município, há mais de dois anos e noutros casos há cinco anos, a pedir a formalização dos seus espaços e os remetentes foram informados de que aquele bairro não existia no cadastro municipal, pois era desconhecido. “E como é que o Conselho Municipal da Cidade de Maputo aparece hoje a dizer que está a implementar um plano de reordenamento territorial e requalificação numa zona que era desconhecida sem sequer nos consultar?”

Sobre esse aspecto, Alda Salomão explicou-nos que para o Estado – no caso vertente representado pelo município – retirar a um cidadão o direito de usar a terra deve-se proceder a compensação com vista a prosseguir com o processo de expropriação. “E o procedimento mais básico é a informação e consulta. E nisso o Estado tem falhado. É preciso avaliar em que medida é que o Conselho Municipal está, em cada caso, a seguir os procedimentos estabelecidos na lei”.

“A consulta é de lei, não é um procedimento discricionário que o município realiza quando lhe apetece. Até mesmo para desenhar o plano de ocupação daquele espaço. Os parcelamentos que estão a ser feitos são sujeitos a uma consulta pública antes da sua apro-



Para estar sempre actualizado sobre o que acontece no país e no globo siga-nos no [twitter @verdademz](https://twitter.com/verdademz)

vação”, esclareceu a directora do CTV, para quem a ausência de título do DUAT não é argumento para se retirar o direito a alguém, desde que seja uma ocupação confirmada sobretudo pelas pessoas que aí vivem. “Nenhum município ou outra entidade pode retirar ou questionar a ninguém a legitimidade de um espaço por causa da ausência de um documento”.

Para o caso de cidadãos que indicam que remeteram ao município documentos de pedido de formalização de ocupação das suas terras, Alda Salomão considera estranho que a edilidade leve tanto tempo para passar um testemunho a favor do requerente.

Em Chiango, o desespero é de tal sorte que os habitantes decidiram criar um grupo para dialogar com o Conselho Municipal de Maputo com vista a perceber o que se pretende naquela zona e por que motivos não foram informados nem consultados sobre o facto de que os seus terrenos seriam divididos em “pedaços” para albergar outras pessoas.

A avaliar pelos acontecimentos de outros pontos do país relacionados com conflitos de terra em que não raras vezes a população sai prejudicada, Alda Salomão aconselha os nativos de Chiango e outros moçambicanos a educarem-se e informarem-se cada vez mais para que tenham bases e argumentos válidos nas negociações com o município, principalmente porque o mesmo é parte das instituições do Estado que não usam as mesmas “regras de jogo” para dialogar com a população.

“As pessoas sabem que têm direitos e pelo menos preocupam-se em formalizá-los. Mas depois são confrontadas com instituições do Estado que já não respeitam as suas obrigações como entidades públicas e a obrigação que têm de responder às solicitações do público e de proteger os direitos dos cidadãos”.



Parturiente morre por negligência na maternidade do Hospital Rural de Monapo

Uma jovem, de aparentemente 28 anos de idade, que ia dar à luz pela primeira vez, na maternidade do Hospital Rural de Monapo, perdeu a vida supostamente por causa do desleixo dos técnicos de saúde que estavam afec-tos àquela unidade sanitária, na noite do último domingo, 08 de Setembro.

Texto: Redacção

A parturiente, que em vida respondia pelo nome de Flora Felizardo, morreu cinco horas depois de ter sido encaminhada àquele hospital, por volta das 16h:00 daquele dia, ida do Posto de Saúde de Natete, sito a cerca de 90 quilómetros da vila sede de Monapo.

Para além do descuido no atendimento, os funcionários falsificaram o processo da paciente e alteraram a hora em que ela deu entrada na ma-ternidade, supostamente para se eximirem da culpa e alegar que a mes-ma teria sido evacuada para o Hospital Rural de Monapo tardiamente.

Apesar de haver pessoas sobre as quais recaem as responsabilidades desse acto que atenta contra a ética e deontologia profissional da Me-dicina, está a decorrer uma investigação com vista a apurar, com exacti-dão, as circunstâncias em que a vítima perdeu a vida.

Na reconstituição da desgraça, o viúvo Manuel Xavier contou ao @Ver-dade que a sua esposa deu entrada naquela maternidade por volta das 16h:00 de domingo, com fortes contracções. Quando ele e os outros acompanhantes da vítima chegaram ao hospital, nenhum dos profissio-nais de saúde que se encontravam de serviço se dignou atender Flora Felizardo. Esta foi largada à sua sorte num corredor e sem forças para implorar a quem fosse pela ajuda.

Volvido algum tempo, Flora Felizardo foi levada à sala de parto deveras debilitada, porém, foi outra vez deixada “desamparada” numa cama. Ela não resistiu ao sofrimento e sucumbiu por volta das 21h:30, segundo a informação fornecida aos parentes.

“Foi (Flora) abandonada na cama do hospital, a rebolar de dores fortes e aos gritos, mas ninguém se interessou em atendê-la”, elucidou o viúvo. Este deu conta ainda de que o tio da falecida, ao aperceber-se de que a sua sobrinha corria perigo de vida, ganhou coragem e dirigiu-se a uma das funcionárias a que quem pediu, de joelhos, para que a sua familiar

fosse urgentemente socorrida. Contudo, os seus esforços foram infru-tíferos.

Manuel Xavier, manifestamente agastado com a situação, narrou igual-mente que depois da apresentação da guia de transferência do Posto de Saúde de Natete aos enfermeiros, estes e os agentes de serviço aban-donaram, em debandada, os seus postos de trabalho, alegadamente porque se tratava de um fim-de-semana. Eles disseram que iam para casa com vista a prepararem-se para cumprir outro turno no dia seguin-te.

Por volta das 20h:00, os acompanhantes de Flora e os de outros do-entes internados no Hospital Rural de Monapo foram coagidos a aban-donar o local, uma vez que no período nocturno não é permitida a pre-sença de nenhuma pessoa que não seja funcionária da instituição. Foi a última vez que Flora teria sido vista com vida pelos seus parentes, pois na manhã de segunda-feira, quando eles se deslocaram ao hospital a fim de visitar a paciente, ficaram a saber, através de um comunicado afixado numa vítima, da pior notícia do dia.

Abordado pelo nosso Jornal, a propósito da ocorrência, Bruno Chiose, director do Hospital Rural de Monapo, confirmou haver negligência por parte dos seus colegas e assegurou que já foi aberto um inquérito com vista a apurar o que aconteceu e punir os responsáveis por esse acto desumano.

“Neste caso há duas infrações: uma que tem a ver com a não observân-cia da ética que rege o funcionamento da classe médica e dos agentes de saúde. Isso poderá culminar com um processo disciplinar e até expul-são do funcionário sobre o qual recair a culpa. A outra anomalia tem a ver com a falsificação de documentos no registo da entrada (do doente), facto que poderá resultar num processo-crime e, consequentemente, na condenação do culpado pela justiça”, disse o director.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque não estranho acariciar a vagina com a língua?

Olá. Muitos de vocês vêm acompanhando a coluna, e até enviam-me perguntas, mas será que sabem o que é saúde sexual e reprodutiva? Eu encontrei esta infor-mação no relatório de um estudo realizado pela Nweti, uma organização nacional, que dizia que a saúde sexu-al e reprodutiva é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas ausência de doen-ça ou enfermidade, em todas as matérias relacionadas com o sistema reprodutivo, suas funções e processos. A saúde reprodutiva implica, portanto, que as pesso-as estejam aptas a ter uma vida sexual satisfatória e segura, que tenham a capacidade de se reproduzir e a liberdade de decidir fazê-lo se, quando e quantas ve-zes desejarem. Pois bem, se este não é o teu caso, ou se ainda tens dúvidas sobre o assunto, então

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **90441**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Tenho duas dúvidas: 1- A minha namorada, de 23 anos de idade, não gosta de fazer sexo e sente dores durante o acto sexual. 2- Quando ela faz neces-sidade menor, o líquido (xixi) dela é quase verde claro, com um cheiro mais pesado que xixi da cor normal. Gostaria de saber a que se deve.

Olá. Acho interessante que os homens têm estado cada vez mais preocupados com a saúde das suas parceiras... mas é principalmente quando elas não querem fazer sexo (sorriso). Muito bem, meu querido, a primeira coisa que eu posso aconselhar é que a tua namorada vá a uma unidade sanitária (Posto ou Centro de Saúde, ou Hospi-tal) e consulte um/a médico/a de ginecologia, ou outro agente de saúde especializado na matéria, para saber porque é que ela sente dores. É que as dores durante o sexo podem estar associadas a algum tipo de infecções de transmissão sexual. E se vocês estão a suspeitar da cor da urina, pode ser também que esteja relacionada com alguma doença no canal urinário. Só um médico poderá fazer os testes necessários para saber o que se passa com a tua namorada. Enquanto isso, por favor, não a forces a fazer o que ela não quer, porque pode ser que o sexo forçado também aumente a dor que ela sente. Cuidem-se, e o melhor é usar o preservativo.

Boa tarde Tina. Eu gosto de palmilhar o corpo de uma mulher e não estranho acariciar a vagina com a língua. Será que corro algum risco?

Olá, meu querido leitor. Primeiro, posso assumir que quando dizes palmilhar, queres dizer acariciar com as mãos, não é ? Bom, se for isso, até acho muito bom. É que o sexo ou o acto sexual não se deveria restringir à pene-tração do órgão sexual do homem (o pénis) no órgão se-xual da mulher (a vagina). Em muitas culturas, promove-se a sexualidade de forma mais completa, que envolve o despertar das sensações em todo o corpo, através das mãos, e até usando a língua. O que eu sugiro é que vo-cês os dois se mantenham sempre higiénicos para evitar contrair infecções de transmissão sexual, principalmen-te a Hepatite B, a Sífilis, a Herpes Genital, dentre outras. O sexo oral é uma via de transmissão destas infecções. Usar o preservativo durante o sexo oral também pode ser uma forma de evitar contrair este tipo de infecções. Então, não só gozem da companhia um do outro, mas também cuidem da vossa saúde.

Sequestro de Ibrahim Gani: sentença marcada para 31 de Outubro

A sentença dos quatros réus acusados de sequestrar o empresário e proprietário da INCOPAL, Ibrahim Gani, está marcada para 31 de Outubro próximo. O Ministério Público apresentou, esta terça-feira, 10 de Setembro, as alegações finais e solicitou ao Tribunal a fixação da pena máxima aos arguidos Arlindo Ber-nardo Timane, Edson Zacarias de Jesus Vombe, Manoa Valoi e Inácio Paulino Miroosse, pois constatou que não há dúvidas de que os visados cometeram o crime em alusão.

Segundo o Ministério Público, para além de que condenação daqueles réus vai de-sencorajar que mais pessoas se associem a esse tipo de crime, ficou provado que o réu Arlindo Timane orquestrou e coordenou o sequestro e pessoalmente pagou 100 mil meticais a cada um dos integrantes do grupo.

Em relação a Inácio Mirasse, a procurado-ra Glória Adamo afirmou que não restam dúvidas de que o incriminado se dirigiu à INCOPAL com o intuito de aliciar Ibrahim Gani. Aliás, os seus movimentos foram captados pelas câmaras de segurança das instalações do empresário.

Relativamente a Manoa Valói, constitui verdade que ele arrendou uma casa em Mahlampswene para albergar Ibrahim Gani. Contudo, o visado nega ter cometido tal crime.

Recorde-se de que nas sessões de produ-ção de prova, Manoa disse que vivia em Malhampswene, numa casa arrendada. To-davia, nos anteriores interrogatórios pres-tados aos agentes da Polícia de Investiga-ção Criminal e ao juiz de instrução criminal, o indiciado sempre defendeu que morava no bairro de Infulene.

Nesse contexto, o Ministério Público acusou Manoa de prestar declarações falsas e pediu à juíza Berta Zita, que julga o caso, no Tribu-nal Judicial da Província de Maputo, para que criminalize o arguido.

Sobre Edson Vombe, Glória Adamo disse que ele é a pessoa que disponibilizou um minibus para transportar Gani para o lugar

do cárcere privado. A procuradora esclare-ceu igualmente que há outros indivíduos na mira da justiça porque não são apenas os quatros arguidos em alusão que cometeram o crime.

Advogados pedem ilibação

Os defensores dos incriminados, nomea-damente Jeremias Mondlane, Ângelo Nku-tumula e Boavida Zandamela pediram a absolvição dos seus clientes alegadamente porque não se produziu nenhuma prova do seu envolvimento no rapto. No entender dos advogados, os réus podiam aguardar pela lei-tura da sentença, em Outubro próximo, em liberdade.

A esse respeito, o Ministério Público, por in-termediário aa procuradora Glória Adamo, dis-se que o Tribunal devia negar o pedido de restituição à liberdade porque o julgamen-to ainda está em curso. Assim, os arguidos continuam detidos na BO porque a juíza Berta Zita também não aceitou o pedido dos advogados.

Por um lado, durante o julgamento, iniciado a 20 de Agosto passado, na Matola, os qua-tro arguidos refutam as acusações que pes-am sobre si e defenderam que são inocen-tes. Por outro, Ibrahim Gani não reconheceu nenhum dos quatro réus na altura em que foi ouvido pelo Tribunal, a 29 de Agosto.

Na ocasião, o empresário alegou que não teve contacto visual com os raptos, pois durante o período de uma semana em que ficou no cativeiro eles não permitiam que

ele os olhasse de frente.

“Não podia olhar para eles quando falavam comigo. O cativeiro era uma sala escura. E sempre que eles entravam eu tinha de olhar para a parede e baixar a cabeça,” narrou Gani.

Entretanto, na audição, a vítima confirmou alguns factos que constam dos autos, tais como ter recebido duas vezes a visita de um cidadão que se identificou por João, nome pelo qual é conhecido o réu Inácio Mirasse. A visita do suposto João tinha em vista o acerto de um negócio de venda de terreno no qual o empresário tinha interesse.

Juíza sofre ameaças

A juíza Berta Zita está a ser vítima de ame-aças, apurou o @Verdade junto do Ministé-rio do Interior (MINT). Soubemos ainda que devido às alegadas intimações, a magistra-da solicitou protecção pessoal e para a sua casa.

Entretanto, ainda não foi possível apurar o tipo de ameaças de que a juíza é vítima nem de que forma estão a ser feitas. A verdade é que “ela já não pode circular sem guarda-costas.” Neste momento, “a juíza Berta Zita está a ter protecção pessoal e domiciliária”.

De acordo com informações em nosso po-der, a magistrada não é a única pessoa que, pelo seu envolvimento no julgamento, está a sofrer intimidações. Ibrahim Gani e os seus familiares estão também a passar pelo mesmo sufoco./ **Redacção**

Proliferam espaços de reparação de viaturas sobre os passeios em Nampula

Oficinas de manutenção de viaturas, locais de reparação de escapes, remendadores de pneumáticos e lavagem de carros crescem como cogumelos na via pública na cidade de Nampula. As pessoas, das quais uma parte não possui licenças para o efeito, realizam os seus trabalhos perante o olhar despreocupado da edilidade. Esta reconhece a gravidade do problema e as suas implicações na estética da urbe, porém, ao invés de refreá-lo, diz que ainda vai fazer o levantamento dos sítios em causa com vista a indicar outro espaço para os que usam locais impróprios para exercerem a sua actividade.

Texto: Redacção • Foto: Virgílio Dengua

Devido à procura desenfreada de meios de sobrevivência e de lugares supostamente de maior fluxo de clientela, presentemente, um pouco por toda a cidade de Nampula, sobretudo nos bairros periféricos, há estabelecimentos e ou oficinas a céu aberto que se dedicam à manutenção e reparação de veículos, à reparação de escapes, ao remendo de pneumáticos e à lavagem de carros, apesar da contestação dos munícipes.

Essa actividade desenvolvida sobre os passeios tem como consequência a proliferação de sucatas na via pública por causa das viaturas abandonadas. A situação está a ganhar contornos alarmantes na terceira maior cidade de Moçambique. Na verdade, trata-se de um fenómeno antigo que se agravou ao longo dos anos sob o olhar indiferente das autoridades municipais.

Grande parte das oficinas em alusão, senão todas, não reúne os requisitos necessários para o exercício do ofício a que os proprietários se dedicam. As autoridades municipais nada fazem para impor a Postura Camarária, que, dentre outras medidas, prevê a remoção de todos os veículos bem como o encerramento de oficinas que operam em sítio inadequados, para além da aplicação de multas pelo exercício ilegal da actividade.

Enquanto os mecânicos se instalam um pouco por todo o lado como forma de responder à crescente procura de assistência técnica de automóveis, os transeuntes circulam com dificuldades de um ponto para o outro nos lugares onde o caos prevalece, uma vez que os passeios estão obstruídos. Os munícipes são obrigados a disputar as faixas de rodagem com viaturas correndo o risco de serem atropelados. Trata-se, também, de um problema que resulta do crescimento do parque automóvel no município de Nampula.

Na Rua da Unidade, que liga a cidade de Nampula aos bairros de Carrupeia e Napipine, e que dá acesso à Estação Principal de Tratamento e Bombagem de Água (ETA), vulgo barragem, a situação é gritante. Mais de cinco oficinas funcionam numa estrada estreita mas muito usada por peões e viaturas.

No bairro de Mutauanha, concretamente no mercado da Faina, e no prolongamento da Avenida das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM), o caos é igualmente preocupante. No bairro de Muhala-Expansão, na estrada que liga a cidade de Nampula aos distritos de Mogovolas e Angoche, há muitas oficinas clandestinas.

Em caso de reabilitação da Rua da Unidade as dificuldades de transitabilidade serão maiores. A presença da Polícia de Trânsito tem sido inútil na medida em que circular por ali é uma autêntica dor de cabeça. O pior ainda é que, para além dos passeios estarem ocupadas por oficinas, nas imediações existem viaturas avariadas e sem a devida recuperação há mais de um ano.

Este problema já foi levantado por um grupo de cidadãos numa das sessões da Assembleia Municipal de Nampula, porém, ainda não há solução.



A manutenção de viaturas, a reparação de escapes, o exercício de remendos de pneumáticos e lavagem de carros contribuem para a sobrevivência de muita gente na cidade de Nampula, em particular de jovens desempregos. E é nesses lugares onde algumas pessoas aprendem a mecânica. Contudo, há necessidade de se encontrar um local apropriado para o efeito.

O nosso Jornal apurou que algumas dessas oficinas não são desmanteladas porque os donos subornam os agentes da Polícia Municipal para não lhes autuar. Outros polícias repararam os seus carros gratuitamente nos mesmo sítios.




Refira-se que os locais a que nos referimos não dispõem de escritórios para tratar assuntos burocráticos, casas de banho nem de armazéns. São apenas espaços abertos. No fim do dia, as peças e outras ferramentas são arrumadas em sítios estrategicamente identificados para o efeito. Trata-se de uma profissão exercida por indivíduos que não têm salário, e que se limitam a repartir a receita obtida a partir da reparação de cada viatura, por exemplo.




Edilidade promete corrigir o problema




O vereador da Polícia Camarária e Fiscalização no Conselho Municipal de Nampula, Olindo Socas, assumiu que a multiplicação de lugares destinados à manutenção e reparação de carros é séria e grave. A edilidade está a trabalhar com vista a corrigir a situação e a primeira medida vai consistir na remoção das viaturas que se encontram sobre os passeios há bastante tempo, independentemente do seu estado mecânico. Para o efeito, há necessidade de coordenar com as outras áreas abrangida pelo assunto em alusão.

Socas disse também que o município pretende criar um espaço adequado à manutenção e reparação de viaturas, pois encoraja esse tipo de trabalho através do qual os praticantes sobrevivem e garantem alimentação às suas famílias. “O que pretendemos é que as coisas sejam feitas de forma regrada”.

Refira-se que a cidade de Maputo também já enfrentou o mesmo problema. Neste momento, a transformação de passeios em oficinas de reparação de viaturas é mais notória nos arredores da urbe. Mas na zona de cimento ainda é possível encontrar carros avariados e aparentemente abandonados sobre os sítios reservados à circulação de peões.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 13 de Setembro	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado, localmente muito nublado.. Ocorrência de neblinas matinais locais. Vento de sueste a fraco a moderado.
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado. Neblinas matinais locais.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado. Neblinas matinais locais

Sábado 14 de Setembro	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado. Vento de sueste a nordeste. Possibilidade de ocorrência de neblinas matinais locais
Zona CENTRO	
	Céu geralmente limpo. Vento do quadrante norte fraco. Neblinas matinais locais.
Zona NORTE	
	Céu geralmente limpo. Vento de nordeste fraco a moderado. Neblinas matinais locais

Domingo 15 de Setembro	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Vento do quadrante norte fraco. Ocorrência de neblinas matinais locais
Zona CENTRO	
	Céu limpo. Vento do quadrante norte fraco. Neblinas matinais locais.
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Vento de nordeste fraco a moderado. Neblinas matinais locais
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Diga-nos quem é o

XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores do Centro de Saúde da Machava II, sito no município da Matola. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com o facto de a direcção estar a descontar mensalmente 1.500 meticais nos nossos vencimentos.

Isso acontece desde a altura em que aderimos à greve dos profissionais de saúde. Não sabemos quando é que serão suspensos esses abates que tornam as nossas vidas penosas e dificultam a nossa sobrevivência, uma vez que já está a ser muito difícil alimentar a família durante 30 dias. Não conseguimos igualmente cobrir as outras despesas, tais como transporte dos nossos filhos para a escola e as nossas deslocações para os postos de trabalho. Nenhum dirigente do centro nos explica com clareza as causas que estão na origem dessa injustiça.

Outro problema que nos agasta tem a ver com o não pagamento de 3.000 meticais do subsídio de alimentação referentes ao segundo semestre. Em relação a este ponto, a direcção tem vindo a tranquilizar-nos com promessas falsas de que o valor será desembolsado quando a Direcção Provincial de Saúde disponibilizá-lo. Há colegas que já receberam a subvenção mas o grosso deles continua à espera. Isso mostra que há dualidade de critérios na instituição relativamente ao mesmo assunto.

Resposta

Em relação à preocupação dos nossos reclamantes, contactámos o Centro de Saúde da Machava II, por intermédio do respectivo director, Alberto Fenias. Este reconheceu que as inquietações dos funcionários daquela unidade sanitária são legítimas.

Entretanto, segundo o nosso entrevistado, quem paga as remunerações de todos os funcionários é a Direcção da Provincial de Saúde e não a direcção do Centro de Saúde da Machava II. Consequentemente, os descontos são feitos por quem lhes paga os vencimentos.

Relativamente à subvenção de alimentação, esta é, também, paga a nível provincial, porém, apenas uma parte

Aliás, ficámos surpreendidos quando, há pouco tempo, alguns dos profissionais do Centro de Saúde da Machava II foram coagidos a assinar documentos que davam conta de que haviam beneficiado do subsídio de alimentação, o que não constituía verdade.

Por causa dessa situação, pretendíamos submeter uma queixa ao Ministério da Saúde mas fomos impedidos supostamente porque não havia necessidade para o efeito e os problemas que nos inquietam seriam ultrapassados. Contudo, até hoje continuamos a reclamar das mesmas injustiças. Estamos deveras desmotivados e insatisfeitos, sobretudo porque sentimos que quem devia lutar pela melhoria das nossas condições de trabalho nos marginaliza.

A direcção do Centro de Saúde da Machava II ignora, também, o facto de estarmos a exercer as nossas funções sem incentivo e sob o risco de contrairmos doenças transmissíveis por causa da falta de material adequado de trabalho. Como podemos melhorar as nossas condições de vida enquanto a nossa classe é cada vez mais desvalorizada e empobrecida?

Para onde vão os 1.500 meticais abatidos nos nossos ordenados mensais? Ajudem-nos, por favor, a esclarecer este problema para que tenhamos os nossos direitos salvaguardados e a impedir que haja roubo do pouco ganhamos com tanto sacrifício.

dos empregados é que ainda não beneficiou do mesmo.

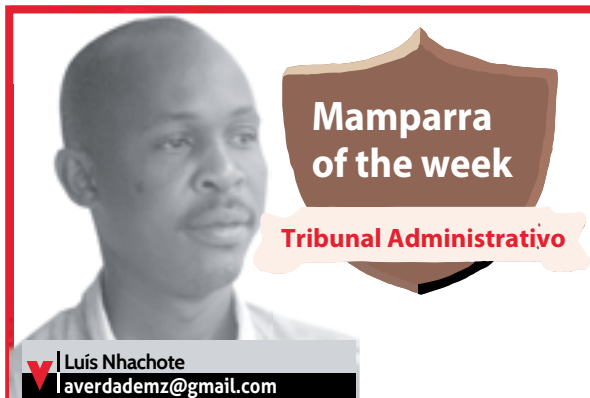
“É do meu conhecimento que alguns trabalhadores não receberam o seu subsídio de alimentação, mas quero acreditar que seja por acumulação de faltas injustificadas resultantes da sua ausência dos postos de trabalho sem aviso prévio”.

Num outro desenvolvimento, o nosso interlocutor admitiu que os descontos afectam os trabalhadores que aderiram à última greve dos profissionais da saúde em todo o país. Alberto Fenias disse que não sabe em que momento a Direcção da Provincial de Saúde irá deixar de descontar o subsídio de alimentação (atribuído trimestralmente), por exemplo.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é mais uma vez o Tribunal Administrativo (TA), que acaba de ser mamparrado pelos doadores que financia(va)m as suas actividades.

Os fundos daquela instituição, cuja primordial tarefa é fiscalizar as contas do Estado, estavam a ser abusivamente usados por parte dos cérebros daquela instituição. O dinheiro estava a ser usado para o corte de cabelo!!!!

Que raio de Presidente da República é o nosso “querido Guebuza” que ainda não se pronunciou sobre esta roubalheira? Sabemos nós, pela Lei-Mãe, a nossa Constituição da República, que quem mais poderes tem é ele. Quem pode demitir e nomear outras pessoas para ocuparem o cargo mais alto no TA também é ele!

Porque ainda não o fez o nosso Presidente? Estará a leste do assunto? Em tempos não muito remotos, veio à superfície a roubalheira que andava no Concelho Constitucional e o então ilustre Presidente daquele órgão, Luís Mondlane, cuja esposa tratava dos dentes em Lisboa, Portugal, com o dinheiro dos contribuintes, acabou por ser afastado.

Estamos entulhados numa podridão de alto nível. Estamos mesmo no esgoto da sacanice. Estamos ferrados com esta bandalheira de mamparras, que faz e desfaz, usa e abusa, atropela e foge. E quem a nós deve satisfações não fala. Quando o faz é para nos dizer que “o Estado da Nação é bom”. Bom onde?

Os contribuintes dos países que financiam o TA acabam de “fechar a torneira”. De onde virá o dinheiro para o TA funcionar (ou ser roubado)? Da China? Ou da Síria?

De que raio de estirpe estes gatunos oficiais foram paridos? Da “Pérola do Índico”? Será mesmo que os guardiões do Estado estarão para sempre imunes a este tipo de barbaridades?

O que acha o Papá Armando Emílio Guebuza destas roubalheiras? Estará ele feliz? Ou triste? Vá lá o diabo tecê-las.

Que raio de brincadeira é esta afinal? É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices. Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

Mamparras, mamparras, mamparras. Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

A CONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

Partidos políticos materializam vontade de participar nas autárquicas

Texto: Redação

Os partidos, associações e grupos de cidadãos que manifestaram vontade de participar nas eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo submeteram as candidaturas à Comissão Nacional de Eleições. Este processo, que durou um mês, terminou na passada sexta-feira, 6 de Setembro, sendo que o órgão responsável pela supervisão dos processos eleitorais tem como data limite o dia 23 para proceder à verificação da autenticidade dos documentos.

Segundo João Beirão, porta-voz da CNE, após a submissão, será verificada toda a documentação apresentada pelos partidos, associações e grupos de cidadãos proponentes. Tal exercício visa aferir se os mesmos reúnem todos os requisitos legais para participar no pleito.

Num exercício paralelo, será verificada a validade das assinaturas dos cidadãos que suportam os concorrentes a presidentes de município, uma operação complexa que exige a consulta da base de dados do recenseamento eleitoral.

A verificação dos nomes e números deverá revelar se as assinaturas são genuínas, ou casos de duplicação, ou se os candidatos apoiaram a candidatura de vários concorrentes.

No caso dos candidatos a edis, a legislação eleitoral estabelece que estes devem reunir pelo menos um por cento das assinaturas dos eleitores registados na respectiva autarquia.

Após esta fase, segundo o calendário eleitoral, a CNE deverá publicar, no dia 24 deste mês, até o dia 3 de Outubro, a lista dos candidatos aceites e rejeitados. Estes últimos terão como fim do prazo o dia 13 de Outubro para recorrer da decisão, sendo que a lista definitiva será divulgada no dia 17.

Como forma de levá-los ao conhecimento dos eleitores, o @Verdade traz o perfil de cada partido, associação e grupo de cidadãos proponentes, do qual consta o nome do presidente, o ano da sua fundação, o número de membros, a localização da sede e, não menos importante, os municípios para os quais irá concorrer. Ei-los:

ASTROGAZA

Associação Provincial dos Transportadores Rodoviários de Gaza

Presidente: Não forneceu

Fundação: 1999

Número de membros: Não nos foi fornecido

Sede: Vila da Macia

Irá concorrer em: Vila da Macia

ASSEMONA

Associação para Educação Moral e Cívica na Exploração dos Recursos Minerais em Nampula



Presidente: Mário Albino

Fundação: 2012

Número de membros: 15 mil

Sede: Cidade de Nampula

Irá concorrer em: Nampula, Ilha de Moçambique, Monapo, Nacala-Porto, Ribáuê, Malema e Angoche

CINFORTÉCNICA

Associação de Jovens Técnicos Portadores de Deficiência de Moçambique

Presidente: Sérgio Guivala

Fundação: 2000

Número de membros: 350

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Cidade de Maputo

Frelimo

Frente de Libertação de Moçambique

Presidente: Armando Guebuza



Fundação: 1962

Número de membros: 3.5 milhões

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Todas as 53 autarquias

JPC

Juntos Pela Cidade

Presidente: Phillipe Gagnaux



Fundação: 1997

Número de membros: 18 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Cidades de Maputo e Matola

MDM

Movimento Democrático de Moçambique

Presidente: Daviz Simango



Fundação: 2009

Número de membros: 120 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Todas as 53 autarquias

MPD

Movimento Patriótico para a Democracia

Presidente: Matias Banze



Fundação: 2007

Número de membros: 37 mil

Sede: Cidade da Matola

Irá concorrer em: Autarquias das províncias de Maputo, Manica, Tete e Nampula.

NATURMA

Associação dos Naturais e Amigos da Manhica

Presidente: Alberto Chirinda

Fundação: 1998

Número de membros: 250

Sede: Vila da Manhica

Irá concorrer em: Vila da Manhica

Pahumo

Partido Humanitário de Moçambique

Presidente: Cornélio Quivela

Fundação: 2010

Número de membros: 20 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Pemba, Nampula, Nacala-Porto, Montepuez e Cidade de Maputo

PANAMO

Partido Nacional de Moçambique

Presidente: Marcos Juma

Fundação: 1993

Número de membros: 100 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Montepuez, Quelimane, Beira, Inhambane, Cidade de Maputo, Matola e Boane

PARENA



Partido da Reconciliação Nacional

Presidente: André Balate

Fundação: 1999

Número de membros: 20 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Beira, Cidade de Maputo, Matola

Partido para a Paz, Democracia e Desenvolvimento

Presidente: Raul Domingos



definir

Fundação: 2003

Número de membros:

5000

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Ainda por

PEC-MT

Partido Ecologista Movimento da Terra

Presidente: João Massango



Fundação: 2000

Número de membros: 65 mil

Sede: Cidade da Matola

Irá concorrer em: Cidades de Maputo e Matola

PIMO

Partido Independente de Moçambique

Presidente: Ya-qub Sibindy

Fundação: 1993

Número de membros: 810 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Em todas as 53 autarquias

PT

Partido Trabalhista

Presidente: Miguel Mabote

Fundação: 1993

Número de membros: 1 850 000

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Todas as 53 autarquias

PPLM

Partido do Progresso Liberal de Moçambique

Presidente: Cristina Maússe

Fundação: 1995

Número de membros: 20 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Cidade de Maputo, Matola e Boane

PVM

Partido os Verdes de Moçambique

Presidente: Enoque João Jalá

Fundação: 1997

Número de membros: 48 mil

Sede: Cidade de Maputo

Irá concorrer em: Cidade de Maputo, Matola, Praia do Bilene, Tete e Nampula

NOTA: Não nos foi possível obter informações relativas aos partidos Aliança Independente de Moçambique (ALIMO) e às associações AAUPEC e Uuiupi.

Democracia

Partidos políticos lideram percepção mundial de corrupção

Os partidos políticos são vistos como as instituições sociais mais corruptas na maioria dos países, segundo uma pesquisa global publicada pela Transparência Internacional, que ouviu mais pessoas em mais nações do que nunca, sendo o oitavo estudo publicado desde 2003. O Barómetro Global da Corrupção 2013, que se baseou em pesquisas com mais de 114 mil pessoas em 107 países, também encontrou uma maioria de entrevistados (54%) para os quais os seus governos estão controlados, parcial ou totalmente, por um punhado de entidades que actuam em seu próprio benefício.

Texto: Jim Lobe/IPS

Pouco mais de uma em quatro pessoas (27%) reconheceram ter pago um suborno nos 12 meses anteriores para realizar trâmites junto a instituições públicas, como polícia ou tribunais. Mas os subornos mostram maior prevalência em alguns países em relação a outros. Na Austrália, Dinamarca, Finlândia e Japão apenas 1% dos entrevistados admitiram ter pago subornos a funcionários públicos. Entre os países em desenvolvimento, os melhores colocados foram Uruguai, Malásia e Maldivas, onde apenas 3% reconheceram ter subornado servidores públicos no último ano, contra 7% nos Estados Unidos e 5% na Grã-Bretanha.

Estes pagamentos ilegais são muito mais frequentes em países pobres, sobretudo de África, segundo a pesquisa. Mais de seis em cada dez pessoas entrevistadas relataram subornos nos Camarões, Quênia, Libéria, Líbia, em Moçambique, na Serra Leoa, no Uganda e Zimbábue. Em geral, a maioria disse acreditar que a corrupção nos seus países agravou-se desde 2011, quando foi divulgada a edição anterior do Barómetro.

Contudo, dois terços dos entrevistados disseram estar convencidos de que as pessoas comuns podem fazer a diferença no combate à corrupção, embora sejam o segmento que, provavelmente, mais incorreu em condutas como o suborno. Entre 51% e 72% dos entrevistados em cada país manifestaram-se dispostos a adoptar uma ou mais acções específicas, como ingressar numa organização anticorrupção, participar em protestos pacíficos e assinar petições públicas.

“Isto demonstra uma ampla vontade de participar que deveria ser aproveitada pelo movimento anticorrupção”, afirmou a Transparência, uma entidade não governamental com 90 associações filiadas em diversas partes do mundo. A pesquisa aparece num momento de particular atenção e mobilização contra as práticas corruptas.

Nas últimas semanas as manifestações realizadas no Brasil tiveram entre os seus alvos a estendida venalidade pública. Na Índia, outro populoso país emergente, o movimento anticorrupção que começou em 2011 continua vivo. Da China à Nigéria, comunidades rurais e populações urbanas pobres enfrentam despejos e apropriação de terras por parte de sectores ricos e com ligações políticas e judiciais. Movimentos como o norte-americano Ocupe Wall Street ou os indignados de Espanha, Grécia e outros países europeus afectados pela crise económica centraram as suas críticas na influência desproporcional que corporações e bancos exercem sobre os governos.

O Barómetro é um de vários estudos que observam questões de transparência e cujos resultados são empregados por instituições internacionais como o Banco Mundial, agências de desenvolvimento e empresas privadas para avaliar o risco dos investimentos e dos negócios nos âmbitos nacionais. A Transparência também publica o Índice de Percepção da Corrupção, que no ano passado qualificou 176 países com base em avaliações de analistas de risco, empresários e outros especialistas nacionais e internacionais. Por sua vez, o Barómetro entrevista pessoas comuns.

Este ano, foi solicitado a cada entrevistado que qualificasse a gravidade da corrupção no seu país numa escala de um (nenhuma gravidade) a cinco. O resultado médio desta pergunta foi de 4,1, mas com enormes variações. Entre os que reconheceram ter recorrido a subornos, 31% disseram que pagaram a polícias e 24% a funcionários judiciais. Uma proporção de 75% de subornos policiais foi registada na República Democrática do Congo, no Gana, na Indonésia, no Quênia, na Libéria, Nigéria e Serra Leoa.

O sector seguinte com maior percentagem de subornos foi o correspondente a registos, especialmente de propriedade e transferência de terras. As piores cifras correspondem a sociedades e países que vivem processos de transição ou pós-conflitos, como Afeganistão, Camboja, Iraque, Libéria, Paquistão e Serra Leoa, todos com alto grau de desnutrição. Seguem em prevalência de subornos os serviços médicos (17%) e a educação (16%).

Além da persistente prática de “molhar a mão”, 64% dos entrevistados disseram que outra conduta imprópria são os contactos pessoais para realizar trâmites no sector público. Em Israel, na Itália, no Líbano, Malawi, Marrocos, Nepal, Paraguai, na Rússia, Ucrânia e no Vanuatu mais de 80% dos entrevistados mencionaram a importância dos contactos pessoais.

A percepção de que o governo é controlado por uns poucos interesses privados, e não pelo interesse público, parece generalizada, inclusive entre as nações mais ricas. Enquanto apenas 5% dos noruegueses manifestaram essa convicção, 83% dos gregos, 70% dos italianos, 66% dos espanhóis e 64% dos norte-americanos disseram acreditar que os seus governos se movem, “em grande parte” ou “completamente”, em função de “um punhado de grandes interesses particulares”.


Quanto às grandes instituições sociais, os partidos receberam uma pontuação média de 3,8, numa escala onde cinco indica corrupção máxima. Em seguida estão polícia, com 3,7, servidores públicos, parlamento e justiça com 3,6 cada, as empresas e os serviços médicos com 3,3 cada, o sistema educacional com 3,2, e os meios de comunicação com 3,1. As instituições menos corruptas, segundo a pesquisa, são os militares (2,9), as organizações não governamentais (2,7) e as igrejas e religiões (2,6).

Em 51 países houve uma maioria que colocou os partidos políticos como as instituições mais

corruptas, entre eles, Alemanha, Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Índia, Iraque, Israel, Itália, Japão, México, Nigéria, Noruega, Palestina, Portugal, Tailândia, Turquia e Uruguai.

A polícia lidera o *ranking* de maior corrupção em 36 países, como Bangladesh, Bolívia, Egito, Etiópia, Filipinas, Gana, Indonésia, Quênia, Malásia, México, Moçambique, Nigéria, Paquistão, Ruanda, Senegal, África do Sul, Sri Lanka, Tanzânia, Uganda, Venezuela e Vietname, entre outros. Alguns países repetem-se porque vários entrevistados apontaram mais de uma instituição como as mais corruptas das suas sociedades.

Publicidade



Cursos
 Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de *procurement*. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em o todo ciclo de vida do processo de *procurement* e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de *procurement*, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de *procurement*/compras (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do *Procurement*, nomeadamente:**
 - Seleção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores.
 - Devolução e registo da mercadoria; e
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias.

1 a 3 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: **40 000,00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras; e
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Democracia

Governo não quer que a população conheça as leis e zanga-se quando é questionado

A tensão que envolve as comunidades do distrito de Palma, concretamente a aldeia de Quitupo, na província de Cabo Delgado, por causa de um processo de construção de uma fábrica de gás natural liquefeito numa terra alheia, resulta de atropelos à lei por parte do Governo. Quem assim o diz é a directora do Centro Terra Viva, Alda Salomão, que também explicou as razões pelas quais foi intimada a comparecer numa esquadra no dia 20 de Agosto naquele ponto do país.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Sem meias-palavras, Alda Salomão afirmou que o Governo está desagradado porque a sua instituição estava a fazer sessões de divulgação da legislação e de preparação de activistas das comunidades (de Quitupo) e que agora podem dialogar com os representantes do Executivo, levantando questões de fundo relativamente à ocupação de terras.

“Fui intimada violentamente a comparecer numa esquadra distrital, por polícias armados, às 06 horas da manhã, à porta da casa onde estava hospedada, em Palma, para ir responder justamente a questões relacionadas com a autorização e legitimidade que o Centro Terra Viva tem para com as comunidades do distrito de Palma e estar a divulgar a legislação junto delas”, explica.

Esse episódio, segundo a nossa interlocutora, deixou claro que as instituições do Executivo se “zangam” porque não aceitam que um cidadão de uma zona rural tenha a legitimidade de lhe fazer perguntas, porque é Estado.

“Zangam-se porque acham que divulgar a legislação é criar agitação nas comunidades. Para eles, as comunidades deviam manter-se caladas, não levantar questões nenhuma para que os agentes do Governo continuem a fazer os seus negócios sem qualquer questionamento”, acrescentou.

Na referida esquadra, em Palma, Alda Salomão foi informada de que estava a ser interrogada porque um secretário daquele distrito apresentou uma denúncia dando conta de que o trabalho do CTV estava a dificultar o trabalho do Executivo.



“Para alguns agentes do Governo é conveniente que as populações permaneçam na ignorância, na falta de formação e mais distante possível do conhecimento para que possam continuar a acontecer actos de violação dos seus direitos sem que elas protestem”, considera.

E no caso de Palma, de acordo com Alda Salomão, as pessoas protestam contra a maneira como foi cedido o direito de ocupação de terras pelas duas empresas associadas, nomeadamente a Anadarko Moçambique e Eni East Africa S.p.A. “Aquele terra não estava desocupada. Não é uma terra vazia, há pessoas lá com direitos reconhecidos e a Constituição da República protege-lhes, independentemente de possuírem ou não títulos”.

Num outro desenvolvimento, Alda Salomão disse que há indícios muito fortes de irregularidades graves na maneira como foi atribuída a licença de uso de terra às duas empresas, sendo que há uma grande preocupação por parte do Governo de evitar que essas anomalias sejam tornadas públicas.

“Por isso, actos como esses têm apenas como objectivo intimidar e silenciar as pessoas porque há uma série de procedimentos que foram grosseiramente atropelados e nós estamos a aprofundar a questão e a trazer dados. Temos neste momento evidências de que foi feita uma atribuição irregular de uso da terra”

Neste momento, em Quitupo, fala-se de reassentamento da população, porém, estas

“Quando eu quis perceber o que significa dificultar o trabalho do Governo, esclareceram-me que o Governo agora está com dificuldades de dialogar com as comunidades. Estas fazem muitas perguntas, levantam muitas questões, querem saber de leis, querem saber de procedimentos, têm inclusivamente cópias de documentos que distribuíram (CTV)”.

Surpreendida com a situação, a dirigente perguntou de que documentos a polícia ou o Governo estavam a falar, tendo-lhe sido dito que se tratava de cópias de regulamentos, manuais, guiões, dentre outros instrumentos através dos quais a população podia informar-se a respeito dos procedimentos a seguir em caso de ocupação de terras ou, eventualmente, dos seus talhões para efeitos de implantação de projectos.

querem perceber como é que a medida foi tomada. Entretanto, a surpresa é que nem sequer ainda foi tomada essa decisão, o que constitui uma desinformação total. “E nós é que estamos a ser acusados de desinformação por estarmos a divulgar a legislação. O Governo é que vai lá em grande comitiva, escoltando uma empresa para comunicar que vai iniciar o processo de reassentamento, e sai imaculado desse caos por ele próprio criado”.

A nossa entrevistada esclareceu ainda que o processo de reassentamento que está a ser propalado pelo Executivo e pelos investidores naquela parcela do país com vista a dar lugar à construção de uma fábrica de Gás Natural Liquefeito só pode acontecer quando a licença ambiental tiver sido concluída.

Por seu turno, o Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental (MICOA) confirma que ainda não existe nenhuma decisão de reassentamento e nem se sabe se o projecto vai ou não avançar porque não há licença ambiental, embora o Governo esteja a preterir esse princípio para favorecer, às pressas, os interesses dos investidores.

“Nenhum documento é emitido antes da licença ambiental, porém, já foi emitido um Direito de Uso e Aproveitamento de Terra a favor daquela companhia. A explicação que temos é a de que é imprescindível que o investidor tenha o DUAT para saber onde é que vai implantar o projecto, o que mostra uma desarticulação propositada entre as pessoas que trabalham no assunto”.

Alda Salomão sugere que em trabalhos como esses, e para evitar erros tais como os que aconteceram em Cateme, na província de Tete, é preciso que o Governo saiba informar, comunicar e consultar as comunidades e os vários intervenientes no assunto.

Renamo denuncia perseguição dos seus membros e assassinato de um ex-guerrilheiro

A Renamo acusa o Governo e a Frelimo de estarem a perseguir os seus desmobilizados na região centro do país, concretamente nos distritos de Dondo, Nhamatanda, Buzi, Cheringoma, Chibabava, na província de Sofala, actos protagonizados pela Polícia da República de Moçambique. Segundo Fernando Mazanga, porta-voz deste partido, como corolário destas acções, na semana antepassada foi morto um ex-guerrilheiro de nome Oliveira Magazanhica, que prestava serviço no quartel-general da “Perdiz”, em Santhunjira.

Texto: Redacção

De acordo com Mazanga, o Major Oliveira Magazanhica, natural do distrito de Caia, “foi executado depois de ter sido torturado e mantido em cativeiro entre os dias 25 e 27 de Agosto. Ele fazia trabalhos no quartel-general da RENAMO, em Santhunjira, Gorongosa, e ter-se-ia deslocado a Nhamatanda para visitar a família.

“Estranhamente, às 20H00 do dia 25, a PRM chegou à sua casa, raptou-o e levou-o para o mato onde viria a ser assassinado. (...) Estas práticas hediondas são materializadas pela Polícia da República de Moçambique (PRM), com a colaboração directa

dos secretários dos bairros e do Policiamento Comunitário, que vão de casa em casa dos desmobilizados da RENAMO, e os rapta para serem torturados até à morte”, disse Mazanga.

“Sabemos que o Governo da FRELIMO deu ordens à PRM, FIR, FADM para andarem de casa em casa à procura dos desmobilizados da RENAMO e têm instruções claras e exactas para os capturar e executar”, acrescenta.

O corpo de Oliveira Magazanhica viria a ser descoberto por alguns populares que procuravam lenha, os quais trataram de informar à Polícia. Porém, a PRM fez-se ao local acompanhada do secretário do Grupo Dinamizador da Frelimo.

Como se de um indigente se tratasse, o seu corpo foi enterrado no local e nem houve a preocupação de se tentar identificar a

vítima, muito menos localizar a sua família.

Face a este clima, Mazanga afirma que “a situação política do país tende a deteriorar-se, com o retorno a práticas terroristas que estão a ser levadas a cabo pelo Estado, a mando do partido FRELIMO e o seu Governo, que estão a semear luto nas famílias moçambicanas, na região centro de Moçambique, com maior enfoque nos distritos de Dondo, Nhamatanda, Buzi, Cheringoma, Chibabava, povoados de Pandja, Nhango, Magomane e Matcheme”.

“Escaparam sete ex-guerrilheiros nos postos administrativos de Muda e Bebedo, distrito de Nhamatanda, quatro em Savane, distrito de Dondo, e cinco em Gonda, distrito de Búzi, somando 16 que neste momento estão em fuga, em parte incerta, para escaparem dos esquadrões da morte a soldo do Partido FRELIMO”, acrescentou.

Reunião Nacional de Quadros reitera boicote às eleições autárquicas de Novembro e gerais de 2014

Entretanto, teve lugar nos dias 9 e 10, em Quelimane, a Reunião Nacional de Quadros da Renamo, alargada aos delegados distritais, encontro no qual foi reiterado que o partido não irá participar nas eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo e nas gerais de 2014 caso o pacote eleitoral não seja revisto.

Segundo Manuel Bissopo, secretário-geral desta formação política, “participar em pleitos eleitorais com a actual legislação eleitoral, aprovada com recurso à ditadura do voto, significa violar os princípios da democracia e aceitar as humilhações pelas quais o partido passou após a assinatura do Acordo Geral de Paz”.

“Para provar a responsabilidade e o respeito que o partido tem para com o povo moçambicano, a Renamo não vai participar enquanto a Frelimo continuar a pisar a democracia”, acrescen-

tou Manuel Bissopo, que prometeu que o seu partido pautará pela violência “caso a Frelimo prossiga com o plano de realizar eleições sem que se alcance consenso no diálogo” entre ambos, que já vai na sua 19ª ronda.

A nível da Zambézia, o secretário provincial, Abdala Ussufo, garantiu já estarem criadas todas as condições para pôr em prática o plano de boicote das eleições.

De referir que a Reunião de Quadros da Renamo, para além de delinear estratégias para os próximos pleitos, tinha por objectivo analisar as recomendações da conferência realizada entre os dias 29 e 31 de Julho último, em Santhunjira, Gorongosa, província de Sofala, onde Afonso Dhlakama, presidente do partido, fixou residência.

Democracia

LDH exige revogação de multas e processos disciplinares contra médicos e profissionais de saúde

A Liga Moçambicana dos Direitos Humanos exige que o Ministério da Saúde anule todos os processos disciplinares e descontos salariais aplicados aos médicos e profissionais de saúde que aderiram à greve do dia 20 de Maio, que viria a terminar 25 dias depois. Estas represálias, segundo esta organização, revelam arrogância e má-fé por parte do Governo, para além de constituírem uma violação ao direito fundamental à manifestação e à liberdade de associação no Sistema Nacional de Saúde, em particular, e na Função Pública, no geral.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

No entender da LDH, que já iniciou uma batalha jurisdicional em defesa colectiva de mais de 200 médicos e profissionais de saúde junto ao Tribunal Administrativo, “instaurar processos disciplinares, sancionar e aplicar outras represálias aos funcionários e agentes do Estado com recurso à má-fé, ao abuso de poder de autoridade e com vista a limitar o exercício dos direitos e liberdades fundamentais pelo medo na Função Pública é pôr em causa os fundamentos do Estado de Direito instituído na nossa Constituição”.

Esta exigência vem em resposta à atitude tomada pelo Governo, por via do Ministério da Saúde, após o anúncio do fim da greve dos médicos e profissionais de saúde, que consistiu na instauração de processos disciplinares e descontos salariais.

Na verdade, as represálias tiveram início antes do fim da greve pois a alguns médicos foram retiradas as casas protocolares, para além de terem sido afastados dos cargos que ocupavam, enquanto outros, que se identificaram publicamente com a causa e apoiaram-na tiveram reformas compulsivas.

Porém, no caso das reformas compulsivas, a medida foi inoportuna e discriminatória uma vez que a mesma não foi extensiva a todos os médicos em exercício e com idade para tal.

Descontos salariais

Em relação aos descontos salariais, que recaem sobre os meses de Maio, Junho e Julho, para além de serem ilegais, a LDH alerta para o facto de os mesmos não estarem a ser feitos de forma clara na medida em que “alguns sofreram mais descontos que os colegas, sendo que outros não chegaram a sofrer nenhum. Até o presente, os descontos salariais incidiram mais sobre os enfermeiros e agentes de serviço quando comparados com os descontos sofridos pelos médicos”.

Suspensão do Curso de Pós-Graduação

Paralelamente aos descontos salariais e processos disciplinares, o Governo suspendeu o Curso de Pós-Graduação, que garantia a formação em várias especialidades em medicina. A medida afectou a maior parte dos médicos, que depois foram transferidos para outros pontos do país. Esta situação constitui um “golpe” ao Sistema Nacional de Saúde, que se ressentiu da falta de especialistas em muitas, senão todas, áreas de medicina.

Processos disciplinares

O Ministério da Saúde instaurou em todo o país processos disciplinares contra os profissionais de saúde que exerceram o direito fundamental à greve, que só na cidade de Maputo ascenderam aos 200. “A título de exemplo, foram instaurados pouco mais de 37 processos disciplinares no Departamento de Cirurgia HCM, 25 no Departamento de Pediatria HCM, 17 no Departamento de Ortopedia HCM, 14 Serviços de Urgência e Reanima-



ção HCH, 7 no Departamento de Medicina Legal HCM, 7 no Departamento de Ginecologia HCM, 17 no Hospital Geral de Mavalane, 27 no Hospital Geral José Macamo, 7 no Hospital Psiquiátrico de Infulene, 9 no Hospital Provincial de Inhambane, etc”.

“Os despachos da Direcção do Hospital Central de Maputo sobre os processos disciplinares aplicam a pena de multa graduada ora, e sobretudo, em 90 dias, ora em 60 dias, ora em 30 dias. No entanto, não facultou aos visados os fundamentos da decisão, com vista a garantir que profissionais e agentes do Estado em questão saibam claramente dos fundamentos de Direito e o significado das penas que lhes foram aplicadas, conforme manda a lei, e para que possam melhor impugnar a decisão, querendo. É assim que determinam as regras e os princípios do Estado do Direito e da actuação da Administração Pública na prossecução do interesse público e no respeito pelos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos”, refere a nota.

Génese da greve

A greve foi motivada pelo não cumprimento, por parte do Governo, do acordo celebrado entre o Ministério da Saúde e a Associação Médica de Moçambique no dia 15 de Janeiro, através do qual o Executivo se comprometia a responder positivamente às reivindicações desta classe e a manter o diálogo entre as partes.

O documento visava, igualmente, pôr fim à greve realizada entre 7 e 15 de Janeiro pelos médicos e médicos estagiários, sendo que estes últimos sofreram represálias que consistiram na reprovação colectiva e administrativa no estágio integral.

Entretanto, o Governo não respeitou esse acordo, o que agravou o descontentamento no seio dos profissionais de saúde, que decidiram, mais uma vez, exercer o direito fundamental à greve exigindo melhores condições salariais e de trabalho, mas, durante o seu decurso, o Executivo não se dignou responder às reivindicações, pautando apenas por actos de represália.

Governo pouco credível

Para a Liga dos Direitos Humanos, estas represálias relevam a fraca credibilidade e mancham a imagem do Governo, assim como representam “o triunfo da prática da má governação e do funcionalismo público na base da intimidação e do medo. Elas (as represálias) violam os padrões internacionais sobre a actuação da Administração Pública, na medida em que são contrárias ao princípio da promoção dos direitos dos agentes da função pública e a obrigação da Administração Pública de respeitar os direitos humanos e a legalidade, segundo a Carta Africana sobre os Valores e Princípios da Função e Administração Pública, ratificada pelo Estado moçambicano através da Resolução nº 67/2012”.

“Situação nos hospitais piorou”, dizem alguns cidadãos

Esta situação veio piorar o já caótico Sistema Nacional de Saúde que se ressentia de muitos problemas, tais como a falta de médicos, enfermeiros, mau atendimento, entre outros problemas, sendo que muitos deles estiveram por detrás da greve.

Hoje, os cidadãos acreditam que estas questões estejam ligadas a uma suposta reivindicação silenciosa. “O Estado diz que não tem dinheiro para pagar melhores salários aos médicos mas quando estes entram em greve ele instaura processos disciplinares e desconta os seus ordenados. Eles estão a fazer uma greve silenciosa e quem sofre é o povo”, dizem, em uníssono, algumas pessoas por nós interpeladas.

(Alguns) Casos de mau atendimento em unidades sanitárias

Em Catandica, na província de Manica, os utentes do hospital distrital lamentam o atendimento deficiente e a falta de respeito e de atenção protagonizados pelos funcionários, que também são acusados de passar receitas cujos medicamentos não existem nas farmácias



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no **twitter @democraciamz**

públicas, para além de darem prioridade a amigos e pessoas influentes, sobretudo na maternidade.

No Hospital Rural de Monapo, na província de Nampula, uma parturiente perdeu a vida oito horas depois de ter sido internada na maternidade na noite da última segunda-feira. Para além de negligência no atendimento, os funcionários que estavam em trabalho falsificaram o processo, tendo alterado a data e a hora de entrada. Nos documentos por eles preenchidos, lê-se que ela chegou no domingo e que se teria apresentado tardiamente à unidade sanitária. “Ela foi largada na cama do hospital, a rebolar e aos gritos. Ninguém se dignou atendê-la. Fui pedir, de joelhos, ao funcionário para que lhe atendessem, mas foi em vão”, disse o esposo.

No Hospital Central de Nampula, apesar de os médicos terem dito que a greve tinha chegado ao fim, no banco de socorros alguns doentes graves esperam várias horas para serem atendidos por negligência propositada dos profissionais de saúde afectos àquela sanitária, a da região norte do país. Para prestar um bom atendimento, alguns médicos e pessoal de apoio têm cobrado valores monetários.

No Centro de Saúde 25 de Setembro, também em Nampula, as mulheres queixam-se das cobranças ilícitas que as parteiras têm efectuado na maternidade. Por cada parto as enfermeiras cobram duzentos a quatrocentos meticais.

Um pouco após o fim da greve, alguns serventes afectos ao Hospital Central de Maputo (HCM) maltratavam os doentes, sobretudo à noite. O @Verdade soube que na Medicina O2 os pacientes são impedidos de tomar banho sem antes terem pago algum dinheiro.

Eles fechavam as torneiras das casas e vedam o acesso dos doentes às mesmas. Quem quisesse urinar, defecar ou trocar de roupa não o podia fazer antes de desembolsar algum valor.

Segundo apurámos ainda, no HCM, sobretudo nas “medicinas”, havia agentes de serviço que quando pretendiam trocar a roupa de cama ralhavam, insultavam e agarram os pacientes (mulheres) pelos cabelos, arrastando-as para o chão.

“Os serventes quando se apercebem de que os médicos estão para circular pelas salas onde os doentes estão acamados limpam as casas de banho e põem tudo em ordem para dar a impressão de que está tudo bem”, disse-nos um paciente.

Uma cidade de mãos dadas com o diabo

Na verdade é um entreposto do diabo. Os Estados Unidos da América também tiveram que se aliar a Lúcifer para prosperar, incluindo alguns dos seus presidentes, que chegaram a entregar-se, sem olhar para trás, aos jogos de azar. E a América chegou onde está hoje por causa dessa audácia. Maxixe não será propriamente os Estados Unidos, mas o diabo está lá, de mãos dadas com o dinheiro. E não teremos a menor hesitação em dizer isso quando olharmos para um espaço onde o crime floresce a cada dia, mesmo com a Polícia à ilharga. Mas não é esta adversidade que vai parar uma cidade que se está a impor, e que cresceu muito nos últimos quinze anos, sob a batuta do presidente do município, Narciso Pedro, que teve de se arrojar, conciliando os tabus dos bitongas, matswas, chopis, ndaus e de outros, para hoje dizer, “saio de cabeça erguida, levei a Maxixe para um patamar nunca antes visto”.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Um dos grandes desafios do edil foi transformar os subúrbios – outrora – “guetizados”, em zonas urbanizadas, ou com condições para se urbanizarem. E conseguiu, em grande medida. Teve que enfrentar os donos dos terrenos e das benfeitorias que era preciso destruir para dar lugar a arruamentos. “Levamos quase um mandato inteiro em conversações com os munícipes afectados pelo reordenamento territorial. No princípio não compreendiam que o trabalho a ser feito beneficiaria a eles próprios. Foi muito difícil, mas como nós tínhamos a certeza daquilo que pretendíamos, batemos como água mole em pedra dura. E furámos. Tivemos muitas reuniões e, no fim das contas, todos estamos satisfeitos com o trabalho desenvolvido”.

Hoje os bairros da cidade da Maxixe ostentam uma melhor organização, não obstante quase todas eles carecerem de pavimentação. “Temos consciência disso. Uma cidade moderna não se compadece com ruas de terra batida, mas esse empreendimento exige avultados fundos financeiros, que neste momento não possuímos. Porém, sentimo-nos satisfeitos com o trabalho realizado. A abertura das ruas permitiu aos munícipes organizarem melhor as suas residências e outras infra-estruturas como lojas e barracas. Se deflagrar um incêndio, o carro de salvação pública pode socorrer a situação com muito mais facilidade. Se houver necessidade de uma ambulância penetrar para socorrer um doente, já não encontra dificuldades. A movimentação dos cortejos fúnebres ganhou mais dignidade, o que não se verificava há quinze anos atrás. Por isso, podemos dizer com orgulho que durante o mandato que ora termina fizemos maravilhas”.

O trabalho, em termos de urbanização, não se cingiu apenas ao reordenamento dos subúrbios que já existi-



ram, pois nasceram novos bairros. “É verdade, muitas pessoas que iam sendo afectadas pela abertura das ruas e outras intervenções foram movimentadas para novas zonas residenciais. Criámos um bairro de expansão, que é o nosso orgulho, onde os munícipes erguem as suas habitações de forma condigna. Pensamos que eles foram compreendendo com o tempo que era necessário obedecer aos ventos do desenvolvimento. E foi isso que nós fizemos”.

A própria cidade do cimento, que nos lembrava as ruas poeirentas dos filmes de Cowboy, está diferente. Irreconhecível, por ser mais atraente em termos urbanísticos. “Asfaltámos a avenida que é o espelho da cidade, paralela à Estrada Nacional Número Um (EN1). Todos nós estamos recordados de que aquele troço era todo ele de terra batida e hoje pode-se ver, sem muito esforço, que o trabalho desenvolvido não precisa de comentários. Os carros circulam numa boa estrada e, como se isso não bastasse, pavimentámos os passeios para dar dignidade aos peões”.

E edilidade asfaltou quase todas as ruas nevrálgicas da cidade, e outras foram revestidas com pavet. “Importa referir que o pavet colocado na rua do dumba-negue, numa extensão de um quilómetro e cem metros, foi fabricado aqui na nossa cidade, por uma máquina adquirida com fundos próprios. Apostámos em trabalhar para termos uma cidade moderna e está aí. Quem quiser confirmar os nossos feitos pode dar uma volta pela urbe para ver o que foi feito. Podemos ter cometido erros, isso é natural num processo tão complexo que é dirigir um município, mas as obras falam por si. Eu e a minha equipa quisemos que as pessoas se lembrassem de nós pelo nosso bom desempenho e penso, modéstia à parte, que vamos conseguir isso”.

Alguns dos erros podem ser encontrados nas construções feitas em zonas de protecção, ao longo da costa. “Sim, temos conhecimento desses problemas, que

estão num processo de correcção. Devo ainda dizer que temos populações a viver nesses espaços e que precisam urgentemente de ser movimentadas para outros lugares, mas isso requer muito dinheiro, de que o município neste momento não dispõe. Temos consciência de que a nossa cidade precisa de ter aqueles espaços completamente livres”.

Abastecimento de água e energia

O abastecimento de água já foi um problema na Maxixe, hoje está quase ultrapassado. “Em relação ao nosso manifesto eleitoral, estamos a 90 por cento nesta área. Construímos 25 fontanários e 52 pequenos sistemas de abastecimento de água, que estão a beneficiar um universo de 51 mil munícipes. Expandimos a rede de distribuição de água canalizada em cerca de 50 km e este projecto está a beneficiar duas mil famílias que têm água nas suas casas. Estamos a falar dos bairros de Malalane, Macupula, Chambone A e B, Nhamaxaxa, Rumbana, Bato, Maquetela, Manhala, Barrane, Nhambihi e Bembe. Temos mais dois projectos para os bairros de Mangapane, Macuamene, Guigunine e Mabil, e até finais de Novembro esses conglomerados terão água em abundância”.

Em relação a energia o município tem quase todos os bairros



ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



electrificados. Neste momento está-se a trabalhar no bairro Bembe. As ruas já têm iluminação pública e esta encontra-se em processo de expansão para as residências. “Instalámos uma linha de alta tensão de Nhamaxaxa a Móngwè e neste momento estão a ser feitos trabalhos de colocação de postes para a ramificação de baixa tensão e até ao fim do mandato teremos os trabalhos concluídos. Cumprimos com o plano de electrificação dos bairros Agostinho Neto, Matadouro, Chambone 5, Bato, Malalane, Nhambihu, Macupula e Nhamaxaxa. Nestes bairros os trabalhos foram concluídos e beneficiam 14.550 mil habitantes, contra 7.750 em 2008”.

Neste mandato foram ainda construídas duas escolas primárias, uma no bairro Nhambihu-Baquetine, que lecciona a oitava classe, anexa à Escola Secundária 1º de Maio, ainda em Nhambihu. “Construímos outra em Matadouro e importa referir que estes dois estabelecimentos foram completamente apetrechados com carteiras e secretárias para professores; edificámos seis salas de aula, um bloco administrativo e balneários. Adquirimos, à parte os apetrechos das escolas que construímos, 1.125 carteiras para 45 salas, que beneficiam 6.700 crianças. Construímos 27 salas e reabilitámos quatro em Muchiri e Malalane”.

“Na área da Saúde concluímos a construção do Centro de Saúde de Manhala, que tinha sido iniciado no mandato anterior e apetrechamo-lo, construímos um banco de socorro no Centro de Saúde da cidade da Maxixe, que assiste uma média de 350 pessoas por dia. Instalámos 16 núcleos de sensibilização dos munícipes para aderirem à testagem do VIH. Reabilitámos três centros e de saúde em Mabile, Bembe e Tinga-Tinga”.

Quanto ao saneamento do meio, a edilidade edificou no actual mandato 43 sanitários públicos, contra cinco planificados. “Desses sanitários, 36 foram construídos em escolas primárias, beneficiando 17.281 crianças. Fizemos 12 jardins e, desse número, dois foram adjudicados a privados, que cuidam da sua gestão. Neste momento estamos a proceder à construção de 270 latrinas melhoradas

em Macupula, 270 em Malalane e 100 em Bembe. Em Macupula estão a ser feitas 190 em parceria com a FRISO, uma instituição italiana que nos apoia neste projecto. Para fortalecer o trabalho de saneamento foram adquiridos três tractores contra um planificado e quinze atrelados, dos oito que estavam previstos”.

Na área de infra-estruturas e urbanização foi construída uma estrada de 18 km que sai de Mabil a Bato, e 6 km de Bembe a Bato e asfaltada a avenida Eduardo Mondlane, paralela à EN1. “Neste momento estamos a 70 por cento de colocação de pavet na avenida Amílcar Cabral, num troço de 1.100 km. Construímos passeios numa área total de 24.000 km2. Estamos ainda a trabalhar em outros 6 mil quilómetros quadrados de passeios, tudo isso para dar conforto aos nossos munícipes que se movimentarem na cidade”.

O edil fala igualmente da demarcação de talhões. “Tínhamos planificado 1.300 parcelas e neste momento concluímos 1.200, o que nos leva a acreditar que até ao fim do mandato teremos atingido a meta. Fizemos o nivelamento de 10 km de estrada de terra batida. Reordenámos cinco bairros, designadamente Rumbana, Malalane, Nhambihu, Macupula e Matadouro e ainda o bairro Expansão em Mangapane”.

Foram também construídos pelo município cinco mercados em Macupula, Nhaguiviga, Mabili, Nhamaxaxa. No bairro Expansão está em conclusão. “Importa referir que edificámos novas instalações para o município da Maxixe, com dois pisos e quarenta e dois compartimentos. É aqui onde vão funcionar a Assembleia Municipal, o Conselho Municipal, e a direcção técnica. É uma obra feita com fundos próprios num orçamento avaliado em 16 milhões de meticais”.

Na área do desporto, Maxixe destacou-se ao sagrar-se campeão provincial por três vezes, durante o mandato de Narciso Pedro. “Formámos 65 árbitros em três cursos levados a cabo, realizámos cinco campeonatos recreativos e quatro festivais culturais. Participámos em quatro campeonatos



O que ficou por fazer...

Narciso Pedro, embora saia de cabeça erguida, não encontra plena satisfação quando se lembra de que não conseguiu retirar as pessoas que habitam em zonas de máxima protecção, porque a operação acarretaria elevados custos financeiros. O problema da distribuição da água potável também ficou para quem do desejável. Ainda é uma inquietação para os munícipes, para além de que alguns bairros continuam a precisar de uma intervenção com vista ao seu reordenamento. Mesmo assim, o que ficou por fazer não pode manchar um trabalho reconhecido pelos munícipes. “Não é possível fazer tudo. Cometemos erros, é verdade. Mas trabalhamos e seremos julgados, com certeza, por aquilo que fizemos de bom, que não é pouco. Foram quinze anos coroados de êxito na Educação, saneamento do meio, arruamentos, abastecimento de água e energia eléctrica.

Entrepasto do diabo

É voz comum que Narciso Pedro desenvolveu um trabalho assinalável na Maxixe. Trouxe uma imagem de frescura à uma cidade que não dorme, no sentido de que “exala” uma grande vitalidade. Maxixe é um centro económico que já não se abastece apenas a si mesma. Estende os seus tentáculos comerciais para os distritos da província, incluindo a cidade de Inhambane, que busca ali os produtos para revendê-los na capital.

É pela Maxixe que também o país passa, deixando tudo de bom e de mau que possui. A cidade não dorme e, se não dorme, a Polícia também não pode repousar. São reportados amiúde casos de crimes violentos, que envolvem armas de fogo e brancas. E há quem diga que todo esse turbilhão é provocado pela circulação do dinheiro e da aglutinação de pessoas de diversas origens. Que chegam à Maxixe por causa dessa mola de impulsão.

Basta olhar-se para o dumba-nengue para estar tudo claro. As lojas formais, de um modo geral, são relegadas para segundo plano. E as poucas que funcionam fazem-no sem muitos clientes. Mesmo assim a urbe está abarrotada de gente. Que circula sem parar desde o amanhecer até a noite. Aos sábados a adrenalina parece aumentar. O parque automóvel está a atingir níveis nunca antes registados e o trânsito está a precisar de outro controlo. O troço da Estrada Nacional que passa pela cidade da Maxixe, por vezes torna-se num corredor de morte. Uma e outra vez regista-se um acidente fatal, provavelmente por falta de semáforo para refrear a velocidade dos automobilistas e proteger vidas humanas. A ponte-cais que serve os utentes que precisam de atravessar todos os dias para a cidade de Inhambane está em perigo e, se não houver uma intervenção urgente, amanhã podemos ter casos lamentáveis.

provinciais de futebol de onze e ganhámos em 2011, 2012 e 2013. Construímos em 80 por cento o campo desportivo municipal. Estão concluídos dois balneários, uma parte das bancadas e neste momento estão a decorrer obras de nivelamento do campo e a edificação da tribuna”.

No tocante a segurança pública, a cidade da Maxixe tem, pela primeira vez na sua história pós-independência, uma viatura de bombeiros. “Adquirimos também um carro para a Polícia Camarária, construímos um posto policial e outro está ainda em obras no bairro de Nhaguiviga. Comprámos cinco viaturas para os serviços do Conselho Municipal, adquirimos um camião basculante de oito toneladas, uma máquina para o fabrico de pavet, uma retro-escavadora e uma motoniveladora. E está em curso neste momento a construção de três morgues em Nhaguiviga, Mabil e Bembe, e um posto policial em Nhaguiviga. Estamos ainda a reabilitar o edifício actual do município e a residência oficial. Para além destes trabalhos encontramos a erguer três edifícios onde vão funcionar as sedes distritais e uma infra-estrutura para a Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional”.

ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Onde o comércio informal impera

A indústria turística é um dos mais importantes sectores que galvanizam a economia da capital provincial de Cabo Delgado e, à mesma velocidade, cresce a actividade informal nas principais artérias da cidade de Pemba. Mas os problemas que afectam a cidade que possui a considerada terceira maior baía do mundo vão para além do que se pode imaginar. Erosão, falta de água potável, defecação a céu aberto e construções desordenadas são algumas das questões que ofuscam a beleza daquela urbe "aninhada" ao longo da costa moçambicana.

Texto & Foto: **Hélder Xavier**

A azafáma nas ruas de Pemba revela um crescimento impetuoso em diversas áreas daquela principal urbe da província de Cabo Delgado. O município transformou-se, nos últimos dois anos, numa cidade de contrastes, onde a opulência coabita com a pobreza extrema. Essa realidade constata-se não só quando se caminha pelas artérias da autarquia, mas também nas zonas residenciais em expansão e ao longo da praia. De referir que, num curto espaço de tempo, Pemba tornou-se bastante agitada e pouco espaçosa para albergar milhares de pessoas que fazem da circunscrição um local de eleição.

O crescimento vertiginoso do município é visível em cada ponto da urbe. Diversos espaços foram transformados em zonas habitacionais, centros de comércio e lazer. O dinheiro que circula pelo efeito do turismo e dos megaprojectos atraídos pelo gás natural arrastam consigo problemas com os quais Pemba terá de lidar nos próximos dias. A subida de preços é um exemplo disso.

O município, com a terceira maior baía do mundo, tem enormes potencialidades para o desenvolvimento de turismo. A reboque da indústria turística, o comércio informal desponta ao longo dos passeios, empregando centenas de munícipes. Na verdade, o que se verifica nas ruas de Pemba é a revolução da informalidade. Diariamente, dezenas de pessoas fazem-se à cidade, oriundos de diferentes bairros periféricos e também distritos da província de Cabo Delgado, à procura de meios de sobrevivência. São, na sua maioria, atraídos pelas oportunidades ilusórias na indústria do turismo e nos megaprojectos. Muitos deles abandonam a sua terra natal, mas não escapam à pobreza.

A impressão com que se fica quando se caminha pelo município de Pemba é a de que quase todos os munícipes abandonaram o sossego dos seus respectivos lares para garantirem o sustento diário ao longo das principais vias de acesso à cidade. Um pouco por todos os cantos da urbe é comum encontrar pelo menos cinco pessoas a ganhar a vida, recorrendo à venda de produtos como bolinhos fritos, alface, couve, amendoim, vestuários, entre outros.



Saneamento do meio

Na parte urbana da cidade, a questão de resíduos sólidos parece ter a situação controlada, pois o processo de recolha de lixo é feito diariamente. Mas o mesmo não se verifica nas zonas suburbanas onde a situação é preocupante e a escassez de meios circulantes e o difícil acesso são invocadas como a principal razão da não remoção dos detritos. Para além disso, o município não dispõe de uma lixeira municipal com condições de aterros, e a que existe localiza-se à entrada da cidade de Pemba, como que servindo de cartão-de-visita da urbe.

Segundo as autoridades municipais, aquela lixeira já tem os dias contados. "Estamos a trabalhar com o Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental e já identificámos um lugar que se situa a aproximadamente 20 quilómetros da cidade. Portanto, dentro do mês em curso vamos lançar um concurso público para a vedação do espaço", disse o presidente do Conselho Municipal da cidade de Pemba, Tagir Carimo.

A essa situação alia-se o problema relacionado com a defecação a céu aberto. À luz do dia, dezenas de pessoas recorrem à praia para o efeito, apesar de existirem chapas a indicarem a proibição dessa prática naquele local. De acordo com a edilidade, o número de casos reduziu drasticamente nos últimos anos como resultado da adesão à construção de latrinas melhoradas por parte dos

munícipes, sobretudo no bairro de Paquitiquete.

No entanto, a realidade tem mostrado o inverso. Todos os dias, é possível deparar com adultos e crianças a fazerem do litoral uma casa de banho a céu aberto. A situação deve-se ao facto de a maioria dos munícipes viver em zonas em que, quando a maré sobe, a água do mar invade as habitações construídas ao longo da orla marítima. Nessas zonas habitacionais é praticamente impossível a edificação de latrinas melhoradas. E, por outro lado, a postura reflecte à incapacidade das autoridades municipais em construir sanitários públicos em alguns pontos da cidade.

Estradas e ordenamento territorial

Nos últimos anos, o número da população da cidade de Pemba cresceu de forma drástica. Segundo o Censo de 2007, o município conta com 141 mil habitantes, porém, presentemente, estima-se que vivem na terceira maior baía do mundo cerca de 160 mil pessoas. Com efeito, o crescimento da urbe continua a mostrar-se demasiado lento para responder às exigências que emergem em decorrência desse incremento.

ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.



À semelhança de outras principais autarquias do país, os bairros periféricos da cidade de Pemba reúnem todos os problemas que uma zona residencial de construções arbitrárias pode ter. Na verdade, o subúrbio é o exemplo mais bem acabado de um lugar quase irrespirável, onde não foi respeitado nenhum plano de urbanização. E, como se não bastasse, quase todos os dias, surgem habitações precárias em zonas baixas propensas à erosão e em direcção ao mar.

Os bairros de Cariacó, por sinal o mais extenso da autarquia com cerca de 47 mil habitantes, e Natite são os mais críticos no que respeita ao desordenamento territorial. Mas a edilidade afirma que já dispõe de um plano para a requalificação desses assentamentos informais.

No que diz respeito a estradas, Pemba pode-se orgulhar do avanço alcançado. A autarquia tem quase metade das vias públicas em boas condições, apesar de grande parte das estradas urbanas ser bastante antiga. Para a edilidade, o processo de tapamento de buracos já não é uma solução viável; na realidade é preciso fazer-se a resselagem. A cidade tem 38 quilómetros de estradas e, para sua intervenção, são necessários aproximadamente 30 milhões de dólares norte-americanos, quantia que as autoridades municipais ainda não dispõem.

A situação de vias de acesso é caótica nos bairros periféricos. Em algumas zonas residenciais já se começou o trabalho de abertura e alargamento de vias públicas de modo a facilitar a circulação de ambulâncias, viaturas dos bombeiros, entre outros veículos. Outro facto preocupante é a erosão do solo e tudo indica que o problema está longe de ser ultrapassado. “O combate à erosão é extremamente caro. O município até agora o que tem feito é o plantio de árvores. Existia um plano de combate à erosão que incluía a construção de valas de drenagem. Porém, o que foi

acontecendo é que as populações foram construindo não obedecendo o parcelamento, e acabaram por fechar alguns cursos de água”, disse o edil.

Água potável e electricidade

O acesso a água é um desafio para os munícipes. A cidade de Pemba ainda não atingiu um nível satisfatório no que respeita ao abastecimento do precioso líquido, embora haja melhorias nos últimos tempos. O município continua a contar com um sistema que havia sido traçado para atender a 50 mil pessoas e, presentemente, abastece perto de 160 mil habitantes. Em termos de cobertura, cerca de 52 por cento da população beneficiam de água potável em Pemba.

“Na altura, a água saía da zona Metuge para a cidade e sem contar que hoje deve-se primeiro abastecer Metuge e depois a cidade. Actualmente, temos grandes fábricas que usam água que é destinada ao consumo da população”, disse Tagir Carimo, acrescentando que o outro desafio é melhorar o campo de furos e identificar o rio no qual se pode aventar a hipótese da construção de uma barragem definitiva.

Em relação à rede eléctrica, a cobertura, diga-se em abono da verdade, é satisfatória. Mas o desafio é melhorar a qualidade, porque em algum momento tem havido muita pressão nos bairros como, por exemplo, Paquitiquete, Chuiba e Cariacó, onde a qualidade de energia, principalmente no período nocturno, não tem sido das melhores. De acordo com as autoridades municipais, tem havido um esforço no sentido de minimizar a questão. Refira-se que, em Pemba, cerca de 90 por cento da população têm acesso a corrente eléctrica e, em termos de qualidade, apenas 70 por cento é que beneficia dela.



Contexto histórico

Antigamente, a área em que se encontra localizada a cidade de Pemba era visitada por pescadores swahilis e malgaxes e não há registo de ocupação permanente no período pré-colonial. A primeira tentativa da dominação portuguesa apenas ocorreu em meados do século XIX com a construção de um fortim, que foi abandonado poucos anos depois. Só em 1989, com a criação da Companhia do Niassa, é que a ocupação viria a tornar-se definitiva.

A Companhia do Niassa detinha poderes de administração do território, tendo elevado um pequeno posto comercial à categoria de povoação. Mais tarde, Pemba passou a denominar-se Porto Amélia em homenagem à última rainha de Portugal. Com o fim da concessão à Companhia, em 1929, torna-se capital do recém-criado distrito de Cabo Delgado, pondo um ponto final à transferência da administração portuguesa desta região da vila do Ibo para Pemba.

Esta transferência correspondeu a mudanças no transporte marítimo que beneficiava das excelentes características do porto natural, e à ocupação e exploração do interior do território, para a qual Pemba estava melhor localizada. Em 19 de Dezembro de 1934, Porto Amélia foi elevada à categoria de vila e, em 18 de Outubro de 1958, a cidade regressando à designação Pemba depois da independência nacional, em Março de 1976.

Município de Pemba em números

População: 141 316 habitantes
Vereações: 8
Funcionários do município: 237
Projectos aprovados: 760
Postos de empregos directos: 930
Cobertura da rede eléctrica: 90 por cento
Acesso a água potável: 52 por cento
Unidades sanitárias: 10
Receitas: 96 milhões de meticais
Poços melhorados 14
Postos de trabalho sazonais 2.692
Receitas municipais 400 mil meticais/mês
Instituições bancárias: 4

Saúde e transporte

O acesso aos cuidados sanitários ainda é uma preocupação e o desafio é melhorar o número de unidades para o efeito de modo a incrementar a capacidade de a população poder beneficiar dos serviços básicos de saúde, que neste momento se configuram insuficientes. A nível de Pemba, existem 10 unidades sanitárias. Nos últimos tempos, o Conselho Municipal interveio nesse sector, facto que aliviou o sofrimento dos munícipes.

No que respeita ao transporte, as autoridades municipais introduziram o transporte público urbano. Além disso, o município passou a contar com dezenas de operadores de transportes semi-colectivos que garantem a circulação de pessoas e bens de um ponto da cidade para outro.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Nós estamos a crescer”

O edil de Pemba, Tagir Carimo, afirma que a cidade sob sua gestão está a desenvolver-se, não obstante as enormes dificuldades com que o município ainda se debate no tocante ao abastecimento de água, à erosão e à defecação a céu aberto. Porém, Carimo diz que “há condições para Pemba, daqui a algum tempo, poder caminhar pelos seus próprios pés”.

Texto & Foto: Helder Xavier

@Verdade – Qual é o actual estado do município de Pemba?

Tagir Carimo (TC) – Nós estamos a crescer. Pemba está efectivamente a desenvolver-se e a sensação como edil é que nós ainda não conseguimos operacionalizar tudo aquilo que é o código tributário municipal. Nós fizemos alguns ensaios no ano passado (2012), a nossa receita global seria de 88 milhões de meticais, e conseguimos amealhar 96 milhões. Foi graças a pequenas operações que conseguimos superar a meta que tínhamos proposto. Com esse valor, conseguimos aliviar os nossos compromissos com terceiros, e transitámos de 2012 para 2013 sem nenhuma dívida municipal. Fazendo uma avaliação do primeiro semestre, nós igualmente superámos a meta. Neste último trimestre, tínhamos a previsão de colectar 18 milhões de meticais, mas arrecadámos 38 milhões com o mesmo processo de aperfeiçoamento de arrecadação de receitas e operacionalização do nosso código tributário. O desafio que Pemba tem é de sentar e analisar quais são realmente os nossos pontos de receitas, encontrar um bom sistema de gestão financeira. Julgamos que, em algum momento, podemos não ficar muito sufocados como anteriormente. Há condições para Pemba, daqui a algum tempo, poder caminhar pelos seus próprios pés.

@V – A escassez de água tem sido um dos principais problemas da cidade de Pemba. Qual é a solução para esse constrangimento?

TC – Os dados que nós temos do Fundo de Investimentos e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) mostram que existem duas linhas de pensamento. A primeira é a extensão da própria rede, a instalação de uma rede de tubagem para os diversos bairros. Quase todos os bairros já têm cobertura de água potável. A outra linha de pensamento é se nessa linha de tubagem chega água ou não, aí estará o nosso grande desafio. Ainda não atingimos o nível satisfatório, embora haja melhorias nos últimos tempos, mas estamos a falar de um sistema que havia sido traçado para 50 mil pessoas na altura e hoje estamos com cerca de 160 mil habitantes. Na época a água saía de Metuge para a cidade e sem contar que hoje deve primeiro abastecer a zona de Metuge e depois a cidade. Actualmente temos grandes fábricas que usam água destinada ao consumo da população. Outro desafio é melhorar o campo de furos e identificar o rio no qual podemos aventar a possibilidade da construção de uma barragem definitiva. Enquanto isso não acontecer, continuamos com o mesmo sistema.

@V – O que se pode dizer da rede eléctrica?

TC – Em relação à energia, estamos felizes em termos de cobertura. O desafio que há é de melhorar a qualidade, porque em algum momento tem havido muita pressão. Em alguns bairros, como é o caso do bairro de Paquitiquete, Chuiba e Cariacó a qualidade de energia, principalmente no período nocturno, não tem sido das melhores, mas há um esforço no sentido de minimizar a questão. Em termos de cobertura de energia eléctrica, estamos a falar de 90 por cento da população e, em termos de boa qualidade, 70 por cento.



@V – Na componente de vias de acesso, quais são os bairros mais críticos?

TC – Existem alguns bairros críticos, como é caso do bairro de Cariacó, o mais populoso do município; estamos a falar de 47 mil habitantes. Já se começou com trabalhos de coordenação com as estruturas locais de modo a fazer-se a abertura de vias de acesso para questões como passagem de ambulância, carros dos bombeiros, entre outros fins. Outro bairro é Natite, cujo grande problema é a extensão de alguns quintais que não seguiram os planos de ordenamento territorial. Cada dia que passa o munícipe apropria-se de alguns metros de terra, reduzindo a largura das vias de acesso. Já começámos a trabalhar com uma equipa de jovens bastante competente na área de ordenamento territorial, que nos vai encaminhar para a requalificação, principalmente nesses dois bairros.

@V – O que está a ser feito para melhorar as estradas urbanas?

TC – Grande parte das estradas urbanas tem a idade da cidade. Na área de construção, está provado que um edifício ou uma estrada durante 55 anos sofre uma estruturação; o exemplo disso verifica-se na zona da baixa da cidade. A questão de tapamento de buracos já não é solução, temos que resselar todas, são aproximadamente 38 quilómetros de estrada e precisaremos de cerca de 30 milhões de dólares norte-americanos. Estamos a contactar vários parceiros para ver se abraçam esse projecto que já se justifica para a cidade de Pemba.

@V – O município dispõe de um plano para minimizar o problema da erosão?

TC – O combate à erosão é extremamente caro. O que o município até agora tem feito é o plantio de árvores. Há um projecto que já havia sido desenhado e, neste momento, é preciso actualizar. Na altura, quando o município de Pemba tinha beneficiado do projecto de desenvolvimento municipal do Banco Mundial, tinha sido desenhado um plano de combate à erosão que incluía a construção de valas de drenagem. O que foi acontecendo é que as populações foram construindo de forma desordenada e fecharam alguns cursos de água. Presentemente, a solução é mesmo a construção das valas de drenagem. A construção dessas valas de drenagem estava avaliada em 5.600.000 dólares.

@V – Quais são os bairros mais críticos?

TC – Os bairros que são considerados críticos são Cariacó e Alto Gingone. O que fizemos durante os dois anos foi uma mobilização de alguns fundos locais para fazer o plantio de árvores nas zonas onde isso é possível. Noutros pontos fomos apenas fazendo aterros com solos locais, mas não é um trabalho consistente. Tivemos de trazer alguns técnicos para fazerem um estudo mais apurado e avaliar quais os custos reais para o combate à erosão.

@V – A defecação a céu aberto é uma das situações que caracteriza negativamente a cidade de Pemba. Qual é o actual ponto de situação?

TC – Estávamos pior, mas agora já estamos num bom caminho. O resultado disso é que as pessoas já estão a aderir à construção de latrinas melhoradas, principalmente nas zonas propensas à defecação a céu aberto; refiro-me ao bairro de Paquitiquete. Temos feito um trabalho com uma associação juvenil local que se dedica à preservação do meio ambiente. Refiro-me igualmente à zona da orla marítima que parte do bairro de Paquitiquete até Chiba. Nessas zonas hoje já não se verifica esse fenómeno como se verificava anteriormente, continua ainda a ser um trabalho por fazer, mas julgamos que a comunidade é uma peça fundamental.

@V – O comércio informal é uma das actividades que teve um crescimento vertiginoso. A que se deve?

TC – É uma situação real, temos de ser mais rigorosos e compreender porque é que as pessoas estão a aderir ao comércio informal, quando na verdade temos alguns mercados que estão subaproveitados. De uma forma geral, formámos uma equipa que está a trabalhar com os próprios comerciantes informais. Eles já disseram as razões de não se fazerem ao mercado, em

algum momento existem tabus e, por outro lado, é que eles querem ficar perto do cliente. Outros dizem que não há espaço no mercado, mas há um trabalho consistente que estamos a fazer no Mercado Central de Natite, e o que nos sugeriram é que aqueles vendedores a grosso de feijão, cebola e batata devem ser transferidos para outros locais. A situação vai melhorar porque há uma adesão enorme de ocupação dos espaços que temos dentro dos mercados.

@V – A edilidade dispõe de um plano de gestão de resíduos sólidos?

TC – Existe um plano. Estamos a trabalhar com o Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental e já localizámos um lugar que fica a aproximadamente 20 quilómetros da cidade para a construção da lixeira municipal. Dentro do mês em curso, vamos lançar um concurso para a vedação do próprio espaço. Há uma equipa ambiental que está a fazer estudos no local e felizmente apurou-se que o sítio é ideal para se fazer um aterro sanitário. Vamos definitivamente fechar a actual lixeira municipal. Daí surge um outro desafio que tem a ver com a alocação de meios circulantes, visto que o tractor não pode percorrer 40 quilómetros por dia, por isso vamos ter que alocar camiões e usar o tractor para outros fins. Introduzimos, com a ajuda de um grupo de jovens locais, um sistema de recolha primária de lixo, usando os txovas, que vão passando pelos sítios onde não é possível utilizar os camiões.

@V – Nos últimos anos, o custo de vida agravou-se na cidade de Pemba. Essa situação deve-se aos megaprojectos?

TC – Esta questão de custo de vida não começou com as multinacionais, é uma questão antiga. Desde que se assumiu que Pemba é uma cidade turística, o custo de vida é altíssimo. Mas é compensador ver que algumas pessoas conseguem aguentar-se apesar da situação, recorrendo ao auto-emprego. Nós, através do Fundo de Redução da Pobreza Urbana, aprovámos cerca de 760 projectos e 930 postos de trabalho. Com algumas iniciativas locais, vamos sobrevivendo, mas de facto viver em Pemba é muito caro. A fala e a escrita fluente da língua inglesa é um dos motores que faz com que as pessoas se empreguem na cidade de Pemba. Temos, por exemplo, a Universidade Católica de Moçambique: todos os jovens que foram graduados na instituição tiveram emprego. É preciso, de facto, ver que as multinacionais geram emprego, e os jovens estão cada vez mais apostados nessa questão da prestação de serviços. Não tenho dados concretos sobre a empregabilidade das multinacionais, mas posso avançar que, minimamente, o problema foi resolvido.



goste de nós no

facebook.com/JornalVerdade

O Malawi planeia usar os 15 milhões de dólares arrecadados com a venda do avião presidencial do país para alimentar mais de 1 milhão de pessoas necessitadas, informou o Tesouro Nacional nesta quinta-feira. A presidente Joyce Banda já havia reduzido o seu próprio salário em 30 por cento e prometeu vender 35 veículos Mercedes-Benz da frota presidencial.

<http://www.verdade.co.mz/africa/39739>



Almeyda Fontes Max Meu Deus essa mulher sera chamada de ditadora e sera perseguida e ate assassinada como kadafi ser justo num mundo corrompido parece crime · 5/9 às 17:28



Angelo Dawer simbolo de respeito para com o povo nao e o nosso presidente ARMANDO EMILIO GUEBUZA o ESQUISOFRENICO que no ano passado comprou 250 viaturas de marca NISSAN modelo NAVARA para os seus cumprimentos. · 5/9 às 17:38



Horacio Matola Ela pode ou não candidatar-se as próximas eleições gerais em Moçambique. Se não, uma vez que está-se no processo da revisão da constituição, sugeria que se tenha em conta essa possibilidade. Se contratamos estrangeiros para gerir empresas nacionais, porque não admitir Presidentes, Ministros, Deputados para gerir o nosso país? · 5/9 às 18:07



Luis Gome Esse povo tem mesmo presidente, nao um negociat. · 5/9 às 18:41



Marufo Ali Hahaha,enquando outros alugam helicopteros o resultado ta ai ,apagar um ministro milhoes e ele vencimento fantasma ,ta ai exemplo para seguir e aprender algo, festejar emquando outros estao adormir nas aguas e n fim diz k sou pai da nação vergonha/vergonha/vergonha/vergonha...incompetentes. · 5/9 às 17:42



Mzizo Dos Egns Cade o Guebas pra ler isto???? · 5/9 às 17:46



Jorge Ernesto Chirindza Aposto que a presidencia mocambicana e' que vai comprar os mesmos imbolizados. · 5/9 às 17:42



Fernando Seda deviamos matricular os nossos dirigentes na mesma escola ela passou. · 5/9 às 21:11



Lionelia Silva Si for mesmo p ajudar pessoas necessitadas,nao vejo mal nenhum parabens. · 5/9 às 18:52



Lucas Chave Boa cena, o k Guebas nao conseke fazer! · 5/9 às 17:29



Donizeti Cabral Interessante, enquanto que aqui no Brasil esses vermes corruptos desviam bilhões por ano, agora com essa Copa o roubo ao dinheiro público está em nível vergonhoso. O governo investe bilhões em dinheiro público e depois de pronto repassa o estádio a empresários. Enquanto no Malawi se enxuga a máquina publica pra angariar trocados. Realmente mais e mais me desgosto de ser brasileiro. · 6/9 às 12:06



Luis Gome Joyc nao aceita ser amigo d guebuza se nao vai ser com ele k é presedent ambluenta nao tem ideia,nem coracao para o seu povo...deus ilumin o seu caminh pk nessas horas ja estao planeja è derubr as suas ideias.. forc p joyc banda. · 6/9 às 11:14



Friss Walterjone uma mulher com um bom exemplo bem nas barbas d mocambique k desfruta helicopteros alugados para acrobacias nx ares de um povo pobre... · 6/9 às 9:12



Lourenço Fumo Aki so flamx cmbate a pobre,mas nao cunhexem uk e pobreza cm vam fzer um gesto... · 5/9 às 22:44



Janota Joaquim Mutele força joice, voce merece, tens bons ideais, sentir pena aos necessitados o que no pais d pandza nunca ira acontecer, so vida voar d helicoptero. · 5/9 às 22:12



Fernando Seda HEHE enquanto guebas vai de helicoptero a Manhiça para fazer presidencia aberta. · 5/9 às 21:13



Rogério Félix Verniz k grand exemplo, isto é k é ser presidnt k luta na causa do povo. os nossos dirignts tñham k fzer o mxmo em vz d lutar p o bem privado. · 5/9 às 21:07



Paulo Jorge Puxa...será que ela não quer we candidatar para as próximas eleições em Moçambique? · 5/9 às 21:06



Sergio Tomé Mauricio ...e vrdad ox dvrex d povo xtao sndo kumprido em malawi... · 5/9 às 20:56



Virgilio Matsinhe Virgl Siga o exemplo presidente G · 5/9 às 20:32



Adelino Seneta Junior good Joyce Banda. · 5/9 às 20:07



Vilde Alfredo Matias Ha!! eu admiro xta presidente ele em uma batalhadora d verdade ao seu povo. Nao em como guebuza q leva p seu bolso. E fazendo negocios d noit, equanto opovo xta dormir. Se puddce eu gxtaria q elar ser psdta d moçambique. · 5/9 às 19:41



Hercilia Carlos Yah, guebuza devia seguir esse caminho. · 5/9 às 19:18



Vitor Galvão precisamos de mais pessoas como ela nao so em moçambique mas no mundo inteiro · 5/9 às 18:48



Liza Gaiqui Well done! Leading by example hurray for President Joyce Banda · 5/9 às 18:18



Fernando Chambale Nao somos idiotas · 5/9 às 17:44



Clara Clavete da Graxa ki ela cumpra com iso e ki n fike so em palavras pos o povo malawense ta mesmo precisando.parabenj pela iniciativa e olha eleva as mulheres.pos elas sim tem vergonha na cara. · 5/9 às 17:39



Denilson Pascoal Pedro Denys isto sim é que é um jeito solidareidade · 5/9 às 17:32



Osvaldinho Maria não é a toa que é Dr. Joyce Banda e não ladrão criador de patos · 5/9 às 17:28



Celestino Matsinhe nos nao temos aviao por vender, temos apenas helicopteros por nao alugar e carros protocolares por nao comprar algum tempo. · 8/9 às 11:52



Hermenegildo Gilda Exemplo pah o guebuza. · 8/9 às 2:39



Celso Tsombe Algo impoxivel em Mocambique. · 7/9 às 10:46



Anibal Diamantino Sem palavras Joice, quem me dera..... · 7/9 às 7:47



Virgilio Duarte é com mta pena pork o nosso presidente,nem lêu isso,é um bom ex.pra presidents africanos e do mundo,espero k dpois disso o guebusiness mude de atitude. · 6/9 às 20:11



Francisco Eusebio Matos Heroi para uns, ditador para outros, depende do lado em que cada um de voces estiver. Que o nosso tb faca o mesmo · 6/9 às 19:41



DA Silva Sisal o quem? em africa isó! meu DEUS. obrigado! isto é o que si diz estar inpenhado para desenvolvimento. isto significa ter compaixão dos que sofre nao só em africa mais sim em tudo mundo. pra mim ela merece e devi star em frente da união africana cmo presidenta. cm ela pdmox chegar muito logi pork axim motiva. · 6/9 às 17:23



Manuel Paulo A. Cossa Se a moda pegasse no país do Pandza,muito seria feito em prol do povo. · 6/9 às 15:58



Anibal Neves Devia servir de exemplo para "entre portas"! Muita pena que, muito dizem em nome do povo... · 6/9 às 12:53



Estefaneo Bengazzy Tambem concordo exa senhora é uma grande mulher siga exemplo cota guebbas · 6/9 às 12:38



Maria Helena Rebelo Igualzinho aos nossos governantes. Parabéns ao povo do Malawi pela s/ Presidente. · 6/9 às 11:32



Abiatar Machohe Um gesto que simboliza verdadeiro amor pelo povo, ta de parabens a presidente do Malawi. · 6/9 às 11:29



Mahendra Kumar Rajpara 1 exemplo que este mocambique devia seguir · 6/9 às 10:44



Marques Xavier Marques Exemplo por seguir! · 6/9 às 10:33



Sheilla Munguambe Bem haja! Oxalá os nossos governantes sigam o seu exemplo! · 6/9 às 10:22



Aderito Sinala grande exemplo,quando é k Moçambique fará tbem? · 6/9 às 9:20



Joaquim Veloso Joaquim Inteligente mulher. · 6/9 às 9:12



Patricia Das Neves Bugalho Wowwwww!!!! Que venham mais joyces!!!!;) · 6/9 às 8:33



Enio Jorge Malema cade os dirigentes moçambicanos p seguirem este exemplo? Vamos partilhar esta noticia ate xegar no Guebaz bo-rala pexoal p o bem d moz · 6/9 às 8:02



Issufo Chamane um exemplo significativa para alguns presidentes(africanos) ex: Exc- lencia Sr. Mugabe,Sr Guebuza o nosso lider que não ajuda Moçambique a desenvolver · 6/9 às 7:09



Jose Alberto Mangue se mocambique eliminasse pelo menos o aluguer dos 4 helicopteros no minimo · 6/9 às 6:55



Bizouro Otoia Ogum siga o exemplo senhor guebuza so assim reduziremos a pobreza absoluta · 6/9 às 6:21



Domingos Sonto Dominguez Pondja Essa Presidente esta combatendo a pobreza com accoes concretas esta de parabens, nao em Mocambique que a pobreza e combatida com discursos. · 1 · 6/9 às 4:39



Negruxo Kaizoku k Deus abençoe xta mulher · 6/9 às 3:33



Osvaldo Tembe Isso sim é governar · 5/9 às 23:14



Clovio Manuel Lambo só em outros países. · 5/9 às 23:13



Delicio Domingos Paliche Spero que o gesto de solidariedade e humanismo sirva de exemplo pra os nossos dirigentes.aprendam! · 5/9 às 23:05



Manuel Cardoso Aqui está um bom exemplo de boa governação. outros assim deviam proceder. · 5/9 às 22:51



Osvaldo Salvaterra Eu votava esse de olhos fechado · 5/9 às 22:42



Hilario Artur Paulino Mala si noxo Gov. ao menx emitaxe??? poxa · 5/9 às 22:28



Gina Antoniyo Fakir Fakir Boa cena o guebas e p toamr vergonha na cara pork nao cnsegue fazer · 5/9 às 22:16



Keyno Matsinhe Wau k lindo força joyce.Xpero k gueb venda helecoptero dele pra nos ajundar · 5/9 às 22:12



Zé Manel Quem tem um salário de Anual de MZN 1,596,600.00?... Armando Guebuza – Presidente da República de Moçambique – Data de nascimento: 1943 Moçambique – Casado Anual: MZN 1,596,600.00 Mensal: MZN 133,050.00 Semanal: MZN 31,932.00 Diário: MZN 6,386.00 <http://www.meusalario.org/mocambique/main/salario-vip/salario-de-politicos>



Trabalhadores sul-africanos prosseguem greves por melhores salários

Cerca de 160 mil trabalhadores, dos sectores mineiros, de construção e automóvel, estão em greve na África do Sul reivindicando aumentos salariais de pelo menos dois dígitos. Milhares de moçambicanos, que trabalham na chamada terra do rand, também aderiram ao movimento sindical sem contudo envolverem-se activamente com receio de represálias.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

Os sul-africanos chamam-lhe “temporada de greves” – a cada dois anos, quando têm lugar negociações salariais em diferentes sectores económicos, na maior economia africana, acontecem as paragens laborais. A única coisa diferente este ano é a excepcionalmente enorme lista de exigências dos sindicatos envolvidos, numa altura em que as companhias tentam sobreviver numa arena internacional cada vez mais competitiva.

As reivindicações por melhores salários começaram em Agosto, quando milhares de mineiros do ouro, trabalhadores do ramo das construções e do fabrico de automóveis, decidiram paralisar o funcionamento dos sectores que contribuem, com cerca de 10% do Produto Interno Bruto (BIP).

Agora, juntaram-se as reivindicações cerca de 73 mil trabalhadores das bombas de combustíveis e das oficinas, desde a última segunda-feira (9), depois do fracasso das negociações com o patronato, segundo o Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Sector dos Metais (Numsa).

A greve iniciou com marchas na Cidade do Cabo e de Joanesburgo, tendo se espalhado para todas as províncias do país, o que está a afectar os transportes urbanos e o quotidiano dos milhões de sul-africanos.

“Queremos o aumento salarial na ordem de dois dígitos. Queremos basicamente melhorar as condições de vida dos operários,” defendeu o secretário-geral do Numsa, Irvin Jim.

Os funcionários das bombas de combustível reivindicam um aumento de 700 randes (cerca de 2.100 Meticais), por semana segundo o sindicato que representa perto de um terço dos trabalhadores deste sector.

Entretanto, 90 mil operários do ramo das construções recusaram trabalhar durante 12 dias, segundo o sindicato que os representa, o Sindicato Nacional dos Mineiros (NUM). Os construtores auferem uma média de 4 mil randes (cerca de 12 mil Meticais) mensais e querem um aumento de 800 randes (cerca de 2.400 Meticais). Os empregadores ofereceram um aumento de 400 randes (1.200 Meticais).



Disputas sindicais e fraco crescimento económico

A greve no sector das minas de ouro, que emprega 140 mil trabalhadores, parecia haver terminado no passado domingo (8) com um acordo de aumento salarial em 8%, entre um dos sindicatos e a empresa Harmony Gold. Contudo uma parte dos mineiros, cerca de 20 mil filiados no Sindicato dos Mineiros e dos Trabalhadores do ramo das Construções (AMCU), votaram no mesmo dia pela paralização do trabalho a rejeição do aumento salarial acordado.

A África do Sul foi em tempos o maior produtor mundial de ouro. Mas a queda dos preços do minério, combinado com os custos de minerar em reservas de ouro a grandes profundidades teve o seu impacto. E as greves crónicas nos sectores do ouro e da platina devido às más condições de trabalho levou a uma queda acentuada na produção.

Uma situação que pressiona cada vez mais a maior economia Africana, já a braços com um fraco crescimento.

Desde o ano passado varias minas anunciaram planos de retracção e reestruturação. A situação agrava um dos problemas mais crónicos e graves: a taxa de desemprego de mais de 25%. Com tantos desempregados, cada trabalhador suporta com frequência uma família alargada. E muitos dizem mesmo que exigência de um aumento salarial tão grande se deve precisamente à uma necessidade enorme mais do que um aumento de produção.

“A continuação deste tipo de greves irá aumentar as perdas e fazer com que um futuro de viabilidade seja substituído pela incerteza. Este facto, poderá criar um impacto negativo nos postos de trabalho,” afirmou o director executivo da Harmony Gold, Graham Briggs.

Moçambicanos também em greve

Milhares de moçambicanos trabalham na África do Sul e fazem parte do movimento sindical por melhores remunerações. Só nas minas de ouro de Carletonville, onde decorre uma greve convocada pelo sindicato NUM, trabalham cerca de 7 mil mineiros moçambicanos.

Contudo, segundo a Delegação local do Ministério moçambicano do Trabalho, os

nossos compatriotas não estão a participar activamente destas greves temendo represálias.

Até ao momento não há registo de incidentes envolvendo trabalhadores moçambicanos, porém aqueles que aderiram a greve sofrerão cortes nos seus salários.

Acordo nas fábricas de automóveis

Aguarda-se a todo o momento o regresso ao trabalho no sector de fabrico de automóveis, após três semanas de paralisação.

Mais de 30 mil grevistas afirmam estar satisfeitos com o novo aumento salarial de 11.5% para o presente ano e, 10% de aumento anual até 2015, segundo o Numsa, que defende a continuidade de negociações com os trabalhadores da fábrica da BMW em Pretória e da montagem da Toyota no porto este da cidade de Durban.

Aparente normalidade na companhia de electricidade

A empresa gestora de fornecimento da corrente eléctrica na cidade de Joanesburgo, City Power, e que enfrentou uma greve ilegal, afirmou no início desta semana que está a resolver os incidentes isolados que originaram cortes de energia na mais importante cidade sul-africana. Segundo a companhia trataram-se de actos de sabotagem.

Joanesburgo registou apagões na quarta (4) e quinta-feira (5) da semana passada, que afectaram até bairros nobres incluindo a residência do antigo Presidente Nelson Mandela. Foi necessária a instalação de geradores na casa de Madiba, que recebe tratamentos médicos especiais na sua residência.

O impacto causado pelos cortes no fornecimento da energia na economia, ainda está a ser quantificado.

Entretanto a companhia eléctrica defende que as sabotagens constituem actos de terrorismo e solicitou a intervenção da Unidade de Combate ao Crime Organizado e a polícia de investigação de elite (Hawks), encontrar os responsáveis da sabotagem na maior central eléctrica da província que originou os apagões em 80% das sub-estações.

Publicidade



SE BEBERES NÃO CONDUZAS

A CERVEJAS DE MOÇAMBIQUE RECOMENDA O CONSUMO RESPONSÁVEL E MODERADO DE ÁLCOOL

Mundo

A cada quatro segundos há mais um refugiado no mundo

Antes de chegar ao Brasil, Yves Norodom, de 21 anos, fez uma longa viagem depois de ser forçado a deixar o seu país, a República Democrática do Congo (RDC), numa peripécia repetida por 45,2 milhões de refugiados existentes no mundo, o maior número em 20 anos.

Texto: Correspondentes da IPS • Foto: LUSA

É o que indica o relatório Tendências Globais 2012, divulgado há poucos meses no Rio de Janeiro e noutras cidades de diferentes regiões do mundo pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Desse total, 28,8 milhões de pessoas são refugiadas dentro das próprias fronteiras dos seus países e 15,4 milhões obtiveram o estatuto de refugiados noutras nações. O ACNUR registou, no ano passado, 33,8 milhões de pessoas sob sua assistência, o maior número desde 1994. Dessa quantidade, 10,5 milhões eram refugiados. Em média, 23 mil pessoas tiveram de abandonar forçosamente as suas casas a cada dia em 2012, elevando o número de refugiados forçados no fim do ano para 45,2 milhões, o maior desde que em 1994 a guerra dos Balcãs e a crise humanitária de Ruanda aumentaram essa tragédia humana para 47 milhões. Ao terminar 2011, o número de refugiados forçados era de 43 milhões.

O representante do ACNUR no Brasil, Andrés Ramírez, disse, ao apresentar o informe na véspera do Dia Mundial do Refugiado, que as guerras e os conflitos armados continuam a ser a principal causa do deslocamento forçado. Ressaltou que metade dos refugiados do mundo é oriundo de Afeganistão, Síria, Iraque, Somália e Sudão. “Em média, a cada quatro segundos uma pessoa converte-se em refugiada. Não há vontade política a nível mundial para prevenir os conflitos”, afirmou Ramírez. “O tema dos refugiados é um drama, uma tragédia humana de grandes dimensões”, ressaltou.



O Afeganistão encabeça a lista quanto à origem dos refugiados, uma posição que ocupa há mais de três décadas. Em 2012 vinham desse país asiático 2,5 milhões de pessoas nesta situação registadas pelo ACNUR. A Síria ascendeu à segunda posição com cerca de 2 milhões, seguida pela Somália com 1,1 milhão, e pelo Iraque com 746 mil.

O ACNUR acrescentou que há no mundo quase um milhão de pessoas refugiadas, à espera de obter asilo noutros países. Isso aconteceu a Norodom, segundo contou à IPS. Ele teve que esperar até conseguir fugir para o Quênia e passar pela Grã-Bretanha, antes de chegar ao Brasil em 2010 sem documentos e apenas com a roupa do corpo. “No Congo todos temiam pela minha vida. Eu lutava para sobreviver, fiz o impossível para conseguir. O meu trabalho era salvar a minha própria pele e nessa época eu tinha 17 anos”, detalhou.

O seu pai, um representante da oposição, já teve de deixar a RDC há quase uma década, enquanto os seus 15 irmãos foram recebendo refúgio em diferentes países e a família acabou por se fragmentar pela diáspora. “Ameaçaram-nos e seis irmãos foram parar no Brasil. Outros já haviam conseguido refúgio, alguns em África, outros na França. Tivemos de nos separar”, lamentou.

Uma das maiores dificuldades de Norodom foi aprender a falar português. “É um idioma que nunca ouvira. Demorei seis meses para aprender o básico e depois um ano para dominá-lo melhor”, explicou. Actualmente está desempregado, mas mantém o sonho de um dia poder voltar a estudar e conseguir entrar na universidade pública do Rio de Janeiro, para cursar engenharia química. “Não é que esteja muito feliz, mas ao menos estou vivo e encontro-me bem”, enfatizou.

A vida de Norodom parece-se com a de muitos outros que chegaram ao Brasil. Segundo o

Comité Nacional para os Refugiados (Conare), vinculado ao Ministério da Justiça, há no país 4.715 estrangeiros nesta situação, de 76 nacionalidades. Deles, 2.012 contam com assistência do ACNUR. “São pessoas que pertencem a grupos étnicos que fogem por motivos políticos ou de conflitos. O nosso desafio é oferecer as melhores condições de adaptação para a integração do refugiado”, disse João Guilherme Granja, vice-presidente do Conare.

O Brasil tem uma legislação apropriada para o acolhimento de refugiados e oferece todos os serviços públicos e direitos similares aos das pessoas nascidas no país, mas recebe bem menos quantidade do que nações mais pobres, como o Paquistão, que mantém acolhidas 1,638 milhão de pessoas. Também o Iraque, Quênia, a Síria e Etiópia estão na lista dos países que mais acolhem refugiados, segundo o ACNUR. Em 2012 o Brasil recebeu mais de 1.200 solicitações de refúgio e este ano o número será maior, disse o representante do ACNUR.

“A maioria dos refugiados vive em comunidades com carências e em favelas. Eles têm os mesmos direitos aos serviços públicos e as mesmas dificuldades que sofrem os brasileiros. A maioria trabalha no sector informal”, indicou Thuller à IPS. Segundo a coordenadora, “ainda há muito preconceito, os refugiados são confundidos com foragidos por desconhecimento desse estatuto”. A Caritas recebia, anteriormente, principalmente homens angolanos, que fugiam do recrutamento forçado durante a guerra civil no seu país.

A água representa para a SADC o mesmo que o carvão representou para a criação da União Europeia

O Professor Anthony Turton é um dos mais destacados especialistas em política hídrica na África Austral e também administrador do Conselho de Gestão dos Recursos Hídricos da África Austral. John Fraser interrogou-o sobre esta componente fundamental da política de desenvolvimento, e como é, ou deveria ser, tratada na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC). Seguem-se excertos da entrevista:

Texto: John Fraser/IPS

IPS: Em termos práticos, vêm-lhe à memória quaisquer futuros/potenciais projectos regionais relevantes?

Anthony Turton (AT): Em grande escala temos os projectos de transferências hídricas entre bacias, como o das Terras Altas do Lesoto entre o Lesoto e a África do Sul; a Conduta Adutora Norte-Sul no Botswana; a Conduta Adutora Nacional Oriental na Namíbia e o projecto do Cunene-Cuvelai entre Angola e a Namíbia. Outro projecto interessante é a primeira instalação de dessalinização em Trekopje, na Namíbia. Acredito que seja a primeira de muitas na região da SADC.

IPS: Quais são os antecedentes da co-operação no passado, em termos de sucesso pelo lado positivo ou ineficácia e corrupção pelo lado negativo?

AT: A região da SADC é muitas vezes citada no sector mundial da água como sendo o melhor exemplo de cooperação na gestão de recursos transfronteiriços. O Protocolo da SADC sobre Recursos Hídricos é o documento base da integração regional da SADC, e tem a mesma finalidade dos acordos originais sobre carvão, ferro e aço na criação da CEE (Comunidade Económica Europeia) e mais tarde da União Europeia. A cooperação a nível das águas partilhadas na SADC é, portanto, elevada.

Com respeito à corrupção, o melhor caso foi o de (Masupha) Sole, um quadro superior no Lesoto que foi acusado e detido por negócios corruptos que envolveram importantes companhias de construção, algumas das quais sul-africanas. Esse caso tornou-se um dos primeiros do mundo a conduzir a uma condenação, pelo que penso, portanto, que foi uma boa notícia.

IPS: Acredita que as alterações climáticas constituem uma ameaça real para a região e, sendo esse o caso, qual é o seu impacto e como se podem manifestar?

AT: Em resumo, sim. É provável que a concentração de gases com efeito de estufa aumente a temperatura do ar ambiente em quatro e talvez até seis graus centígrados em algumas partes da África Austral – partindo do princípio de que um aumento global de dois graus centígrados é “aceitável”. Isto irá alterar fundamentalmente a taxa de conversão da precipitação em águas de escoamento, mas aumentará igualmente as perdas por evaporação das águas das barragens.

Uma estratégia apropriada de mitigação é a Recuperação e Armazenamento dos Aquíferos, também conhecida como

Recarga de Aquíferos Geridos, actualmente uma tecnologia convencional em locais como a Califórnia, Texas e Austrália, mas pouco utilizada na região da SADC. Actualmente trabalho com uma companhia australiana fornecedora de tecnologia com vista a introduzi-la no Botswana. Esta tecnologia armazena a água debaixo da terra em vez de a armazenar nas barragens, impedindo as perdas causadas pela evaporação, e melhorando, assim, de forma considerável, o rendimento sustentável de determinado sistema.

IPS: Por que razão é necessário que os países da SADC cooperem quanto às questões hídricas?

AT: Os quatro países com maior diversidade económica na África Austral sofrem constrangimentos hídricos (República da África do Sul, Botswana, Namíbia e Zimbábwe) enquanto alguns dos Estados vizinhos têm água em abundância (Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia). A água é para a SADC o mesmo que o carvão, o minério de ferro e a energia foram para a criação da CEE (mais tarde União Europeia). A cooperação a nível dos recursos hídricos na região da SADC irá permitir que a integração regional atenuar estes riscos ao permitir que a segurança alimentar, do abastecimento de água e energia seja garantida a nível regional em vez de o ser a nível nacional.

IPS: A experiência indica que essa cooperação funciona bem?

AT: Sim. O Protocolo da SADC sobre Recursos Hídricos é altamente respeitado a nível mundial como exemplo

de integração regional no tocante à água. Este Protocolo criou um enquadramento jurídico internacional para a gestão conjunta de todas as bacias hidrográficas transfronteiriças na região da SADC. Está a ser acompanhado agora por um trabalho técnico sobre a definição dos aquíferos transfronteiriços, que serão também codificados na legislação.

IPS: Quais são as maiores limitações dos novos projectos – financiamento, encorajar os governos a trabalharem em conjunto, ou a coordenação geral?

AT: Em grande parte, as limitações estão relacionadas com a capacidade técnica, que difere de Estado para Estado.

IPS: Qual é o papel das empresas, visto que as companhias de electricidade, empresas de mineração e até mesmo operações agrícolas podem agravar os problemas?

AT: Para muitos países, a energia representa uma limitação ao desenvolvimento nacional, mas se o potencial hídrico da SADC for realizado em pleno, então a segurança energética regional irá substituir as carências nacionais. Para o fazer, precisamos da cooperação regional quanto aos recursos hídricos, sendo esta a razão pela qual o Protocolo da SADC sobre Recursos Hídricos foi o primeiro a ser assinado depois de a África do Sul ter aderido à organização. O sector privado começa agora a envolver-se, sobretudo no sector mineiro e dos agro-negócios, onde as limitações de água e energia estão a ser reconhecidas.



BONS MOMENTOS DE FUTEBOL COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Vela: Moçambique é o novo número um em África

Seis velejadores moçambicanos participaram no Campeonato Africano de Vela na classe Optimist, entre os dias 20 e 28 de Agosto em Cape Town, África do Sul. Moçambique obteve a melhor prestação de sempre, o que nos valeu a subida ao topo do ranking africano nesta categoria.

Texto: Redacção/Duarte Siteo • Foto: Cedida/Miguel Manguze

No certame que decorreu em Cape Town, Moçambique entrou como “outsider”, ou seja, o elo mais fraco, atendendo que as outras formações estavam mais rodadas devido aos seus campeonatos que são regulares, diferentemente do nosso país, bem como por terem participado em várias regatas internacionais na fase de preparação para este “Africano”.

A selecção nacional preparou-se em Maputo para enfrentar adversários como Angola, África do sul e Argélia, que antes deste certame efectuaram estágios na Espanha e no Brasil. Todavia, mesmo em situação de desvantagem, os nossos representantes souberam honrar o país ao conquistarem um total de cinco medalhas, o número máximo alcançado por uma delegação nesta competição, sendo três nas provas individuais e duas nas colectivas também denominadas “Team Racing”.

Na África do Sul estiveram presentes 17 países, dos quais 13 africanos, sendo os restantes convidados, nomeadamente Estados Unidos de América, Noruega, Inglaterra e Alemanha, que participaram somente para conferir rotação competitiva aos seus velejadores. A comitiva moçambicana era constituída por oito elementos dos quais seis são atletas, um treinador e um dirigente federativo.

O destaque para os premiados vai para Neide Nhaquila que revalidou o título de campeã africana, conquistado pela primeira vez no ano passado na Tanzânia. Maria Chaquile alcançou a medalha de bronze. Estas duas velejadoras, em equipa, garantiram a Moçambique a segunda posição.

Em masculinos, apesar de o país ter viajado para aquela cidade sul-africana com quatro atletas, o combinado nacional conquistou duas medalhas, sendo uma de prata por Diogo Sanchez, na prova individual, e a outra de bronze por equipas.

Com estes resultados, Moçambique assalta a liderança do ranking africano de vela na classe Optimist, superando a África do Sul que nos últimos dois anos ocupou a primeira posição. No terceiro lugar ficou a Argélia seguida pela Tunísia.

Os nossos “juniores” foram autênticos profissionais

Para Hélio da Rosa, secretário-geral da Federação Moçambicana de Vela e Canoagem, apesar das dificuldades vividas no período de preparação, “os pequenos velejadores comportaram-se como verdadeiros heróis, ainda que lhes faltasse rotação em relação aos outros países como a África do Sul que levou mais de 15 atletas para esta prova”. Aquele dirigente realçou o facto de Moçambique ter ido ao Campeonato Africano de Vela na classe Optimist com apenas seis atletas, tendo conquistado cinco medalhas.

Da Rosa afirmou ainda que estas conquistas servem de motivação para o próximo Campeonato Africano na classe laser, agendado para o próximo mês de Novembro na Tunísia. Contudo, lamenta a falta de apoio à modalidade ainda que consiga, com os poucos recursos, erguer a nos-



sa bandeira a nível internacional.

César Sanchez, treinador da selecção nacional, por sua vez, realçou que este triunfo é fruto de muito trabalho e humildade, não esquecendo as dificuldades que enfrentou na fase de preparação. “Os nossos meninos conseguiram surpreender a todos, visto que ninguém contava com isto. Todos atribuíram o favoritismo aos países que estiveram no ‘Mundial’ da Itália” disse.

“Tenho orgulho de ser treinador destes briosos rapazes. Apesar de miúdos, eles comportaram-se como verdadeiros profissionais e trabalharam arduamente para atingir os seus objectivos. Acredito que com melhores condições eles vão trazer grandes alegrias ao povo moçambicano” concluiu.

Os perfis dos nossos velejadores

Neide Nhacale, medalha de ouro

É a bi-campeã africana de vela na classe Optimist. Nasceu a 30 de Julho de 2000 em Maputo, tendo chegado ao mundo da vela quando tinha apenas 10 anos pela porta do Clube Marítimo de Maputo. Naquela altura, aquela colectividade desportiva estava à procura de novos velejadores nas escolas primárias da capital do país.

Aprendeu a nadar, como primeiro passo para se ser velejador, e revela que recusou a primeira oportunidade que teve de dirigir um barco a vela por medo do mar. Porém aceitou, dias depois, por insistência de Hélio da Rosa, o actual secretário-geral da federação.

Actualmente frequenta a 8ª classe na Escola Secundária de Triunfo. Sonha em ser campeã mundial de vela e está ciente de que tal feito só será possível com muito esforço e empenho. O seu objectivo na vida é tornar-se uma “top model” ou estrela de televisão.

Neide promete lutar para erguer mais alto a bandeira de Moçambique, depois da conquista de dois títulos africanos. Afirma que se não fosse pelo apoio que a sua família tem dado, sobretudo do seu pai, já teria desistido da vela.

Maria Chaquile, medalha de bronze

Assim como Neide, Maria entrou no mundo da vela a convite do Clube Marítimo em 2010. Começou pela natação antes de aprender a conduzir um barco a vela. Nasceu a 8 de Junho de 1998 na cidade de Maputo.

Tinha medo do mar inicialmente, algo que já não acontece na actualidade. Frequenta a oitava classe na Escola Secundária de Triunfo.

O seu maior sonho é ser campeã olímpica e mundial. A sua mãe é quem lhe transmite estímulo para crescer a cada dia nesta modalidade desportiva.

Diogo Sanchez, medalha de bronze

Entrou na vela com apenas cinco anos por influência do irmão que na altura praticava esta modalidade. Nasceu a 5 de Abril de 2000 e actualmente frequenta a 8ª classe na Escola Portuguesa de Moçambique.

Quer ser, conforme revela, “um homem muito rico”, ainda que desconheça o caminho a percorrer para acumular tal riqueza. Mas no desporto quer ir aos Jogos Olímpicos e vencer um campeonato do mundo. A sua fonte de inspiração é o seu próprio irmão, César.

Jeremias Feliciano, medalha de bronze

É o velejador que ajudou o país a conquistar uma medalha de bronze nas provas colectivas. Nasceu a 13 de Julho de 2001, tendo chegado ao mundo da vela em 2010, através do Clube Marítimo.

Neste momento frequenta a 8ª classe na Escola Secundária Francisco Manyanga e o seu maior sonho é formar-se em Administração Pública. Como atleta quer sagrar-se campeão olímpico e está ciente de que para o efeito poderá contar com o apoio da família e do Governo moçambicano.

Deurick Mavimbe

Nasceu a 21 de Outubro de 1998. É velejador desde 2010 do Clube Marítimo de Maputo. Actualmente frequenta a oitava classe na Escola Portuguesa. Quer trabalhar para um dia sagrar-se campeão mundial de vela.

A sua fonte de inspiração é o seu próprio treinador, César Sanchez, que ela considera um segundo pai.

Desporto

Basquetebol: Atletas foram vítimas do “Sistema” no “Afrobasket”

A desprestigiante 11ª posição alcançada pela selecção nacional sénior masculina de Moçambique no “Afrobasket” de Abidjan foi associada, pelos jogadores, à fraca e improvisada preparação que tiveram, bem como aos gravíssimos problemas de logística que se caracterizaram na ausência de apoio por parte da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB). Por outro lado, aqueles protagonistas refutaram a acusação de conduta imprópria durante a prova e denunciaram os cortes no “pocket-money” a que (nem) tiveram direito na conferência de imprensa que teve lugar na última segunda-feira (09) em Maputo.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo/Miguel Mangueze

A presença de Moçambique no “Afrobasket” de Abidjan não foi, de todo, saudável. Aliás, segundo explicaram os jogadores em conferência de imprensa realizada na última segunda-feira (09 de Setembro) em Maputo, o resultado obtido espelha as condições a que estiveram sujeitos, desde a fase de preparação até aos gravíssimos problemas de logística em que a federação, mais uma vez, revelou a marginalização a que está condenada a selecção nacional sénior masculina de basquetebol.

O que não se esperava, para todos os efeitos, era que ao insucesso da selecção nacional se possa associar um órgão de informação público que, ao que deram a entender os atletas, se infiltrou no grupo de trabalho, já em Abidjan, para desestabilizar, agravando as relações entre a Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB) e a equipa técnica.

Uma preparação que não obedeceu ao que foi inicialmente traçado

Segundo revelaram os atletas na conferência de imprensa conjunta, como sempre coube à FMB criar as condições para uma preparação condigna da selecção, com vista a participar neste “Afrobasket” de Abidjan. Contudo, o itinerário de estágios não obedeceu às exigências da equipa técnica, o que se tornou uma decisão unilateral e de gabinete de Francisco Mabjaia, o presidente da federação.

“Houve um programa de preparação traçado pelo treinador e entregue à direcção da federação. Mas coube àquele organismo que gere a nossa selecção decidir aquilo que achava melhor para nós. A verdade é que fomos ao estágio da Suazilândia contra o plano da equipa técnica” revelou Custódio Muchate, um dos capitães da selecção nacional, acrescentando que “queríamos ir a um sítio e o que apresentámos não foi aceite pela FMB. A nossa preparação foi deficiente e foi de certa forma ‘ad-hoc’. Até porque nos primórdios da mesma nem todos os jogadores estiveram presentes. Ir a Suazilândia foi uma solução improvisada”.

Muchate referenciou que era pretensão do treinador, Milagre Macome, cumprir um estágio de longa duração em Portugal e na Espanha, não estando no seu pensamento ir a Suazilândia. “Queríamos ir a Turquia também. Mas calhou num período em que decorria o Campeonato Mundial de Basquetebol” sustentou.

Segundo afirmaram os jogadores, mesmo depois de se ter ido à Suazilândia, Egito seria a próxima etapa da preparação de Moçambique, não tendo sido possível devido a razões que só a federação conhece.

“Perdemos o voo por falta de sapatilhas”

Terminado o estágio na Espanha, a selecção nacional tinha de se deslocar a Portugal, a fim de tomar um voo para Abidjan, ainda que com escala em Marrocos. Contudo, mesmo estando em Lisboa, a selecção nacional perdeu o avião, factor que fez com que a federação desembolsasse valores monetários acima do esperado para garantir a presença de Moçambique no “Afrobasket”.

Como explicação, os jogadores revelaram que não tendo conseguido comprar sapatilhas na Espanha, visto que as que levavam de Maputo estavam danificadas, decidiram adquirir aquele material no próprio dia de embarque para Abidjan naquele país lusófono. Foram a um centro comercial na companhia de um dirigente federativo, a 40 quilómetros do local em que estiveram hospedados e a 20 do aeroporto.



Contudo, quando se aperceberam de que se aproximava a hora marcada para o embarque, decidiram regressar ao hotel para se juntarem aos restantes membros da comitiva moçambicana que por lá haviam ficado, o que lhes custou a perda do voo.

“O basquetebol masculino é negligenciado”

“Tudo o que aconteceu só prova que o basquetebol masculino em Moçambique é negligenciado” disse Muchate, ao defender que se houvesse trabalho, investimento e respeito por parte dos dirigentes federativos, esta modalidade desportiva a nível dos seniores masculinos podia ir mais longe a médio e longo prazo.

“Nós não fomos bêbados aos jogos: merecemos o respeito”

Octávio Magoliço, outro atleta da selecção nacional, não deixou de mostrar a sua total indignação com as acusações proferidas pelo presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, Francisco Mabjaia, em entrevista na Televisão de Moçambique. Aliás, aqueles comentários pouco abonatórios contra os jogadores ganharam voz nas redes sociais.

“Nós não entendemos como e onde é que as pessoas tiraram essa questão do consumo de álcool. Penso que devia haver respeito pelos jogadores até porque, antes de sermos atletas de uma selecção nacional, somos indivíduos com famílias. Não fica bem esse tipo de informações falsas surgirem em público” disse Magoliço.

Ainda sobre o suposto consumo de álcool por parte dos atletas antes dos jogos, usado como desculpa para o desaire de Moçambique na prova de Abidjan, Custódio Muchate rebateu: “nós não bebemos álcool. Cada um de nós enverga a camisola da selecção nacional com muito respeito. Ademais, somos maiores de idade e responsáveis. Nós viajámos e estivemos em Abidjan para representar o país e estávamos cientes dos nossos objectivos”.

Outra voz de protesto que se juntou a Octávio Magoliço e Custódio Muchate foi a de Samora Mucavel, que afirmou ser “muito triste as pessoas dizerem, de ânimo leve, que nós consumimos álcool antes dos jogos. Nós não fomos ao ‘Afrobasket’ para beber e/ou para nos divertirmos. Fomos para competir”.

“O presidente da federação não viu nem um jogo de Moçambique”

O presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol, Francisco Mabjaia, logo após o certame de Abidjan, foi à Televisão de Moçambique a convite daquele órgão público de informação fazer o balanço da participação da selecção nacional naquele “Afrobasket”. Contudo, os atletas não encontram razões para a iniciativa daquela estação televisiva, visto que o dirigente não viu nenhum jogo da equipa de Milagre Macome.

Ademais, os basquetebolistas estranham o facto de Mabjaia não ter acompanhado o conjunto até Abidjan.

“Qual é o pai que não é importante numa casa? O que sabemos é que o presidente da federação não viu nenhum jogo da nossa equipa. Lembro-me de que durante a viagem para a Costa do Marfim, já em Marrocos, estivemos no mesmo avião com a selecção angolana, devidamente acompanhada pelo respectivo presidente. Quando chegámos a Abidjan, exigiram-nos cartões de ‘febre-amarela’ que nós não possuíamos. Foi necessária a intervenção do presidente da Federação Angolana de Basquetebol que pediu a compreensão das autoridades de Abidjan para que nós prosseguíssemos, visto se tratar de uma selecção nacional” revelou Magoliço.

“Um jornalista intrometeu-se em assuntos da selecção e fomos penalizados”

É um facto que a selecção nacional de basquetebol não recebeu os valores prometidos pela federação durante a prova. Segundo soube o @Verdade, o “diário” dos jogadores estava fixado em 50 dólares norte-americanos, o que ronda à volta dos 1500 meticais dependendo do câmbio do dia.

Contudo, volvidos os 15 dias, a equipa técnica não viu nem um “centavo”. Não houve também explicação, o que terá gerado um mal-estar no seio da equipa. Não obstante, à última hora, os atletas souberam que teriam o valor em Maputo, mas com uma penalização de 10 dólares por dia a cada membro da delegação moçambicana. Ou seja, cada um dos atletas, dos treinadores e outros membros da comitiva teriam um desconto de 150 dólares.

“Não recebemos o valor na totalidade. Sofremos um corte de 150 dólares por pessoa, como penalização por um artigo jornalístico publicado no jornal Desafio, escrito pelo seu sub-chefe de Redacção, Nhacila” afirmou Muchate, acrescentando que “por meia verdade que seja, somente no que diz respeito à falta de pagamento do ‘pocket-money’, essas informações não foram dadas ao jornalista por nenhum dos jogadores. A federação assim não entendeu, e por via disso, decidiu descontar toda a equipa”.

“Nós podemos ter de volta o nosso dinheiro se o Nhacila revelar quem foi o indivíduo que lhe facultou essas informações” desabafou Muchate.

“Apesar de tudo, vamos continuar a representar o país”

“Nós representamos a selecção nacional e não a pessoas da federação. Estamos aqui pelo país e não por pessoas. Estaremos sempre disponíveis para vestir as cores da bandeira nacional” manifestou Samora Mucavele.

“Há muito trabalho por se fazer. Mas entendo que é preciso, para o efeito, apostar-se no basquetebol masculino. Estamos a morrer, é um facto. Se tivéssemos uma preparação podíamos ter feito muito mais” defendeu Custódio Muachate.

“Os jogadores são unidos. Neste ano a preparação não foi boa, por ter havido problemas na sua gestão. Há jogadores que foram ao Afrobasket sem rodagem, sendo que outros fizeram um a dois jogos” concluiu Octávio Magoliço.

Mabjaia recusa-se a comentar

O presidente da FMB recusou-se a comentar as acusações que pesam contra si, feitas pelos jogadores da selecção nacional na conferência de imprensa na última segunda-feira (09 de Setembro) em Maputo. Aquele dirigente federativo revelou estar, neste momento, focado na organização do “Afrobasket” sénior feminino, prova que terá lugar em Maputo entre os dias 20 e 28 do mês em curso.

Contactado telefonicamente pelo @Verdade, Francisco Mabjaia disse, simplesmente, que “não tenho tempo para aturar assuntos não importantes. Estou preocupado com a selecção feminina que a partir da próxima sexta-feira (28) vai entrar em campo para honrar o país”.

“Narrei verdades. Eles distanciam-se da fonte mas não do conteúdo da notícia”

Para Narciso Nhacila, jornalista desportivo que acompanhou a selecção nacional durante o “Afrobasket” de Abidjan, “ficou claro que o que narrei constitui verdade. Eles distanciam-se apenas da fonte e não da notícia em si” sustentando que “eles (os jogadores) não receberam o ‘per-diem’ enquanto decorria o campeonato e ficaram sem dinheiro até para satisfazer as necessidades básicas, como, por exemplo, comprar pasta dentífrica”.

Nhacila “sacode a água do capote” e assegura que a sua notícia não poderia afectar negativamente a prestação da equipa no certame. “Perdemos como país devido a vários factores. Não temos competições internas; não tivemos uma preparação condigna e o nosso estágio não nos conferiu qualidade” disse.

“A questão logística é admissível que seja um acessório, um suplemento. Fomos ao estágio na Suazilândia para jogar contra quem? Fomos a Espanha fazer o quê? Com quem? Em que dia? A que horas? Não estávamos preparados para este “Afrobasket”, concluiu Narciso Nhacila.

Desporto

Boxe: Ferroviário de Maputo conquista primeiro torneio “interprovincial”

O Clube Ferroviário de Maputo sagrou-se vencedor do Campeonato Regional de Boxe da Zona Sul, prova que teve lugar entre os dias 06 e 08 do mês em curso no Estádio Nacional do Zimpeto. Em seniores femininos, a Academia Lucas Sinóia foi a vencedora.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze



Em masculinos, o “Regional” foi caracterizado pelo duelo entre o Ferroviário e o Matchedje, ambos de Maputo, ainda que as duas colectividades tenham levado a Zimpeto um número insignificante de pugilistas. A turma militar, campeã nacional em título, não conseguiu superar a adversária e perdeu todos os combates que travou.

Para o triunfo do Ferroviário foi indispensável o contributo de Valdo António, que conquistou a medalha de ouro na categoria dos 60kg. As outras medalhas foram alcançadas por Lourenço Cossa, nos 64kg, e Isac Ndimande, nos +91kg (pesos pesados).

Com estas três conquistas, aquele clube somou um total de 14 pontos, mais quatro do que o seu rival, Matchedje, que ameaçou duas medalhas de ouro por Elton Eduardo (75kg) e Juliana Máquina (52kg).

A grande “mancha” da prova dos masculinos, diga-se, foram as faltas de comparência de Francisco Massitela e Samson Mondlane, do Matchedje e da Academia Lucas Sinóia, respectivamente, que, apesar de inscritos para a competição, não

subiram ao ringue na hora do combate. Este cenário irritou o presidente da Federação Moçambicana de Boxe, Big Ben, por se tratar de dois pugilistas da selecção nacional.

Em femininos, o certame foi dominado pela Academia Lucas Sinóia que teve o privilégio de apurar oito atletas para as quatro finais, deixando praticamente inevitável a conquista do troféu do primeiro Campeonato Regional de Boxe da Zona Sul.

As vencedoras dos combates foram Raquel André, na categoria dos 56 kg, Isabel Mulungo, dos 60kg, Melba Zunguza, dos 62 kg, e Alcinda Panguane, dos 75kg.

Os vencedores

Valdo António, Ferroviário de Maputo

“Estamos felizes por ter conquistado o título. Este surge em reconhecimento do trabalho árduo que temos vindo a fazer nos últimos dias, apesar de termos participado com apenas três atletas.

O segredo da nossa vitória está na humildade. Entendemos que não somos militares, mas que nos comportamos como verdadeiros combatentes no ringue. Tenho de dar os parabéns ao Matchedje por ter feito uma excelente prova. Mereceu sair daqui com aquelas duas medalhas.

Por outro lado, temos de agradecer à direcção do Ferroviário e à equipa técnica pelo apoio que nos deram. O nosso próximo objectivo é conquistar o campeonato nacional que nos foge há dois anos”.

Juliano Máquina, Matchedje

“Estou deveras triste por não ter conquistado a prova. Mas o

desporto é assim mesmo: somos os campeões hoje e amanhã somos os perdedores. Infelizmente tenho de dar os parabéns ao Ferroviário de Maputo que ganhou por merecer. É um justo vencedor.

O que nos resta agora é erguer a cabeça e estar focados no trabalho com vista a participar no campeonato nacional, em que o objectivo principal é revalidar o título. Lá iremos contar com os atletas que não estiveram presentes neste “Regional”.

A nível pessoal continuo a treinar para os próximos Jogos Olímpicos, visto que tenho uma bolsa olímpica para representar o país naquela prova internacional”

Melba Zunguza, Academia Lucas Sinóia

“Estou feliz por ter conquistado a prova. Mas também tenho a lamentar o facto de terem participado somente 13 mulheres, o que de alguma forma retirou brilho à competição. Mas espero, honestamente, que este troféu sirva de incentivo para o próximo campeonato nacional em que o grande objectivo da nossa academia é revalidar o título”.

Nota positiva à organização

Os treinadores das equipas que estiveram presentes nesta primeira edição do Campeonato Regional de Boxe da Zona Sul congratularam a Federação Moçambicana de Boxe pela iniciativa, enfatizando, por outro lado, a forma como foi organizada a prova.

Lucas Bombe, treinador e cumulativamente presidente da Associação Provincial de Boxe de Gaza, disse que este certame deve servir de exemplo, no cômputo da organização, para o próximo Campeonato Nacional de Boxe agendado para o próximo mês de Dezembro em Quelimane. A mesma vontade foi expressada por Lucas Sinóia, antigo pugilista e hoje “dono” de uma das maiores academias de boxe do país. “É este tipo de torneios de que o país precisa” concluiu.

Apuramento para o Brasil 2014: Cabo Verde atinge fase dos *play-offs* finais

Cabo Verde venceu a Tunísia, por 2-0, no passado sábado (7), no Estádio Olímpico de Rades, em Tunis, e garantiu um lugar nos *play-offs* africanos de acesso ao “Mundial” de futebol de 2014, que vai ser disputado no Brasil. A performance dos Tubarões Azuis, nome de “guerra” da selecção cabo-verdiana, durante a fase de grupos, foi notável depois de uma “corrida” feita de trás para a frente acabando por ficar em primeiro.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Fifa.com

Depois de despachar o Madagáscar por 4-0 fora (golos de Dady, Ryan Mendes, Fernando Varela e Toni Varela), na 1.ª mão da pré-eliminatória para o Campeonato Africano das Nações (CAN) de 2013, os Tubarões Azuis deslocaram-se até Freetown no dia 2 de Junho de 2012 para o primeiro jogo de apuramento ao “Mundial” 2014 com a Serra Leoa. A derrota por 2-1, com Marco Soares a fazer o tento dos crioulos, deixava a turma de Lúcio Antunes apreensiva. E mais apreensiva ficou quando perdeu em plena Várzea, até então estádio talismã, por 2-1 com a Tunísia (Odair Fortes fez o golo dos Tubarões), uma semana depois do desaire frente a Serra Leoa.

Os Tubarões Azuis “sararam” as feridas com nova vitória frente ao Madagáscar na Várzea, agora por 3-1, com golos de Ryan Mendes, Djaniny e Zé Luís, antes dos dois grandes empates frente aos Camarões, último obstáculo para o inédito apuramento a um Campeonato Africano das Nações.

Na Várzea, a 8 de Setembro de 2012, a equipa de Lúcio Antunes derrotou os Camarões por 2-0 (marcaram Ricardo e Djaniny) e foi para a segunda mão com dois golos na “bagagem” e uma elevada dose de confiança para domar os... Leões Indomáveis.

E tudo correu de feição à equipa crioula que se adiantou no marcador na primeira parte, com um golo de livre directo apontado por Héldon, que silenciou por completo o estádio. Os Camarões ainda fizeram dois tentos na parte final do encontro mas era Cabo Verde quem ia pela primeira vez a uma Taça de África das Nações.

No CAN 2013, a equipa fez história e apenas perdeu nos quartos-de-final com o Gana, por 2-0, depois de ter empatado a zero com a África do Sul e 1-1 com o Marrocos (golo de Platini para Cabo Verde) e vencido Angola por 2-1 (golos de Fernando Varela e Héldon) na fase de grupos.

Ultrapassada a euforia à volta do CAN 2013, era a hora de atacar o apuramento para o “Mundial”. A derrota em Malabo com a Guiné



3-0, por uso irregular de jogadores por parte dos guineenses) e, uma semana depois, nova vitória, agora por 1-0 frente à Serra Leoa, com golo de Héldon.

O último confronto estava marcado com os tunisinos em Tunis, onde Cabo Verde quebrou o “feitiço” dos jogos fora e venceu por 2-0 (golos de Platini e Héldon), destronando as Águias do Cartago na liderança do Grupo B, e somando a quarta vitória seguida nessa fase de qualificação para o “Mundial”. Os tunisinos, que tinham nove pontos nas três primeiras jornadas, terminam a fase de grupos em segundo, com onze pontos, tendo ganho dois dos últimos nove pontos em disputa. Para o último encontro, bastava um empate com Cabo Verde para seguir em frente.

Neste momento, só faltam dois obstáculos para os Tubarões Azuis fazerem a viagem até o Brasil. Cabo Verde, actualmente no 36.º lugar do *ranking* da FIFA, é uma das cinco equipas cabeça-de-série no sorteio dos jogos dos *play-offs* africanos qualificativos para o “Mundial” 2014 que será disputado entre 11 e 15 de Outubro (primeira mão) e 15 e 19 de Novembro (segunda mão).

As outras nove selecções nos *play-offs* africanos

Depois de perder os pontos da vitória no Botswana, a Etiópia tinha a obrigação de vencer a República Centro-Africana em campo neutro pelo Grupo A. No intervalo, os etíopes estavam a perder por 1 a 0, com golo de Salif Keita, mas Salahdin Ahmed igualou, aos três minutos da etapa final, e Menyahel Teshome marcou o golo da vitória, aos 15, deixando a sua selecção mais perto do que nunca de um Campeonato Mundial de futebol.

Já a sempre presente Nigéria precisava apenas de um empate em casa com o Malawi para passar para o *play-off* final, enquanto o adversário necessitava dos três pontos para continuar na luta. Emmanuel Emenike pôs as Superáguias na dianteira no período de compensações do primeiro tempo e Victor Moses converteu uma cobrança de penálti depois do intervalo depois de o capitão do Malawi, James Sangala, derrubar Nnamdi Oduamadi na área. Todas as esperanças de uma viragem foram por terra quando Limbikani Mzava foi expulso ao ser admoestado com o segundo amarelo. A vitória por 2 a 0 deixou a Nigéria no topo do Grupo F, com 12 pontos – mais cinco do que o adversário.

A forte selecção de Gana fechou a campanha com um disputado triunfo, por 2 a 1, sobre a

Equatorial por 4-3, após arbitragem caseira, foi transformada em vitória pela FIFA por utilização irregular de um jogador por parte dos guineenses. Cabo Verde passava a somar três pontos e tinha de vencer todos os seus encontros para chegar aos *play-offs* e esperar por uma escorregadela da Tunísia.

A 8 de Junho de 2013 despatchou a Guiné Equatorial, por 2-1, golos de Babanco e Djaniny, (vitória convertida em

Zâmbia, impedindo que a campeã continental de 2012 passasse para a fase final do apuramento. Majeed Waris e Kwadwo Asamoah fizeram os golos dos Estrelas Negras. A selecção, que esteve nos Campeonatos do Mundo de 2006 e 2010, terminou em primeiro no Grupo D com 15 pontos, enquanto a adversária acabou por ficar com 11.

Em Marrakesh, o avançado centro Sadio Mane marcou o golo da vitória do Senegal sobre o Uganda aos 39 do segundo tempo, garantindo para o seu conjunto a primeira posição no Grupo J. Os ugandeses, que tinham que ganhar para ficar com a vaga, passaram toda a etapa final com um homem a menos, após a expulsão do guarda-redes Godfrey Walusimbi por falta grave sobre o adversário.

Os Camarões venceram o Grupo I com um golo de Aurélien Chedjou diante da Líbia, que se teria classificado com um triunfo. O substituto Omar Abdelsalam esteve muito perto de empatar para os norte-africanos no último minuto, mas a sua cabeçada na pequena área foi bem defendida pelo guarda-redes Charles Itandje.

Por fim, o penálti convertido por Didier Drogba no fim do jogo garantiu à Costa do Marfim o empate a 1 com o Marrocos. Os marfinenses já estavam classificados no Grupo C.

Já apurado o Egito sofreu um susto na terça-feira (10) mas virou o placar e confirmou o favoritismo, vencendo a Guiné 4-2 na sua sexta partida do grupo G e avança à fase final das eliminatórias africanas com 100% de aproveitamento. A Argélia, que também já havia garantido apuramento, manteve a sua invencibilidade no grupo H recebendo e vencendo o Mali por 1-0.

Ténis: Nadal vence Djokovic em mais uma final histórica e é bicampeão do US Open

Habitados a protagonizar grandes duelos em finais de Grand Slams, Rafael Nadal e Novak Djokovic fizeram mais uma espectacular partida de ténis na final do US Open nesta segunda-feira, e o espanhol sagrou-se bicampeão ao vencer, por 3 sets a 1, com os parciais de 6-2, 3-6, 6-4 e 6-1. Nadal repetiu o que havia feito em 2010.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

Nesse ano, saiu da quadra central do complexo de Flushing Meadows com o seu primeiro troféu do último Grand Slam da temporada, também depois de bater Djokovic, por 3 a 1.

Não foram essas duas as únicas vezes em que os dois primeiros classificados do *ranking* da ATP na actualidade se enfrentaram numa partida valendo o troféu de um dos quatro grandes torneios do circuito. Eles têm no histórico outras quatro finais, entre elas a do Aberto da Austrália de 2012, a mais longa da história dos Slams, em que o sérvio venceu depois 5h53min de jogo. O saldo agora é de três vitórias para cada lado.

A partida desta segunda-feira durou bem menos, 3h20min, mas nem por isso será esquecida rapidamente. O número 1 do mundo, 'Djoko' resistiu bravamente, pelo menos nos três primeiros sets. No quarto, Nadal foi arrasador, fechou a partida e chegou a 13 títulos em 19 finais de Grand Slams na carreira.

O segundo classificado do *ranking* dá sequência, assim, a uma volta em grande estilo. Depois de ter sido eliminado na segunda jornada de Wimbledon no ano passado, ele perdeu a segunda posição da lista. A partir daí, ficou sete meses sem competir devido a uma grave lesão no joelho e chegou a cair para a quinta posição.

Em Fevereiro deste ano, porém, Nadal voltou com tudo. Desde então, ele disputou 12 torneios, classificando-se para 12 finais e vencendo dez delas. O único resultado mau foi a derrota logo na estreia em Wimbledon.

Nadal começou melhor e teve uma quebra de saque logo no terceiro game. Djokovic até chegou a igualar, mas não resistiu à variação de jogadas do adversário. O sérvio até abriu 0-30 para igualar a parcial logo em seguida, mas desperdiçou a oportunidade. No sétimo game, o número 2 do mundo acertou as devoluções, deixou 'Nole' nitidamente nervoso e fez 5-2. Na sequência disso, confirmou o seu saque e fechou o set em 6-2.

O segundo set foi equilibrado no começo, com os jogadores a confirmarem o serviço até o sexto game, quando teve início uma sequência de três quebras. A primeira



foi de 'Djoko', que após rali de 54 bolas trocadas, aproveitou a bola na rede do espanhol. Nadal devolveu na sequência e abriu 40-15 para manter a parcial igual, mas sofreu a viragem e foi derrotado por 6-3.

O sérvio colocou-se em vantagem na partida ao começar o terceiro set aproveitando um break point. Ele confirmava os seus saques com facilidade, enquanto o adversário suava para se manter vivo na parcial. Até que no sexto game 'Djoko' foi muito irregular e perdeu o serviço. Nadal escorregou no segundo ponto do nono game, e logo depois Djokovic teve 0-40, mas o espanhol reagiu e salvou o serviço. Na sequência disso, o líder do *ranking* vacilou no 30-15, permitiu viragem e permitiu que o rival fizesse 2 a 1 na partida.

'Nole' teve novamente um break point no primeiro game do quarto set. Foram duas oportunidades, mas ambas foram desperdiçadas. O troco veio no game seguinte, em que Nadal abriu 0-40. O sérvio reagiu, mas teve o saque quebrado.

Sentindo o golpe, Djokovic não conseguiu reagir. O espanhol aproveitou-se então do mau momento psicológico do adversário, conseguiu uma segunda quebra de vantagem, no sexto game, e a seguir fechou a parcial em 6-1 e a final em 3 a 1.

Ténis: Serena Williams bate Azarenka e conquista US Open pela 5ª vez na carreira

A norte-americana Serena Williams conquistou no passado domingo (8) o US Open, o seu segundo título de Grand Slam na temporada, ao derrotar a bielorrussa Victoria Azarenka, por 2 sets a 1, com parciais de 7-5, 6-7(5) e 6-1.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters



Campeã em Roland Garros nesta temporada, a mais jovem das irmãs Williams já tinha vencido o US Open em quatro oportunidades, 1999, 2002, 2008 e em 2012. No ano passado, a rival da final já havia sido Azarenka. Além disso, Serena conquistou o 17º título de Grand Slam.

A partida de domingo foi vencida em duas horas e 45 minutos, com destaque para o segundo set, que durou uma hora e 10 minutos. No parcial, Serena chegou a ter dois match points, mas a rival conseguiu mostrar resistência, derrotando-a.

No set final, a representante da família Williams mostrou força, ignorando a adversária, fechando com uns fáceis 6-1, para delírio da claqué americana.

A conquista obtida no Arthur Ashe Stadium ainda garante a bolada de 3,6 milhões de dólares para a americana, que continuará líder do *ranking* mundial, seguida à distância por Azarenka, número 2 da classificação do ténis profissional feminina.

Fórmula 1: Vettel vence em Monza e fica mais perto do título e recorde

O piloto alemão Sebastian Vettel, da Red Bull, aumentou ainda mais a sua vantagem sobre o espanhol Fernando Alonso na liderança do Mundial de Fórmula 1 ao vencer no domingo (8) o Grande Prémio da Itália de Fórmula 1, no circuito de Monza, e está cada vez mais próximo de se tornar o tetracampeão mais jovem da história da categoria.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters



Alonso, que havia largado em quinto, chegou em segundo, seguido por Mark Webber, companheiro de equipa de Vettel. Já Felipe Massa foi o quarto, numa prova na qual fez uma bela largada, saltando da quarta para a segunda posição, mas depois abriu para o espanhol, também da Ferrari, ultrapassá-lo, e mais tarde perdeu a posição para o australiano da Red Bull nas boxes.

O alemão Nico Hülkenberg (Sauber) chegou em quinto, e Nico Rosberg (Mercedes) em sexto, seguido pelo australiano Daniel Ricciardo (Toro Rosso), o francês Romain Grosjean (Lotus) e os ingleses Lewis Hamilton (Mercedes) e Jenson Button (McLaren).

Vettel obteve a sua sexta vitória do ano e chegou a 222 pontos na classificação geral do "Mundial" de pilotos, mais 53 do que Alonso (169). Lewis Hamilton, da Mercedes, que fez uma corrida de recuperação, está em terceiro no campeonato, com 141, e Kimi Raikkonen, da Lotus, que também largou mal e não conseguiu recuperar o prejuízo, chegando em 11º, ocupa a quarta classificação geral, com 130.

FALENCIA

A verdade em cada palavra.
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
WhatsApp: 84 399 8634
//JornalVerdade
Email: averdademz@gmail.com
@VerdadeOnline: www.verdade.co.mz

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.”

— Martin Luther King

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

Música Gospel contra as limitações humanas

O Cine Teatro África acolheu no sábado passado, 07 de Setembro, um concerto de música Gospel que decorreu sob o lema *Unção Sem Limites*. A iniciativa, que arrancou às 14 horas, associou artistas crentes de várias igrejas e tinha como objectivo estimular a juventude a lutar contra as suas limitações sociais. O pastor Denny Timane e o rapper Figg Dela Virgen – que dirigem o programa – falaram-nos sobre o evento.

Texto & Foto: Redacção

@Verdade: O que é e como surge o evento *Unção Sem Limite*?

Denny Timane: Trata-se de uma iniciativa que tem como propósito a disseminação do Evangelho. Escolhemos este tema porque percebemos que, em Moçambique, há muita gente que se debate com limitações sociais diversas. Por isso, além do canto coral, no evento decidimos ministrar a palavra, dando instrução sobre como lutar contra os problemas sociais.

Percebemos que as pessoas têm sonhos, criam projectos, mas tem sido difícil materializá-los. Também constatámos que há muitos jovens envolvidos nas bebedeiras, na prostituição, na criminalidade incluindo outros procederes que em nada contribuem para o desenvolvimento da nossa sociedade. Nesse sentido o nosso plano – como se viu – foi envolver nesta actividade todas as pessoas.

Arrancámos com a realização do ‘show’ de música Gospel, a fim de explorar todos os estilos musicais que disseminam o Evangelho. Ora, porque este género de música nos remete a isso, incluímos um momento de louvor e de adoração no evento. Acreditamos que isso contribui para a mudança de mentalidade das pessoas que – tendo algum tipo de limitações – pensam que não podem fazer nada. E, consequentemente, a sua vida fica estagnada.

@Verdade: De que maneira é que se irão remover as limitações das pessoas?

Denny Timane: Uma forma de remover as limitações das pessoas é convencê-las em relação à necessidade de dedicarem a sua vida a Deus e a Jesus Cristo. Por exemplo, nós acreditamos que uma maneira de tirar as pessoas da fornicação, do alcoolismo e da criminalidade é a disseminação da mensagem divina que possui a capacidade de educar e ajudar as pessoas a distinguir o certo do errado.

@Verdade: Realizaram uma exposição...

Denny Timane: Sim! Esse é um dos aspectos importantes da iniciativa. Ao mesmo tempo em que se realizou o concerto, promovia-se, do outro lado, uma ‘Expo Sem Limites’. Essa mostra foi protagonizada por crentes dinâmicos e bem-sucedidos. A partir desse arranjo, quisemos mostrar às pessoas que o facto de alguém ser crente, e dedicar a vida a Jesus, não significa que ela passa a ter uma vida monótona, singela e vivendo à base do mínimo.

Foi uma exposição sobre as obras dos crentes que são empreendedores. Por exemplo, tivemos crentes que expuseram obras que têm a ver com a área gráfica, incluindo outras. Isso tinha o objectivo de atrair e despertar a atenção do público em relação ao empreendedorismo. Nós entendemos que é relevante realizar esta exposição porque as pessoas têm a mentalidade de que se alguém se torna crente, a sua vida fica estagnada porque ela abandona as coisas materiais, dedicando-se exclusivamente à vida espiritual.

@Verdade: O que houve de particular nesse concerto?

Denny Timane: É próprio da música Gospel a exposição de mensagens educativas que trazem algum tipo de esperança, edificando o espírito humano.

@Verdade: Tiveram algum patrocínio para a materialização do evento?

Denny Timane: O evento decorre com base no esforço de todos os jovens envolvidos – o que equivale a afirmar que não tivemos apoio de nenhuma instituição moçambicana nem estrangeira.



@Verdade: Existe alguma ideologia associada a esse pensamento?

Denny Timane: As pessoas não apoiam muito os eventos que não são de natureza comercial. Se nós realizássemos um concerto que envolvesse bebidas alcoólicas e moda, por exemplo, acredito que teria havido muitos candidatos a patrociná-lo.

@Verdade: Como é que Figg Dela Virgen se envolve nesta iniciativa?

Figg Dela Virgen: Um dos meus grandes objectivos era dar alguma contribuição para que o evento fosse bem-sucedido. Nós não tivemos patrocinadores, mas por que senti que havia necessidade de promover os ideais da *Unção Sem Limites*, compreendi que que valia a pena contribuir para mostrar ao mundo que – ainda que não haja muitas condições – é possível dar um passo em diante, em Moçambique.

Mas também, sendo eu um cristão, comecei a converter o Rap – que é o estilo que tenho explorado – para o género musical Gospel a fim de disseminar uma mensagem que constrói, educa e edifica os Homens. Por isso, utilizo o Rap para mostrar o lado bom de Deus.

Sinto que mesmo no seio da Igreja há uma confusão em relação ao Gospel e outros estilos musicais. O primeiro remete-nos à ideia da divulgação do Evangelho sem discriminação do estilo musical. Para mim é mais fácil comunicar-me com os apreciadores Rap e ministrar a palavra de deus através da música. Quero incentivar os músicos cristianizados a fim de cantarem, cada vez mais, o Gospel porque precisamos da diversidade musical para a disseminação da boa mensagem.

@Verdade: Quem é a entidade que organiza o evento?

Figg Dela Virgen: A iniciativa é organizada pelos jovens do Ministério Valentes na Fé. No entanto, a mesma não é feita exclusivamente a favor da Igreja, mas do país, disseminando o evangelho que não pertence a uma determinada pessoa. Ou seja, são jovens de várias igrejas que se uniram a fim de que esse evento acontecesse. Certamente que existe um visionário que está na direcção do evento.

@Verdade: Porque é que escolheram o Cine África para acolher o evento?

Denny Timane: O Cine África tem a capacidade de acolher 1.200 pessoas. Nós escolhemos este lugar porque percebemos que, muitas vezes, quando as pessoas têm em mente que um evento é realizado pela organização X, elas não aparecem. Então, a selecção do Cine África tem a ver com o facto de ser um lugar neutro a partir do qual o público pode compreender que – independentemente da sua religião – deve e pode participar.

Além do mais é um espaço em que as pessoas também vão para praticar acções negativas. Ora, contrariamente a isso, nós queremos usámo-lo para promover eventos positivos, educativos e construtivos.

@Verdade: Nos próximos anos o evento irá continuar?

Denny Timane: Temos o plano de realizá-lo anualmente. Sentimos que contrariamente ao que se faz, em eventos desta natureza, no país, trazendo-se evangelizadores estrangeiros, nós trabalhamos com ministros locais. Estamos a trabalhar sem dependência externa.

@Verdade: Em que estágio se encontra o movimento Gospel em Moçambique?

Denny Timane: Existem algumas organizações que difundem o Evangelho numa perspectiva comercial – o que faz com que as pessoas não entendam a sua essência. O Evangelho representa o poder de Deus para a transformação da vida das pessoas. No entanto, como alguns de nós sublimam-no como comércio, acabam por contribuir para que a sociedade não veja o Gospel como algo que educa, constrói e coloca ética nas acções humanas.



«THE BLACK BOX»: ARTE DE UNIFICAÇÃO MACIÇA

«The Black Box» remete-nos a um problema de tensão entre o que unifica e separa a natureza humana. O que nos desagrega está à vista de todos: a língua, as tradições, o maquiavelismo.

O que nos une é mais subtil e nem sempre é suficientemente visível para obter consenso e consumo: a mesma natureza humana expressa na capacidade de separar o bem do mal. Compreender a natureza humana é difícil, mas é necessário.

Assim, arrostando «The Black Box», veremos que a grande preocupação, o grande sentimento de inquietação de Manhica se centra em humanizar o Homem.

Diferentemente de Prometeu, que ousou roubar o fogo da mansão dos deuses, Manhica pretende usar o análogo – na linguagem da Arte – como uma insígnia de liberdade humana.

«The Black Box» pode, até, ser a caixa que contém os segredos de uma aeronave. Também pode ser a parte negra da humanidade. Contudo, ela, agora, assume-se como uma Arte Instrumental, Arte Plena, Arte de Acção, ou seja, aquela que engloba a plenitude da razão lógica e da razão axiológica, e que tem como desígnio construir o Homem na sua amplitude antropológica.

«The Black Box» participa e toma corpo na imaginação dinâmica, reprodutora e movimenta-se no reino dos elementos cosmogónicos do Homem, pois o destino da Arte é a criação, a harmonização do espírito humano e o seu contraponto com a natureza.

Esta exposição não é uma simples katharsis. É um imaginário que se configura uma metáfora, que serve de elemento catalisador e simplificador de todas as interrogações que confluem na realidade do imaginário mitológico do artista.

«The Black Box» é uma nova hermenêutica para Moçambique. Restabelecimento do mundo. Uma nova rede de significados.

Se «Onde não há Evolução, a Arte deve ser usada para a REVOLUÇÃO» como nos alerta Manhica, devemos – com audácia – retribuir a alegria, a força e a vida amorosa que ele nos oferece, porque «The Black Box» através das suas obras – treze – nos soube (e nos saberá sempre) dar: alegria, vida e força amorosa. Daí que, com uma determinada pose se não quisermos dizer «The Black Box», podemos dizer, com algum epíteto: Arte é uma arma de unificação maciça!

“O povo é vítima do sistema!”

Há anos que Vasco Manhiça ‘luta’ para expor as suas obras em Maputo. No entanto, quando, muito recentemente, conseguiu sentir-se frustrado. “Não são estes os assuntos que eu gostaria de retratar”. Com algum sofrimento – que é suavizado pelas músicas de Fela Kuti que escuta – descobre ‘How Europe Underdeveloped Africa’, a obra de Walter Rodney. Além de talentoso, está-se diante de um homem de causas

Texto & Foto: Inocêncio Albino



Vasco Manhiça é uma espécie de ‘superstar’ – muito consciente sobre a sua condição social e humana. Vive na Alemanha há treze anos, mas não é por isso que esquece as suas raízes. No seu atelier, algures nos atalhos do bairro do Aeroporto, onde nos recebeu, fomos, imediatamente, confrontados por tonalidades de cores, formas, paletas e telas. Sentimos um cheirinho que nos agrada. Típico das galerias.

“É preciso ter cautela com os vizinhos, as pessoas mais próximas de si, porque são eles que lhe prestam os primeiros socorros em momentos de crise. Por exemplo, aqui em casa, sempre que se realizam cerimónias convidamos os nossos co-residentes do bairro, que são muçulmanos, para degolarem os animais que nos servirão de carne. Eles não se alimentam de carne não hallal. Por isso, esse arranjo tem como objectivo incluí-los na festividade”.

Por um motivo desconhecido, pelo menos por nós, Vasco Manhiça começa por narrar essa experiência. Mas nós vimos para falar sobre arte, acerca de The Black Box, a sua mostra que se realiza no Centro Cultural Franco-Moçambicano.

Mas como ainda faltam sete dias, para se chegar a três de Setembro – o dia da inauguração – Vasco Manhiça pode comentar. “Os americanos gostaram do meu projecto, mas, acho, quando leram o artigo que se publicou no @Verdade, aperceberam-se da minha ideologia e desistiram de me apoiar. Eles não gostam dessa cena de revolução – algo que abre a mente das pessoas”.

Muitos problemas para África

Lentamente, sem muitas induções da nossa parte, o artista reorienta-se em direcção ao nosso tópico. “Sinto que falo sobre temas sensíveis para os cooperantes. Por isso, poucos me financiam”.

Criou a obra AIDs for Africa, uma mensagem que, literalmente, significa Ajudas para África. Mas a forma ortográfica também nos remete para a ideia de Problemas para África. Ou seja, muita SIDA para os negros, em forma de apoios. “É isso o que nos enfraquece”.

O seu retorno a Moçambique, 13 anos depois, é algo simbólico e cheio de nostalgias. “O meu trabalho resulta das influências que tenho da comunidade e dos petizes, em particular. Sabe quantas vezes digo olá, às crianças, por dia? São milhares. Na Europa não encontro esse ambiente, e a saudade tortura-me”.

Esse comentário é um pormenor, mesmo para suavizar a delicadeza do tema, porque o que Manhiça pretende dizer é que “se eu lhe der sustento todos os dias, como eles fazem connosco, significa que você não terá tempo para pensar em relação à sua condição social”. “As organizações internacionais que apoiam o continente africano só contribuem para que o negro seja preguiçoso, eternizando-se a sua pobreza. Eles não aprovam os projectos que têm como vocação a libertação das pessoas. No entanto, financiam tudo o que tem a ver com a SIDA”.

Somos pobres (?)

No uso da palavra, Vasco Manhiça é muito vertical de tal sorte que colocou numa das suas obras – sobre essa temática – a seguinte mensagem presidencial: “This country is poor!”. Ora, para o criador isso não pode ser verdade, pelo menos quando se recorda que Kwame Nkrumah acredita que “The secrete of life is to have no fear! This country is rich!”. Está-se diante de uma antítese; afinal, este país é rico. E, como tal, ninguém precisa de viver com medo.

Diríamos que a beldade das formas, a conjugação invulgar das cores –

própria de um artista maduro – aligeiram a precariedade social em que vivemos. É disso que Vasco nos fala. Onde é que já se viram pombos a matar-se? Metáfora ou não da nossa experiência, nas palavras de Vasco Manhiça, é nesse contexto que nos encontramos.

A outra obra Doves killing Doves, Pombos matando Pombos, tem a ver com a situação em que vivemos. Estes animais podem lutar e tornarem-se inimigos, mas nunca tiram a vida um do outro. No dia em que isso acontecer algo estará muito errado. “Faltará ordem – como estamos a viver no país agora”.

Por exemplo, “quando o meu amigo Alexe Ferreira foi assassinado vieram-me muitas imagens na cabeça. Uma delas foi a necessidade de se fazer uma manifestação de revolta na zona em que o assassinio aconteceu. No entanto, onde é que iríamos contestar se essas práticas estão a decorrer em todo o país?”

Na verdade, “compreendi que a manifestação contra esta realidade não podia acontecer num lugar concreto, isolado, porque – estando a crise a acontecer em todo o lado – o povo que se autoflagela está a ser vítima da disfunção do sistema. O povo não se pode encarregar do trabalho da Polícia”. Esta situação é legível nas obras de Vasco Manhiça como, por exemplo, O Motim Frio da Polícia. É que estas autoridades, incluindo as pessoas que dentro da corporação tomam a decisão, “compreendem que devem deixar o povo agir como quiser, mesmo matando-se. Enquanto a Polícia se diverte, consumindo vinho, as pessoas matam-se”.

É a mensagem do povo

Em The Black Box, esclareça-se, não há nenhum traço de amor. “Não é isso que estou a retratar – porque neste momento a sociedade moçambicana não está a gerar essas situações”.

A exposição carrega as palavras do povo. “Esta mensagem não é minha é do povo. Por isso, sempre que as pessoas me perguntarem porque é que eu escrevo em inglês se o povo não tem o domínio dessa língua, explico que a razão é simples. Estes conteúdos não se destinam ao povo, mas é no seu contexto que se geram”. Por exemplo, na obra Polícia e Ladrões, que contém as letras Polícia da República de Moçambique, recupera-se uma promiscuidade.

“A polícia e os ladrões são praticamente o mesmo bicho. A única diferença encontra-se na forma como se apresentam”. De um lado vemos o polícia trajado comumente, mas do outro, ele inverte a identidade para não ser reconhecido. É nisso que repousam os comentários populares como, por exemplo, os que marcam que criminosos estavam vestidos do uniforme da Polícia. Se não existe conexão entre ambos, onde o encontraram?

Quero ser útil

Vasco Manhiça considera que, numa dada fase da sua carreira, compreendeu que devia fazer da arte um instrumento de luta. Não para ferir ninguém, mas para alertar e consertar determinados comportamentos desviantes. “Quero mostrar às crianças a verdade sobre a nossa realidade – para que elas percebam que estamos a seguir um caminho errado. Devemos influenciar os petizes positivamente”.

Com o seu génio reconhecido, Vasco Manhiça vê-se, a partir do seio familiar, impelido a abdicar dos seus ideais, sob pena de ser silenciado eternamente. “Está certo! Sei que um dia vou encontrar a morte.

O que não posso fazer é morrer sem ter sido útil. Acho que se, de facto, os mortos ascendem aos céus – como se apregoa – caso eu morra sem ter sido útil, posso chegar ao céu triste!”.

Toma que te Dou



Alexandre Chauque
bitongachauque@gmail.com

Os pífaros e os clarinetes e os trombones reboaram para ti, Thsungu Thsoni*

Os que te amam sabem que desdenhas as lágrimas. Sabem também que te embevecas quando essas lágrimas são vertidas com amor. Com saudade de um homem que caminha sempre ao encontro da luz, como tudo o que está no Salmos.

Eles sabem que não pode faltar a música no teu dia, como não pode faltar o cântico no dia dos pássaros. Sabem, os teus filhos, que não te podem trair, sob o risco de os devolveres para o ventre onde os colocaste e depois saíram para o acolhimento da luz. Os teus amigos também sabem disso. Sabem da mentira que sempre detestaste. E da amizade que será sempre o teu portaestandarte. Sabem de tudo isso.

Da tua lealdade perante a vida. Da franqueza estampada no riso que libertavas em todos os momentos. Eles vão-se lembrar sempre da tua timidez, que se tornava em doce cascata quando regias a tua banda.

A tua banda sim. Porque tudo aquilo que se for a evocar sobre esta orquestra que nos delicia com a enxurrada de sopros tem a ver contigo. E ainda bem que os componentes do grupo se orgulham, todos eles, de terem bebido da sabedoria de um homem como tu. Bem-aventurado. Eles falam de ti em todos os lugares por onde passam tocando para as pessoas.

Tocando para ti, agora que vives do outro lado da lua, como o Nat King Cole. E quem sabe, com o Nat King Cole. Mas nós estamos aqui, e lembramo-nos de ti na semana passada. Os teus filhos reuniram familiares e amigos para te evocarmos. A Leninha, tua filha maluca, ofereceu, em nome de toda a família, um uniforme novo à banda, branco como a alva, listado de preto. Cheirava a “alcafre”.

Não se esqueceu dos sapatos, pretos e novos também. Os elementos do grupo estavam todos bonitos. Lembrando-te. Só faltaste tu naquele dia. Aliás estavas ali protegendo a todos. Falando para cada um dos teus filhos e netos. Oh, como foi lindo!. Faltou o Otis, o teu filho amado, como são todos os que geraste do teu ventre.

O Pedrito também não esteve. Mas não faz mal porque estiveram lá de espírito. Eles amam-te, só que a vida aqui está muito difícil. Por vezes custa-nos sair de casa para ir beber água porque não temos dinheiro de chapa. É verdade!

A tua banda tocou no cemitério, onde passaste grande parte da tua vida enterrando os mortos. Mas o que mais admirava a todos é que tu fazias dos funerais uma festa. Na verdade a morte é uma festa. É uma ponte que nos leva para o outro lado. E tu sempre percebeste isso, por isso gracejavas com os cadáveres arrumados na horizontal nessas caixas sinistras.

Foi uma cerimónia bonita, para lembrar a passagem do 21º aniversário da tua partida. O cemitério encheu-se de cânticos e de flores. E a Leninha, tua filha, passava o tempo todo sorrindo. Feliz por saber que o pai é uma jóia. Todos os teus filhos sentem orgulho de terem saído do teu sangue. Eles tentam ser como tu e por vezes conseguem. Não tanto como tu o fazes. Mas tentam, como forma de valorizar tudo o que fizeste. Eles lembram-se do valor que sempre deste às pessoas e à vida. O respeito e a educação que transmitiste a eles.

Oh, bem aventurados aqueles que andam em caminhos rectos. E tu sempre andaste, Tsungu Thsoni. E nós não temos palavras para te descrever. Não se descreve um homem que se tornou um personagem. Um personagem não se descreve. Não se toca. Um personagem escuta-se. Com atenção. Com um personagem aprende-se. Sempre. Por isso dizemos, agora, até sempre, Tsungu Thsoni.

**Tsungu Thsoni foi regente da banda municipal de Inhambane, agora renovada com instrumentos recentemente adquiridos pela edilidade. Foi homenageado pela família e amigos, com a presença de um representante do presidente do Conselho Municipal, no passado dia 7 do corrente mês na “Terra da Boa Gente”. É pai do saxofonista Alípio Cruz (Otis)*

“Nós somos órfãos culturais neste país”

Gilberto Mendes afirmou que os artistas moçambicanos vivem numa situação de orfandade cultural devido ao secretismo – na divulgação e aplicação da legislação cultural –, existente no país, que concorre para a precariedade da sua condição social.

Texto & Foto: Redacção

O artista que falava no âmbito dos debates promovidos pelo Festival Encontrarte, recentemente terminado, considera que há uma necessidade de se edificar uma sociedade cultural aberta a fim de se conduzir o país a uma revolução cultural. Uma forma de estruturar esse desejo, de lhe conferir uma dimensão existencial actuante, é a criação “da Confederação das Associações Culturais de Moçambique, uma organização similar à CTA para a área cultural”.

O actor que culpa o secretismo – com base no qual se constrói a nossa sociedade – de estar a contribuir para a miserável condição dos artistas, afirma, seguramente, que “só assim é que eles poderão começar a ouvir-nos cada vez mais. O problema é que nós vivemos numa sociedade em que tudo é secreto”. Para demonstrar que em Moçambique tudo se esconde de todos, Gilberto Mendes perguntou se, excluindo Chude Mondlane, alguém dos presentes já tinha ouvido a voz de Eduardo Mondlane. Apenas três pessoas é que responderam favoravelmente.

“Será que é tão secreto que se oiça a voz de Eduardo Mondlane? O problema é que essa situação se espalha em todos os sectores. Nós vivemos num país em que quase tudo é proibido”. É em função desta realidade que o director do Cine Teatro Gilberto Mendes conclui que “nós, os artistas moçambicanos, somos órfãos culturais. Praticamos as actividades culturais ao deus-dará porque já não temos pai”.

Um contra-senso

Ao actor não faltam argumentos. Por exemplo, “as pessoas que criaram a Companhia Nacional de Canto e Dança, os mesmos que vêm da gesta da luta de libertação nacional, já não existem ou não já têm palavra na referida colectividade. Por isso, hoje, essa colectividade cultural foi substituída pela CTA”.

Gilberto Mendes recorda-se de que nos primeiros anos da independência nacional, “sempre que viajasse para o estrangeiro, o Presidente Samora Machel levava consigo a Companhia Nacional de Canto e Dança, a fim de mostrar ao mundo os seus artistas e, por essa via, a nossa identidade cultural, criando bases para a cooperação entre ambos os Estados”.

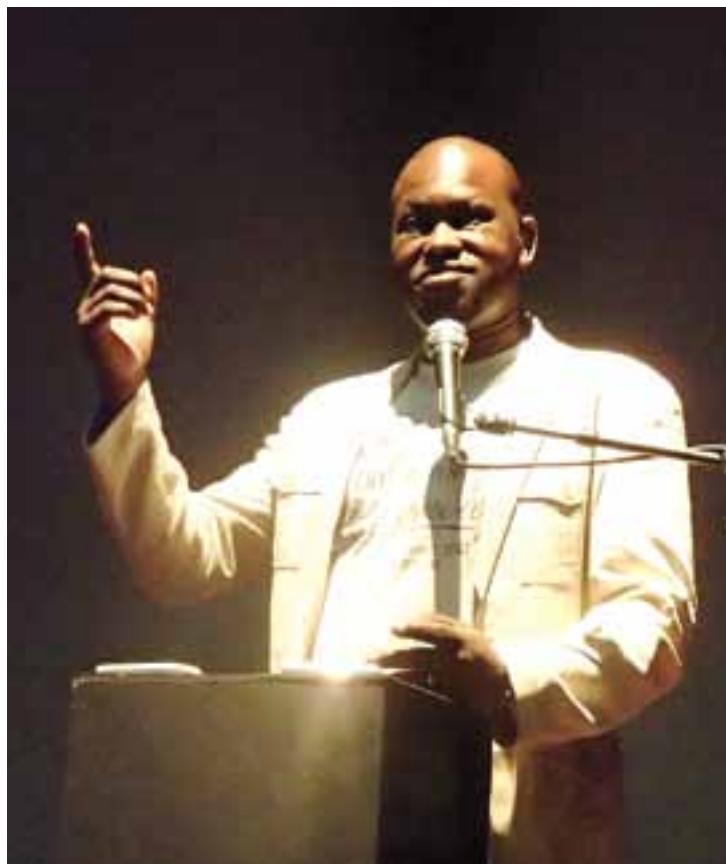
É que nos dias actuais, “o Presidente Armando Emílio Guebuza apenas viaja com os empresários da CTA, exibindo-os como se fossem aquilo que culturalmente nos identifica. Essa prática reiterada influencia também as nossas manifestações culturais. O nyau, por exemplo, é uma manifestação artístico-cultural secreta”. Gilberto Mendes céptico quanto ao que seria dos artistas moçambicanos se não existissem instituições internacionais a operar, no campo cultural, em Moçambique.

Uma história necessária

A Cooperação Italiana criou o projecto Cinema Arena, vocacionado para a luta contra a SIDA e na promoção da saúde sexual e reprodutiva. “No âmbito do mesmo, nós, os artistas, percorremos os distritos e ensinámos as pessoas a usar o preservativo para se prevenirem de doenças e de gravidezes indesejadas. Trabalhámos com o cinema – que é uma forma fácil de captar a atenção humana”.

“Conversávamos com as pessoas, que eram filmadas, e na primeira noite montámos um grande ecrã em que se transmitiam as entrevistas que se havia feito. No distrito, onde o sinal da televisão não chega, essa experiência teve grande impacto”.

Aparentemente, sem nenhum precedente, o chefe da aldeia e a comunidade local estavam a ser vistos no ecrã. Como é que eles entraram naquela máquina? Essa é que era a grande curiosidade entre os presentes. De acordo com Gilberto Mendes, as pessoas diziam que se estava diante do feitiço dos brancos, referindo-se ao cinema. Então, “nós captámos a sua atenção através da projecção de filmes e depois fazíamos o teatro. Éramos sempre seguidos porque as pessoas queriam aparecer na televisão na noite seguinte”.



Imbróglio em Tete

Na província de Tete, como explica Mendes, os artistas filmaram secretamente um ensaio da dança nyau, a par do qual se projectou um filme de Charlot dublado para a língua nyau. “Quando a personagem começou a falar nesse idioma, geraram-se murmúrios. Como é que esse branco fala a nossa língua? O filme continuou e as pessoas – que compreendiam a mensagem – comentavam”.

“Diante da projecção da dança nyau, que eles mesmos praticam, abandonaram o espaço. Depois veio um mafumo – que é uma espécie de chefe tradicional – e perguntou-nos onde é que se havia encontrado as imagens. Explicou que era proibido projectá-las e que, pelo facto, devíamos pagar uma multa. E não devíamos fazer aquilo sob pena de encontrarmos a morte por espancamento”. Segundo Mendes, essa experiência revela o grande secretismo que há em volta do nyau. Mas o pior é que “aquilo que torna esta dança especial pode ser um entrave para o seu desenvolvimento e o da tradição. É que se dá mais incentivos a quem domina o baile do que quem vai à escola”. Por isso, “desde os seus primeiros anos, os miúdos priorizam a aprendizagem do nyau do que o ensino”.

Há, nesse sentido, algumas práticas na nossa sociedade que, nos dias actuais, temos de quebrar. “O problema é que se as quebrarmos, teremos problemas com a tradição. Ficamos com este problema sobre o valor das coisas. O que é mais importante entre a manutenção da tradição e o desenvolvimento?”

A lei não funciona

Recuperando o tema do secretismo, Gilberto Mendes critica o facto de “nós vivermos num país em que se promovem mais as leis punitivas, em detrimento das que beneficiam o cidadão”. “Temos uma Lei do Mecenato que não é divulgada como se divulgam as mensagens para se votar num determinado candidato à Presidência da República ou de um município.

Sinto que caso seja aplicada como está elaborada, a Lei do Mecenato pode beneficiar todos os públicos de interesse na produção artística. Mas não interessa a ninguém que ela seja divulgada, porque a situação social do artista iria melhorar muito”.

De acordo com Mendes, a Gungu TV, a sua estação televisiva, edificada com base na aplicação da Lei do Mecenato prova a sua funcionalidade. “Foi utilizando a Lei do Mecenato que a nossa companhia de teatro acabou por evoluir até o nível actual, em que temos uma estação de televisão. Ora, se nós conseguimos usar esta Lei, porque é que os outros não conseguem? O problema é que ela não é divulgada”.

“É por essa razão que quando nós nos aproximamos do Ministério das Finanças, para viabilizar a Lei, eles dizem-nos: ‘Ó Gilberto, a gente vai deixar isso passar só porque se trata de vocês. Mas não divulguem. Porque se divulgarem, todos os artistas virão. E como são muitos, nós não teremos dinheiro para todos’”. Mas as coisas não podem ser feitas desta forma. “Há mecanismos próprios para que os fazedores das artes e cultura – sem transgredir nada, porque está tudo legislado – irem buscar o financiamento para as suas actividades.

O problema é que o secretismo, mais uma vez, impede que a nossa sociedade evolua. Então, mais uma vez, somos órfãos e somos atirados para o segundo plano”.



Isto é

Inocêncio Albino
linno.albino@gmail.com

Crenças dos meus tempos de jornalista

Na minha época de jornalista, eu acreditava que nunca se devia escrever um artigo tão chato como o que redijo agora. Mas também acreditava que a história – com todos os seus adjetivos e advérbios – devia ser registada. Sem se escamotear a verdade.

Nos meus dias de jornalista, acreditava em muitas coisas. Acreditava em tudo o que eu escrevia porque, antes de divulgar, fazia muitas pesquisas.

Acreditava que a minha missão, como um profissional de comunicação, não se devia esgotar na mera produção e divulgação de informação. Eu acreditava que podia analisar e discutir com conhecimento científico o Jornalismo. Acreditava que o Jornalismo iria desenvolver porque eu, a par de muitos jovens que o faziam, tinha muito vigor, muita imaginação, muita criatividade e um grande espírito inventivo. Acreditava que nós, os jovens, podíamos gerar uma produção que sublimasse e perpetuasse a nossa geração no tempo e no espaço. Acreditava que, com o advento das academias de especialidade que se tornavam fecundas no país, as gerações futuras poderiam ter-nos como os craques de todos os tempos na comunicação social.

Eu acreditava – e por isso lutava – que era possível fazer a história no Jornalismo, sem recorrer a sensacionalismos baratos. Tinha fé na liberdade de expressão e de opinião. Acreditava que não devia ter medo nem receios na expressão da minha opinião. Acreditava que podia ser um leitor activo e crítico dos produtos jornalísticos impressos e distribuídos no país.

No e pelo Jornalismo, eu queria ser muito mais do que um simples jornalista. Devia ser um pesquisador especializado numa área qualquer desta enorme Galáxia de Gutenberg. Eu acreditei muito no Jornalismo. Acreditei, por exemplo, que no meu activismo jornalístico (mesmo como um leitor) podia telefonar para um colega meu de profissão e criticá-lo, favorável ou desfavoravelmente, em relação a um trabalho por si feito e, disso, rirmo-nos, fortificarmos a amizade e a profissão, sem gerar nenhum tipo de contendas – como acontecia.

Eu acreditava que os jornalistas – estes profissionais da comunicação – eram pessoas íntegras, actantes, ética e deontologicamente esclarecidas. Seres humanos sensíveis aos problemas do nosso tempo e à dor alheia. Acreditava que os jornalistas eram profissionais empáticos – no bom português.

Na minha época de jornalista, eu acreditava que nunca se devia escrever um artigo tão chato como o que redijo agora. Mas também acreditava que a história – com todos os seus adjetivos e advérbios – devia ser registada. Sem se escamotear a verdade. Por isso, agora, neste momento, aqui, penso que na minha época de jornalista eu fantasiava muito a realidade. Por ela apaixonava-me. Por incrível que pareça, eu não me importava com o dinheiro e, por isso, muitas vezes, eu fui muito explorado. Na empresa em que eu colaborava há muitos testemunhos sobre o facto. Vezes sem conta, eu não ia buscar o meu próprio salário, o que não significa que o mesmo não me fazia falta. Mas, para mim, o dinheiro não era e nem devia ser a coisa virtuosa. Os meus chefes achavam-me muito estranho por causa dessa atitude.

Nos meus tempos de jornalista, eu acreditava que devia preocupar-me em relação aos problemas do meu tempo. Devia lutar pelo progresso da humanidade, pela revolução, e, por isso, nas minhas matérias, sobretudo, aquelas em que eu sentia que havia dado algo de mim, o meu cunho jornalístico e criativo, havia muitos traços dessa busca pela verdade, pelo avanço, pela liberdade – elogiando os méritos dos meritórios e depreciando os deméritos dos Homens pouco aplicados. Eu acreditava não somente na Evolução, mas acima de tudo na Revolução.

Continua na próxima edição

Que tal uma Praça Roberto Chitsondzo?

@Verdade apresenta uma entrevista conduzida pelo escritor moçambicano, Cremildo Bahule, ao músico Roberto Chitsondzo em que lhe colocou a hipótese de se edificar uma praça que ostentasse o seu nome. Descubra a sua resposta, mas antes saiba como se introduziu na música.

Texto & Foto: Redacção

@Verdade: Onde e quando é que Roberto Chitsondzo nasceu?

Roberto Chitsondzo: Nasci em casa. Às 8 horas. No dia 9 de Agosto de 1961. Na cidade João Belo, a actual Xai-Xai. A minha parteira foi uma idosa muçulmana. Nos dias que correm ainda convivemos com a sua filha, a dona Sofia, no bairro Um que outrora foi denominado Xiporwene, dado o facto de que havia caminhos-de-ferro. Mas também o mesmo sítio se chamava Bolwene porque se encontrava entre dois campos de futebol. O campo de Ferroviário de Xai-Xai e o campo do Clube de Gaza.

O meu nome completo é Roberto Maximiano Chitsondzo. Sou filho de Maximiano José Chitsondzo que – entre as várias actividades – era tesoureiro da Wenela. A minha mãe era doméstica, trabalhava na machamba e vendia comida.

@Verdade: Quando é que entra em contacto com a música?

Roberto Chitsondzo: Já não me recordo sobre o marco do meu primeiro contacto com a música. Lembro-me de uns giradiscos que havia em Xai-Xai que se chamavam gramofones. Os mesmos eram alugados para – nos dias de festas – tocar música lá em casa.

Recordo-me do vovó Madrumana que tocava acordeão e que nos dias festivos também passava por casa para animar os presentes com as suas músicas. Mas também havia a música de Zeburane e Johane Tamele que se ouvia na Rádio. Por outro lado, eu fazia parte do grupo coral da Igreja. E sempre frequentei as aulas da catequese. O meu irmão Luís Bila tocava viola em casa com os seus amigos. E eu ia espreitar esse exercício e gravava-o na mente.

Havia um empregado da casa vizinha, de nome André, que também tocava viola. Isso tudo aconteceu na minha infância antes de me contactar com a periferia. Eu ainda tenho oito anos.

Por outro lado, havia a banda municipal em que actuavam algumas pessoas da minha zona. Esses acontecimentos foram os que me motivaram a ingressar na música.

@Verdade: Na sua juventude teve algum agrupamento musical?

Roberto Chitsondzo: Toquei com pessoas como Zito, Daniel Mazuze, Elias Muiambo e Sérgio Amiel. Juntos, criámos a banda The Good Show. Essencialmente, tocávamos música estrangeira, com enfoque para o Pop dos Beatles. Mas também produzíamos instrumentos musicais com latas.

@Verdade: E quando é que se transfere para Maputo?

Roberto Chitsondzo: É um percurso muito grande porque, antes de chegar a Maputo, passei pelas cidades de Quelimane e Inhambane. Depois do período inicial passei a integrar o grupo STOP em que faziam parte Suamado, Totó Malusso e Sérgio Amiel. Nesta banda chegámos de fazer concertos inter-provinciais.

Neste período aparece, em 1977, Alexandre Mazuze que é uma pessoa muito importante na minha vida. Vim com ele a Maputo a fim de fazer coros nos seus ‘shows’ em boates que existiam. Os mesmos aconteciam na Praça de Touros, no Sanzala, no Zambi e no centro de Maputo. Foi Alexandre Mazuze que



– pela primeira vez – me levou para um palco de verdade. Com ele aprendi uma série de coisas relacionadas com a vida artística.

Como se fez o seu percurso musical, antes de entrar no grupo Ghorwane?

Roberto Chitsondzo: Em 1980, houve um concurso na Rádio Moçambique para a produção da música para o recenseamento geral da população. E a minha música foi seleccionada para abrir tais programas – o que me dava o direito de gravar outras composições naquela estação.

Vim a Maputo com o propósito de fazer parte do elenco da Rádio. Tive algumas orientações de Carlos Silva. De qualquer modo, eu não me senti feliz com a banda que me acompanhou nessa altura. Por isso, preferi não gravar as minhas músicas na expectativa de encontrar, mais tarde, amigos que me pudessem acompanhar.

Colocaram-me na província de Inhambane, onde gravo músicas no Emissor Provincial local. As mesmas foram enviadas para o programa No Coração da Noite, dirigido por Izidine Faquirá e Luísa Meneses, em Maputo.

Pedro Langa estava a trabalhar no Grupo Xigutsa Vuma de Simião Mazuze. Essa colectividade havia ganho um prémio no concurso da AEMO e três dos seus elementos criaram um novo projecto que se chamou Ghorwane. Falei com Pedro Langa no sentido de gravar as minhas músicas – o que aconteceu em 1984. Foi assim que entrámos, pela primeira vez, para gravar as músicas (Xizambiza, um dos temas) do Ghorwane.

Entretanto, como a minha filha tinha problemas auditivos – o que não se tratava em Inhambane – tivemos de nos transferir para Maputo. Por isso, acabei por ficar, definitivamente, no grupo com o qual havia gravado as minhas músicas.

O palco surpreende-me

Qual foi a obra que o levou ao auge na banda?

Roberto Chitsondzo: Cada álbum tem as suas histórias. Com as primeiras músicas da Ghorwane, as pessoas enchiam o palco para ver o concerto. Eles ofereciam-nos dinheiro e dançavam connosco emocionados. Isto acontecia nos cinemas de Maputo e Matola. Portanto, essa foi uma fase ímpar da nossa carreira. Depois seguiu-se uma fase em que realizávamos espectáculos nos campos de futebol com o envolvimento de artistas sul-africanos. Eles respeitavam muito a nossa sociedade, por isso os nossos ‘shows’ deviam ser marcantes.

Tivemos uma época em que, pela primeira vez, fomos à Suazilândia e não sabíamos como é que o público se iria manifestar. Ficámos preocupados porque, nesse dia, começou a chover, mas, felizmente, o concerto não foi interrompido. Depois tivemos várias experiências na Europa que enriqueceram o nosso percurso artístico. Ou seja, não há momento nenhum em que digo que sou suficientemente experiente como artista. O palco surpreende-me constantemente.

@Verdade: Pode falar mais de si na banda? Sobre a sua experiência como artista singular?

Roberto Chitsondzo: É este o meu defeito – não gosto de falar de mim. Mas eu sei que algumas das minhas músicas foram muito importantes para a vida dos moçambicanos. A Ku Hanya e Beijinhos – que ganhou um prémio na Rádio Moçambique –, mas acima de tudo a música Vana Va Ndhota, que é cantada por qualquer pessoa que ouve e percebe a letra, são obras que me marcam muito. Penso que essas foram algumas das obras que ultrapassaram os meus tempos.

Cantámos muito sobre a fome

@Verdade: Possui uma experiência musical com a Literatura (com Mia Couto que deu origem ao disco Não É Preciso Empurrar) e com o Cinema (fazendo trilhas sonoras para documentários). Que mais-valias essas experiências trouxeram à sua vida artística?

Roberto Chitsondzo: Foi uma experiência que me possibilitou ver os efeitos que a minha produção musical gera na vida das pessoas, numa determinada situação. Nós ví-

nhamos de uma situação de guerra e de fome. Cantámos muito sobre isso. A nossa primeira manifestação artística, depois do conflito armado, tinha como objectivo fazer as pessoas viver num ambiente de paz e de alegria, orientando-as para que fossem votar a fim de se desenvolver a nação.

Acredito que as primeiras eleições gerais tiveram muita força por causa do trabalho que realizámos.

Foi uma música que devia servir de trilha sonora para a produção cinematográfica. Foram envolvidas muitas pessoas como, por exemplo, Sol de Carvalho, Filimone Meigos, Ana Magaia, João Manja, Lucrecia Paco e Mia Couto.

@Verdade: Fale-nos mais da sua experiência cinematográfica.

Roberto Chitsondzo: O primeiro filme para o qual fiz uma trilha sonora pertence a José Passe e chama-se A Solidão do Senhor Matias, mas para mim – por causa do título da música que criei – ficou Wa Chukvala. O filme é sobre a prosa com o mesmo título inserido no livro Orgia dos Loucos de Ungulani Ba ka Khosa.

Com base nas leituras que fiz do livro ganhei inspiração para fazer essa trilha sonora. Isso tudo aconteceu antes de acabar a guerra, em 1989.

Nunca pensei nisso

@Verdade: Passados esses 30 anos da existência da banda Ghorwane, sente-se um artista maduro? Podemos – por imposição – criar uma praça com o nome Roberto Chitsondzo?

Roberto Chitsondzo: Nunca pensei nisso, mas o privilégio de ter uma praça é algo que são os outros ofertar. Você não escolhe. Se os feitos argumentam nesse sentido – tudo bem. Teria se de agir nesse sentido.

@Verdade: Existe um Centro de Conferência Joaquim Chissano e uma Praça Maria de Lurdes Mutola erguidos em reconhecimento dos feitos destas pessoas. Então, Ghorwane e Roberto Chitsondzo são um marco na nossa história...

Roberto Chitsondzo: É verdade, mas penso que seria pedir demais à sociedade moçambicana. Além do mais eu não me considero um homem realizado. Entretanto, o mesmo já não se pode dizer em relação à minha banda. Ghorwane é uma referência no país e no mundo. Por isso, merece o carinho de todas as pessoas.

Eu vivi em vários sítios. Tenho experiências várias e não sei qual delas é melhor para os moçambicanos. Não sei se as pessoas dão-me valor por ter sido professor, um músico ou simplesmente por ser um bom cidadão. Mas acredito que – para a pergunta que me coloca – não é frequente as pessoas dizerem sim. Eu sei que, sem querer, entro na casa e na vida das pessoas que reconhecem o meu trabalho. Então, um dia a sociedade vai-me elevar.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Mister Eberhard Wagnes, de Londres, foi multado, há tempos, em 25 dólares por ter chamado 10.000 vezes mentirosa à sua mulher.

As ostras gastam cerca de 20 horas por dia só para comer.

Através do telescópio gigante do Monte Palomar, nos Estados Unidos da América, é possível ver-se uma vela acesa a 41. 000 milhas de distância.

Depois dos 40 anos, o corpo humano diminui ¼ de polegada em cada 10 anos.

Na Austrália, há cerca de dois séculos, era proibido criar coelhos. Este roedor, que nos países europeus não passa de um animalzinho inofensivo e de pacíficos costumes, tornou-se para os australianos um verdadeiro flagelo. E tudo isso porque o clima naquele país é-lhes extremamente favorável. Sabia-se, no século XIX, que o máximo da gestação de uma coelha era de seis semanas, e que no fim dum ano poderia ter 400 descendentes e oito milhões em três anos. Mas, até então, estava-se no domínio da teoria. Somente em 1859, um colono chamado Austin teve a ideia de mandar vir doze casais de coelhos para criar. Deram-se tão bem no país que, dois anos depois, eram 25 mil. Mas, como facilmente se depreende, prejudicavam a agricultura. Tentaram, sem sucesso, destruí-los. Tudo foi empregado, desde o “boomerang” ao “bulldozer”, passando pelo cão selvagem. Sabendo-se que seis coelhos comem tanto como um carneiro, compreende-se o interesse daquela luta.

PENSAMENTOS...

- Trabalha e terás, madrugada e terás.
- O caminho não tem prazo.
- Estopas ao pé do lume não estão seguras.
- Ninguém diga “desta água não beberei”.
- Não é o médico que procura o doente.
- A verdade é como o azeite: vem sempre à tona.
- Em pano sem valor não cai nódoa.
- Não cabem dois proveitos num só saco.
- A borbulha dói ao seu dono.
- Não estejas à espera dos sapatos do defunto.

CHARADA

- + mão = utensílio de carpinteiro
- + mão = bezerro de um ano
- + mão = árvore da família das rutáceas
- + mão = chibo africano
- + mão = auxílio

RIR É SAÚDE

O médico para uma paciente:
– Minha senhora: para evitar a gravidez, o melhor que posso aconselhar é beber um copo de água à temperatura normal.
– O quê, senhor doutor?! Um copo de água? Mas... pode lá ser uma coisa tão simples! Mas... mas, senhor doutor, o copo é... antes de... ou depois de?...
– Não, minha senhora. É em vez de.

No comboio vai um cavaleiro acompanhado por 16 crianças de várias idades. Uma senhora, curiosa, mete conversa com ele e diz-lhe:
– O senhor tem muitas crianças!
– Não, minha senhora. Não são meus filhos. É que sou representante duma fábrica de preservativos e eles são as reclamações.

Muito alegre, depois de uns copos bebidos, o homem puxa pelo braço do amigo de ocasião, arranjado naquela festa, e diz-lhe em tom de gabarolice:
– Estás a ver? Que coincidência! Olha aquelas duas, ali. A loira é a minha mulher, e a morena que conversa com ela é minha amante.
– Curiosa coincidência, realmente. Comigo e com elas passa-se exactamente a mesma coisa... Só que é exactamente o contrário.

Diz um indivíduo:
Agora sim! Estou satisfeito! Apetece-me até gritar! Graças à Independência já tenho um partido!
A mulher:
– Ó homem, está calado. Se te pões para aí a gritar, ainda te partem o outro.

A senhora, muito nervosa e que sofre do coração, está a descascar batatas. Entram três vizinhas, preocupadíssimas, sem saber como lhe hão-de dar a notícia da morte do marido, tentando evitar-lhe algum acidente cardíaco.
– Sabe D. Maria – diz a primeira –, o seu marido vinha ali na rua...
– Ah sim? – diz a senhora, que continua a descascar uma batata.
– Depois ia atravessar a rua... – continua outra das vizinhas.
– Sim? – diz a senhora. E continua a descascar a batata.
– Depois vinha um carro, do lado de cima... – diz a terceira vizinha. A senhora continua a descascar as batatas, e exclama apenas: – Ah.
– Sabe D. Maria? O seu marido foi atropelado mortalmente pelo carro!
– Olha! – diz D. Maria – Já não descasco mais batatas. Estas chegam para o meu almoço.

SAIBA QUE...

As manchas de ferrugem desaparecem imediatamente se se molhar um pano branco e o manchado em sumo de limão, colocar-se um sobre o outro e passar a ferro.

Para se combater os soluços dissolve-se uma pedrinha de açúcar na boca, embebida em éter.
Na falta destes elementos, abra a boca, sustenha a respiração e ande um pouco.

Quando se limpa uma nódoa de qualquer vestuário com benzina, deve-se juntar a esta uma pitada de sal, a fim de se evitar a mancha que a benzina provoca.

Ao escamar o peixe deve mergulhá-lo em água a ferver, pois assim as escamas saem com facilidade.

Para a vista fatigada durante o dia, deve-se aplicar banhos de água salgada, tépida. Deste modo, os olhos descansam e tornam-se mais claros.

HORÓSCOPO - Previsão de 13.09 a 19.09



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: O aspeto financeiro será caracterizado pela regularidade; no entanto, deverá ter em atenção que poderá surgir uma despesa, inesperada. Para o fim deste período, a situação, tenderá a melhorar.

Sentimental: A sua vida sentimental será, até certo ponto, o reflexo da forma como considera o seu par e procede com ele. Tente ser mais carinhoso e compreensivo.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Os Negócios, não encontram, neste período, o ambiente mais favorável. As suas finanças deverão ser bem acauteladas e não deverá proceder a qualquer aplicação de capital.

Sentimental: Na área amorosa deverá ser, extremamente, cuidadoso. Tente não magoar o seu par, seja carinhoso e ofereça uma prenda para amenizar o ambiente.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: As finanças poderão atravessar um momento difícil que, poderá ser ultrapassado, com o seu habitual otimismo; no entanto, seja realista e não faça despesas desnecessárias.

Sentimental: O seu par é para si uma pessoa importante, assim e para que não aconteçam imprevistos, use o diálogo como forma de esclarecer o que pensa estar errado.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: As suas finanças deverão apresentar-se regulares, durante todo este período; no entanto, não será aconselhável qualquer aplicação de capital ou, investimento, aguarde por uma altura mais favorável.

Sentimental: Durante esta semana, aconselha-se que seja gentil e carinhoso com o seu par. Poderá surgir alguém a tentar criar um “triângulo” amoroso que deverá ser evitado, a todo o custo.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Despesas, inesperadas, poderão complicar um pouco o seu orçamento. Mantenha-se atento aos gastos e estabeleça prioridades.

Sentimental: Este aspeto, embora um pouco afetado, por razões alheias às questões sentimentais, poderá ser um bom suporte para se sentir acompanhado e para saber que alguém se preocupa consigo.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As suas finanças poderão conhecer, durante este período, uma situação de algum melindre. Não se deixe conduzir por impulsos e analise as questões antes de decidir. Para o fim da semana, a situação deverá começar a melhorar.

Sentimental: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros; mantenha-se atento em relação a esta questão.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O aspeto financeiro recomenda grande prudência em tudo o que forem despesas supérfluas. Os investimentos não encontram, nesta fase, a altura mais adequada.

Sentimental: As relações sentimentais dos nativos deste signo poderão caracterizar-se por uma grande necessidade de proteger a pessoa que, sentimentalmente, lhe é próxima.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: O aspeto financeiro deverá merecer, da sua parte, a maior atenção. Não gaste mais do que deve. Toda a espécie de aplicações de capital e investimentos deverão ser, cuidadosamente, analisados.

Sentimental: A sua vida amorosa poderá ser influenciada por outros aspetos; assim, tente ser atencioso com o seu par e não crie situações de tensão que, especialmente, neste período, poderão ter consequências desagradáveis.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: As suas finanças apresentam-se regulares e não deverá sentir dificuldades de maior, durante este período. Poderá verificar-se, para o fim da semana, uma pequena entrada de capital.

Sentimental: Seja direto com o seu par, não crie situações artificiais que, poderão desgastar a sua relação sentimental, com consequências imprevisíveis.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Período complicado; no entanto, seja positivo e use a sua persistência para não deixar que este aspeto possa influenciar, negativamente, as suas atitudes e decisões.

Sentimental: Um pouco mais de atenção ao seu par poderá ser uma forma de suavizar outros aspetos, menos agradáveis. Uma relação antiga poderá povoar o seu pensamento e levá-lo a duvidar se terá procedido da melhor forma.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações, dignas de relevo; no entanto, será aconselhável alguma precaução, em matéria de despesas e, relativamente aos gastos desnecessários, nem pensar.

Sentimental: Na área sentimental, no caso de ter alguma ligação, evite choques, perfeitamente, desnecessários e que lhe poderão trazer, algumas, situações desagradáveis.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Período pouco favorecido para iniciar negócios e para investimentos, especialmente, os que envolvam aplicações financeiras de risco.

Sentimental: Na área amorosa, seja realista e não crie situações artificiais. O seu par poderá apreciar, de uma forma muito feliz, um convite para um jantar que, se poderá tornar muito esclarecedor.



Selo d’@Verdade

Fórum da Revolução Verde de África

A minha especialização está no desenvolvimento de negócios, não no cultivo de culturas agrícolas. Porém, não é preciso ser um agricultor, um cientista do solo ou um especialista em política para saber que a agricultura é simplesmente fundamental para o futuro de África.

Como é que, afinal, isto pode não ser o caso? A agricultura continua a ser, de longe, a maior indústria e maior empregadora do nosso continente. Embora tenha havido um notável sucesso de muitos outros sectores, a agricultura ainda é responsável por quase 40 por cento do PIB dos países africanos e o meio de subsistência de sete em cada dez pessoas.

Resultados obtidos na Ásia e na América Latina mostram igualmente que o aumento da produtividade agrícola é um poderoso motor para um desenvolvimento económico mais amplo.

É por isso que o encontro em Moçambique de muitos dos líderes do nosso continente do sector agrícola é tão importante. O Fórum da Revolução Verde de África a ter lugar em Maputo tem por objectivo encontrar formas de acelerar a transformação da agricultura em todo o continente.

O objectivo não é apenas produzir alimentos suficientes para os 23 milhões dos nossos concidadãos que ainda não têm o suficiente para comer, mas, a longo prazo, exportar o excedente da produção para o resto do mundo, aumentando, assim, as receitas e combater a fome global. Ao fazer isso, vamos impulsionar o já impressionante crescimento económico do nosso continente e, sobretudo, garantir que ele seja amplo e bastante partilhado.

Embora seja uma meta ambiciosa, apesar de todos os desafios que terão de ser superados, estará seguramente ao nosso alcance. Afinal de contas, África conta com 60 por cento de terras aráveis não cultivadas a nível global e, em muitas partes do nosso continente, conta igualmente com água abundante para irrigação sustentável. Temos, também, uma população jovem, enérgica e cheia de recursos, que, com o apoio adequado, pode transformar a produção agrícola.

As boas notícias são que este apoio está finalmente a começar a ser facultado. Os governos em toda a África estão a dar prioridade à agricultura e ao desenvolvimento rural. O Programa Integrado da União Africana para o Desenvolvimento da Agricultura em África – assinado em

Maputo há uma década – tem dado um importante impulso e coesão a estes esforços.

Vimos também novas parcerias e iniciativas inovadoras a ser lançadas pela AGRA – Aliança para a Revolução Verde em África – para colocar o exército de pequenos agricultores do nosso continente no centro da transformação de que precisamos.

Incidindo sobre os pequenos agricultores não significa que as grandes fazendas comerciais não têm também um grande papel a desempenhar. Ao colocarem-se no centro da comunidade agrícola local, como muitos já fazem, podem reanimar a agricultura. Antes pelo contrário, é um reconhecimento simples e pragmático de que é apenas o desbloquear do potencial de 33 milhões de pequenas propriedades do nosso continente e as melhorias daí resultantes e à escala necessária.

São os pequenos agricultores que, afinal, produzem a maior parte dos alimentos em África. E é ajudando-os, às famílias e às comunidades a prosperar que poderemos ter o maior impacto na disseminação da prosperidade.

Em todo o continente, o trabalho da AGRA está a ajudar a fazer a diferença a partir do campo para o mercado, aumentando as colheitas, melhorando a cadeia de abastecimento, proporcionando novos investimentos, desenvolvendo novos negócios e aumentando o rendimento. Mais de 400 novas variedades de culturas, por exemplo, foram especificamente desenvolvidas em África para as condições específicas do nosso continente.

Os agricultores africanos e empresas agrícolas têm sempre demonstrado que se lhes dermos a oportunidade eles vão agarrá-la com ambas as mãos. Precisamos agora de fornecer essas oportunidades para mais agricultores e comunidades.

Então, como é que vamos realizar essa ambição? A minha experiência de fazer negócios em África, ao longo de décadas, ensinou-me que não há motor do progresso mais poderoso que combinar os poderes complementares do sector público com os do privado. Eles podem criar uma verdadeira parceria com os governos e fornecer política correcta, quadros jurídicos e financeiros correctos em que o dinamismo do sector privado pode prosperar.

Construir e fortalecer as parcerias público-privadas é o foco principal do Fórum, esta semana. Em particular, a discussão vai-se centrar nas formas de atrair novos investimentos e crédito para a agricultura.

Essa mudança é uma necessidade urgente, pois os mecanismos de financiamento existentes ainda continuam a falhar na resposta às necessidades. O investimento na tão importante indústria permanece bem abaixo do que é necessário para trazer uma mudança radical na produção. E enquanto a agricultura é responsável por cerca de 40 por cento do PIB de alguns países africanos apenas 0,25 por cento dos empréstimos bancários vai para os pequenos agricultores. O resultado é que os agricultores e pequenas agro-empresas lutam para obter o financiamento para investir em novas sementes, fertilizantes e equipamentos.

Mas, juntando os pequenos produtores, podemos reduzir os riscos e aumentar as economias de escala para tornar estes clientes mais atraentes aos que fornecem o crédito. A inovação tecnológica também pode ser usada para reduzir custos e atender a estas necessidades de investimento e de crédito. África já está a criar uma liderança mundial no sector bancário móvel – um sector que conheço bem – e há ainda muito mais que podemos fazer nesta área.

Através da criação de novas parcerias público-privadas, podemos garantir que a agricultura africana atinja o seu rico potencial por forma a aumentar a produção de alimentos e conduzir à prosperidade. Na verdade isso já está a acontecer em áreas tão diversas como finanças inovadoras, melhorando a armazenagem e financiamento de projectos de irrigação. Precisamos de encontrar maneiras de ampliar estas iniciativas.

As sementes do sucesso já estão plantadas. O desafio em Maputo desta semana em diante é fornecer as condições onde eles se possam desenvolver.

Escrito por: Strive Masiyiwa

*Presidente da Econet Wireless e Vice-Presidente do Conselho de Administração da Aliança para uma Revolução Verde em África, um co-patrocinador do Fórum da Revolução Verde em África, que decorreu esta semana em Maputo, Moçambique.

Mau serviço prestado pelo Millennium BIM

Escrevo ao Jornal @Verdade na qualidade de cidadão para expressar o meu descontentamento com o tratamento que o Millenium BIM dedica aos seus clientes. No dia 8 de Setembro, domingo, dirige-me à caixa automática desta unidade bancária localizada no Centro de Conferências Joaquim Chissano. Aparentemente, a caixa estava a funcionar. Porém, depois de introduzir o cartão com o objectivo de fazer uma operação bancária, nenhum dos botões respondia. Meia hora depois a máquina deixou simplesmente de funcionar. Portanto, lixou-me. No entanto, coisas desta natureza ocorrem com menor ou maior frequência quando se trabalha.

Na segunda-feira, dia 9, dirige-me a uma unidade do Millenium BIM na rua Timor-leste com o fito de levantar o meu cartão. Depois de suportar a lentidão de processos dos funcionários bancários chegou a minha vez de colocar a preocupação. A senhora que me atendeu, depois de uma rápida consulta aos papéis na sua mesa nos quais constava uma série de informações sobre os cartões recolhidos, disse-me que o meu cartão não estava lá e que só podia voltar na quarta-feira. Ou seja, o meu cartão só estará disponível para que eu possa usar cerca de 72 horas depois de ficar retido por causa de um problema que não me diz respeito. Perguntei à senhora se na relação banco/cliente só existiam obrigações e deveres do lado deste último. A senhora, depois da minha manifestação, fez uma chamada e disse-me que o meu cartão só poderia estar disponível no dia seguinte. Isto é, terça-feira.

Exigi um livro de reclamações ou coisa parecida. A senhora disse-me que podia falar com o gerente. Contudo, não me levou até ao homem. Deixou claro que tinha de ir ao balcão e suportar outra fila enorme para solicitar a presença do gerente. Dito e feito. Chegado ao balcão, uma outra funcionária quis saber de que assunto se tratava. “Reclamação”, disse-lhe. Pedi-me para aguardar um minuto que se revelou, depois, uma eternidade. Insisti e ela foi ter com o gerente. Falou com o homem, mas ele não saiu do lugar.

Falei com outra funcionária e não tive, mais uma vez, sucesso. Olhei para os lados e procurei algum livro de reclamações ou coisa parecida. Debalde. Frustrada a

minha tentativa de falar com gerente para expressar o meu profundo descontentamento, olhei para o telefone para ver as horas. Já passava um hora e meia e eu estava no banco: sem cartão e privado do meu direito de reclamar.

Dei as costas ao banco e fui-me embora. Contudo, há tanta coisa que foi atropelada nesta relação banco/cliente que eu solicito ao @Verdade algum esclarecimento. Abaixo deixo as minhas questões que gostaria de ver respondidas o mais breve possível.

Segundo a Lei número 22/2009 que regula as matérias respeitantes à defesa do consumidor, nas alíneas a) e i) os meus direitos foram apedrejados pelo Millenium BIM. Ou seja, não obtive ao usar a caixa automática daquela unidade bancária “qualidade dos bens e serviços” e fui vítima de “publicidade enganosa e abusiva”. Portanto, a minha ida ao banco não me garantiu protecção contra os direitos violados. Muito pelo contrário.

A lei diz que “o prestador de serviços responde pelos vícios de qualidade que os tornem impróprios ao consumo ou lhe diminuam o valor (...)”.

1. De quem é a responsabilidade pelos prejuízos que podem advir do facto de o meu cartão estar inacessível?
2. Como irá o Millenium BIM ressarcir-me de tais prejuízos?
3. Porque não existe na maior unidade bancária do país um livro de reclamações?
4. Quais são as responsabilidades do banco na sua relação com os seus clientes?
5. O Millenium BIM julga, enquanto instituição, que as respostas frívolas, estúpidas e deselegantes dos seus funcionários contribuem para resolver as inquietações dos clientes, razão superior da existência dos vossos colaboradores?

Rui Lamarques

Melhem o atendimento e funcionamento nas lojas da EDM em Nacala-Porto

Senhor Director

É com imenso prazer que agradeço a publicação desta minha pequena missiva que vem com o objectivo de tentar melhorar os serviços de atendimento ao cliente pela empresa EDM à população de Nacala-Porto.

O anterior director desta instituição, neste ponto do país, apercebendo-se do desenvolvimento da zona, com a criação da Zona Económica Especial, do impacto e do fluxo de empresas que haveria de acontecer, investiu numa obra que incluía uma loja no centro da cidade para venda de Credelec bem como um serviço de piquete a funcionar 24 horas por dia. Boa ideia e mais alegria para a população, pois até aquela altura (2010) os dois postos (um na baixa da cidade, na sede da EDM, e outro na zona alta) que havia funcionavam somente das 08 às 21 horas. Estávamos a crescer, a acompanhar o desenvolvimento e LUTANDO CONTRA A POBREZA.

Acontece, porém, que este Director, pouco tempo depois da abertura desse espaço, foi transferido de Nacala e o seu sucessor entendeu (pois não fez consultas públicas nem internas) que a loja só deveria funcionar até às 22 horas e o piquete até às 23 horas. Portanto, um revés à alegria da população.

Aquando desses acontecimentos, e espantado como toda a população desta urbe, ainda tentei falar com o senhor director por telefone várias vezes, mas ele não me atendeu. Como vi pela televisão que a Electricidade de Moçambique tem uma nova figura, o Provedor do Cliente, e com número de telefone li-guei para lá e a resposta que recebi da senhora que me atendeu foi de que “este gabinete só funciona nas cidades de Maputo e Matola”. Fiquei espantado mas.... calado.

Este fim-de-semana, mais propriamente no sábado de manhã, consultei o meu Credelec e só tinha 10 Kws e pensei que não eram suficientes. Então dirigi-me ao posto da baixa da cidade e bato com o nariz na porta porque estava encerrado. O agente de segurança informa-me de que os postos da cidade agora só funcionam nas horas normais de expediente e que estão abertos dois novos postos na zona periférica, que distam cerca de 3 km do centro da

cidade.

Caros leitores, fui ao primeiro posto das redondezas da cidade e encontrei uma fila com mais de 100 pessoas, dirigi-me ao segundo e a situação era idêntica. Desisti naquela hora. Enquanto regressava à casa passei pelos outros postos mas já era tarde (20 horas). No dia seguinte, domingo, iniciei a minha campanha de compra de energia às 10 horas e a situação era a mesma. Acabei por me render e tive de recorrer a lanternas.

Desculpem-me mas não aguentei e decidi escrever esta carta pois não é possível que numa cidade como Nacala-Porto, em crescimento e com a constante chegada de investidores, esteja a acontecer isto.

Só para lembrar: nesta cidade vivem pessoas que saem de casa às 05 horas da manhã e só voltam depois das 20. Se os postos da EDM funcionam apenas neste intervalo de tempo, quem irá trabalhar, uma vez que somos obrigados a estar na fila durante o dia todo?

Na minha humilde opinião, os postos de venda de energia devem funcionar 24 horas por dia. Podem até fechar o da agência-sede, mas os restantes têm de estar abertos ininterruptamente.

O mais agravante ainda é que nas vitrinas da loja e da piquete está escrito em letras garrafais: “ABERTO 24 HORAS”.

Não tenho nenhuma relação (boa ou má) com este director, mas não vi outra forma de fazer chegar o grito de socorro dos munícipes de Nacala-Porto. Acredito que muitos se revêem nesta carta.

Será que este director não vê o crescimento que a cidade está a registar????? Não sente que todos os dias há novas casas, empresas, hotéis, restaurantes, etc.????? Só quem não vê é que mantém esta situação!!!

Um apelo: senhores dirigentes de empresa públicas, lembrem-se também do público. Não pensem só em números.

João Dias



goste de nós no
[facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)

7/9 às 13:19 ·

CIDADÃO Sebastião REPORTA:
O autocarro de Nagi que saiu de Nampula com destino a Maputo envolveu-se em **#acidente** de **#viação** na manhã deste sábado na estrada nacional número 8 na cidade de **#Nampula** onde embateu-se com uma viatura de marca landcruzer. Não houve vítimas mortais, mas feridos um dos quais grave que foi levado imediatamente ao hospital central de Nampula.



Idalino Uache esses tipos andam muito mal mesmo, na semana passada eu vinha de massinga pra maxixe a andar a 140 km numa mazda BT50- 300 cc fui ultrapassado por um autocarro da Nagi bem carregado de pessoa como se eu xtivesse a anadar a 60 ou 80 km, agora me digam a k velocidade o autocarro vinha? Isto demonstra a falta de responsabilidade dos tais motoristas k se acham os reis da estrada... 7/9 às 13:27



Samita Charles Os motoristas destes transportes estam sempre apressados 7/9 às 17:53



Domingos Antonio Pedro Sera k os motorista do famoso Nagi nao carecem d uma espenção, axo k muits sao Tanzanianos, e podem nao conhecer bem as vias e nao respeitam os sinais d perigo 7/9 às 17:31



Samora Zefanias Massingue mesmo andar bem sempre acidente acontece k faser. 7/9 às 13:51



Casimiro Arnaldo Nagi toda hora? Alguma coisa não esta boa ai entre vós pa, ou os carros ou motoristas. 7/9 às 13:32



Jaime Henriques NAGI e MANING NICE andam mal · 7/9 às 13:26



Dino João Pedro exex motorixtas da nagi fumam mto cannabis antx d partir por ixo nao teem perigo d k fzm · Ontem às 5:58



Sergio Antonio 140km é morte certa. Não tem familia.? Seu irresponsável. Não keremos chorar aki. Devagar devagarinho. · 8/9 às 4:40



Sergio Antonio Idalino ke é isso 140 km/hora? Rveja suas atitudes na xtrada. Ja vamos para fim de ano. · 8/9 às 4:36



Samuel Braz Essa transportadora é assassina. Se continua a operar é porque o nosso governo nao é sério. Com tantos acidentes assim, devia fechar. · 7/9 às 18:50



Xavi Leonor Chichava Triste, em pleno dia d paz. · 7/9 às 18:13



Bichehe Salimo Mecula toda hora avaria, tricamo leva mto tmpo, nagi e maning naiss fodas velocidad excessiva. Aprovado ETRAGO · 7/9 às 16:38



Sagres Conceicao sempre nagi k vai a maputo · 7/9 às 16:34



Lino Fumo é o result d ser rei da xtrada n sei kal é a preça receita (ou eram pilotos tao costumados a andar d 400k/h isso so acontece no ar n na xatrada terrestre) · 7/9 às 16:23



Dalton Buanara as vezex o acidente é imprevisivel, pai Deus xteja cm ox feridox!! · 7/9 às 15:12



Claudina Joao Nicala Nicala elex andam mal max xegam cedo. melhor è desapertar o acelerador · 7/9 às 15:10



Dino João Pedro exes autocrros xo servem p corrida d formula1, p passageiro nao serve... 7/9 às 14:26



goste de nós no
[facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)

7/9 às 6:42 ·

Apesar da campanha eleitoral ainda não haver iniciado oficialmente o Presidente da Frelimo e da Republica, Armand Guebuza, depois das Presidências Abertas, prossegue a sua agenda ao em ritmo de pré-campanha e, nesta segunda-feira (9), afirmou que a Organização da Juventude Moçambicana (OJM) tem a nobre missão de garantir a vitória do seu partido, no poder, e dos seus candidatos nas eleições autárquicas de Novembro próximo.

<http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/39817>



Kapitawu Guerra Há coisas que jornalismo de verdade não deve fazer. Se todos os moçambicanos sabem que a OJM é uma organização interna da FRELIMO, qual é o mal da declaração do Camarada Guebuza? Falou para os jovens do partido. Porque vocês criticam tudo o que os líderes da FRELIMO afirmam? Analfabetos são aqueles que perdem seu tempo falando do que não lhes interessa... Deixem a FREL fazer o seu papel e usem argumentos construtivos. A vida me ensinou que quando o homem vê um leão e começa a gritar é porque tem medo... · Ontem às 19:43



Ohoma Maulana Ta bem claro. Nao ha uma organizacao que representa juventude mocambicana. A OJM é 100% do cartao vermelho. 2 · Ontem às 19:44



Dickson Alexandre Agora é que ele precisa dos jovens? Em todos esses anos nao viu a camada jovem! É agora que ele reconhece a nossa importancia! Fodams! Dsclp me Sr. Presidente, mais não conte comigo! Ontem às 19:22



Jeremias Nhamue Essa OJM k inviabiliza eventos de outros partidos? De nobre missao nao tem nada mas cheia de BURROS E ANALFABETOS ESCOLARIZADOS. · Ontem às 19:13



Raimundo Silvestre Bucuane Mesmo se for a Renamo e MDM sera o mesm, foi por isso k nao me recessiei pk sei k todos sao cabritos k comem ondem stao amarrados. · Ontem às 19:28



Idalino Uache a frelino faz campanha eleitoral todos os dias isso ja nao e novidade pa... mas se fossem os outros partidos fazendo isso... eishss. Ontem às 19:15



Zé Manel A Educação é o principal motor para o desenvolvimento de qualquer País. E Moçambique que bem necessita de um projeto educacional promissor(escolas, universidades, escolas profissionais) que aponte claramente para o futuro deste País. Também são muito importantes a Saúde(hospitais universitários e centros de saúde), Saneamento Básico(esgotos, luz, água, tratamento de lixo) e Infraestruturas Públicas (estradas e ruas pavimentadas, linhas férreas, portos, telefone, internet, televisão). Não podemos esquecer-nos da agricultura sustentável feita pelos pequenos agricultores para pôr comida no prato de todos os moçambicanos. Os agroindustriais que ficam com as terras mais férteis, só trazem pobreza para muitos e riqueza para uma minoria. há 6 horas



Celso Mahenhane A maldita Presidencia aberta é canpanha · Ontem às 20:32



BL Na Boa a missao é garantir a vitoria do partido. K cara de pau. Gosto · 1 · Ontem às 20:22



Arsenio Nkabwede Sim senhor. Xtao bravos rapazes pork? Os talheres xtao nas voxas maos p cortarem o bolo Gosto · 1 · Ontem às 19:35



goste de nós no
[facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)

7/9 às 6:42 ·

CIDADÃO REPORTA:
Boa noite!

Escrevo-vos da cidade, passam neste momento 42 minutos da 1 hora de madrugada! Somos moradores do predio da LAM, no centro da cidade de Pemba, estamos a sensivelmente 5 meses, ou um pouco mais, que vivemos um terror (poluição sonora) protagonizado pelo Sr. Josef, proprietário duma casa de pasto que funciona no recinto da Sycamore Service, que na nossa percepção não tem condições para funcionar como discoteca no local em esta localizada. O que está a acontecer é um autêntico abuso de som que, em todas as semanas, começa numa quinta-feira às 21h e só pára às 4h numa segunda-feira. Isto já está a se tornar insuportável para nos que precisamos das noites para descansar para poder ir trabalhar com disposição no dia seguinte. Já tentamos passivamente falar com o Sr. Joseph para ver se podia consentir e parar com o poluição sonora, mas está a mostrar-se resistente. Temos conhecimento que existe código de postura Municipal, mas a policia municipal mostra-se ausente ou desprovido de meios perante esta situação. E a pergunta que não quer calar é: “será que o código de postura da cidade só funciona para os vendedores ambulantes que procuram de uma forma humilde ganhar o pão para o seu próprio sustento”? Há dois anos ou aproximadamente, o município mandou fechar uma discoteca (Tchivas) que funcionava mais ou menos nas mesmas condições que a que referenciamos acima. O espanto é: porque é que o mesmo município não se faz sentir perante um barulho intolerável como o do Sr. Joseph? Estamos muito indignados, queremos através do vosso jornal lançar o nosso grito de socorro, ajudem-nos a a voltarmos a apanhar o sono.



Ahmed Son fazer uma carta ao president ou um abaixo assinado pode resolver,caso nao resulte,entao somente ir fazer barulho em casa do president do municipio de madrugada, assim ele tera o peso na consciencia... 7/9 às 7:02



AX Mimbire se fizer barrulho na rua dele mandarao a fir dar cabo de ti , e assim vai o belo mocambique 7/9 às 11:38



Ana Puga H'a varios casos de extrema poluicao sonora em Pemba e realmente as vitimas dela nao sao ouvidas nem defendidos os seus direitos. A Igreja Universal do Reino de Deus eh um dos grandes transgressores (na sua igreja no Desportivo e na da Expansao). Uma falta de respeito pelo trabalho ou descanso de todos os que as rodeiam, a qualquer hora do dia ou da noite. Quem lhes tera' dado aquelas aparelhagens brutais?! 7/9 às 10:09



Barcelino Horacio caros cidadãos os a resolucao desse assunto carrece da vossa uniao junto o chefe de quarteirao 7/9 às 8:07



Domingues Domingos Puto **Maravilha** Aqui em Moz ninguem socorre ninguem e cada um por si, enquanto nao devia ser assim. · 7/9 às 7:24



Almeyda Fontes Max Com certeza o tal joseph patrocinara a campanha eleitoral a favor da frelimo, se es um informal, traficante ou bandido e queres viver bem aqui no meu país Moz compra 4 motas e 2 carros sedan offerreca com isto é como se estivesses a comprar o MozGUEBAS Country 7/9 às 7:06



Armando Nobre Tap LASTIMAVEL. Coisas da Burrocracia Moçambicana. Pelo facto do Sr. ser estrangeiro, parece que os Agentes,o veria-dor, o presidente de municipio tem medo de-o enfrentar.7/9 às 8:28



Sally Custodio Maceira Ms, o k e' isso da "poluicao sonora"??? Existe !???? 8/9 às 1:22



Orlando Chirrinze O Sr. Josef deve investir em tecnologia (colocar paredes e portas à prova de som) para poder desenvolver o seu negócio sem ferir os direitos dos moradores da zona. Caso contrário, a discoteca deverá ser deslocalizada, tal como acontecer com a Discoteca Xigovia, na Cidade de Xai-Xai. 7/9 às 9:29



Rassul Nobre PM Respeito pela paz e tranquilidade dos proximos, e um factor de hora e carater, acredito que o individuo em causa esqueceu-se do principio de moral e etica. 7/9 às 8:15



Khaizer Bagus Nao sou a favor de qualquer acto menos pensado. A melhor forma e escrever uma carta para ele. Se isso nao ajudar uma carta para o municipio. Se isso nao ajudar meter a comunicacao social no assunto. E se isso nao ajudar iniciar uma accao legal contra ele atraves de um asvogado. Podera ate conseguir uma boa indemnizacao pelos danos morais que tem sofrido. O processo pode demorar. Mas voces ja foram pacientes este tempo todo. Nao vale a pena arriscar irem a cadeia por roubar o aparelho dele ou perturbar a ordem publica em casa do presidente... apenas a minha opinião · 7/9 às 8:00



Jeremias Nhamue Povo unido ja mais será vencido,unam se e detonam esse tal de Joseph. Os moçambicanos sao Jossefas,agora exe nao sei donde vem. · 7/9 às 7:41



Mario Fenias Macuacua isso prova que ; a constituicao da Republica no ministerio do interior assim como nos Municipios, ja mais ajudara o #pobre , mas sim #prejudica o pobre! por isso no Pais , os ricos xtao cada vez mais #enriquecer e os pobres cada vez mais ... · 7/9 às 7:13



Reginaldo Damasco Quive **Mulamula** Agora qualquer coisa é guebas e o partido? ? Outras coisas... 7/9 às 7:03



Ofelio Boné VII Bem, este caso é grvíssimo. Se ninguém não e pronunciar isso me levará a afirmar claramente a minha doxa. "este país está feito de um sistema de corrupção" 8/9 às 1:17



Deviz Ngalezza Asusse Quem tem unhas e' kem pode tocar guitarra, cabe ao Tagir agir como edil de pemba, se o joseph nao fosse alguem de renome na praca desta linda baia ja teriam fechado a muiiito tempo. · 7/9 às 18:50



Florindo Afonso Mepanda A uniao fas a forsa unausi e vao falar com ese endivido jossef quem ele e para nao deixar o povo gozar do seu repozo · 7/9 às 12:28



Osvaldo Francisco o municipio tem que tomar providencias afinal e um caso serio, e a resposta disso e exclusivamente do municipio · 7/9 às 12:19



Paunde Alberto A denuncia eh pertinente · 7/9 às 12:00



Idalino Uache E so cortarem a energia do estabelecimento do senhor joseph... · 7/9 às 11:21



Xavi Leonor Chichava Pais do pandza. Exe tipo é um da frel....., tem costas kentes "isto"é" tem costas a arder, por isso a policia n faz nada. Porventura fosse um zé ninguém ja o teriam madado fechar essa espelunca. 7/9 às 10:43